

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE: João Batista de Magalhães

SECRETARIO: José Faustino Filho

GERENTE: João Batista de Matos

ANO XXI

BRASIL – RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1934

NUM. 238

EDIÇÃO DE 56 PÁGINAS

SUMÁRIO

EDITORIAL

O momento militar e as influências imponderáveis 121

COLABORAÇÃO

General Malan — Cap. Lima Figueiredo 123
Organização defensiva da fronteira francesa — Major Artur Joaquim Panfiro 125
Oite-Junho de 1918 — Ten. Cel. Torres Guimarães 131
Ensaio de estudos sobre espoletas antigas e modernas — Cap. Olivio de Oliveira Bastos 134
Instalação de um material fixo russo para execução das lições de educação física — 1º Ten. Léo Borges Fortes 137
O cavalo militar — 1ºs Tens. Armando Rabelo e Bernardino Costa 140
Acções em retirada — Cap. Durval M. Coelho 145
Instruções sobre a prática do tiro — 1º Ten. Emmanuel Moraes 148
Adido Militar Argentino — Ten. Cel. Castelo Branco 153
Discurso do Major Alfredo Perez de Aquino 156
A ideologia política — Trad. do Ten. Cel. J. B. Magalhães 158
Disfarce e organizações das posições de batalha — Cel. Homo, da M.M.F. 164

DA PROVÍNCIA

Instituição e Administração — Cap. Irapuan Xavier Leal 144

DA REDAÇÃO

Escola de Educação Física do Exército 136
Sugestões 143
Atos oficiais 157
A lei de organização geral do exército 174
Livros à venda 176

A DEFESA NACIONAL

GRUPO DE ADMINISTRAÇÃO

Diretoria: — Presidente - J. B. Magalhães; Secretario - José Faustino Filho
e Gerente - J. B. Matos.

Conselho de Administração: — Gervasio Duncan, Renato B. Nunes, Emilio Ribas Junior,
Arthur Carnaúba, Alexandre Chaves e Lamartine Paes Leme.

CORPO DE REDATORES

Redator-chefe — Major José Faustino Filho — Redatores das armas: Infantaria — Major Tristão Araripe; Cavalaria — Major Orozimbo Martins Pereira; Artilharia — Cap. Olivio de Oliveira Bastos; Engenharia — Major Heitor Bustamante; Aviação — Ten. Cel. Ajalmar Vieira Mascarenhas; Serviços: Saúde — Cap. A. Gentil Basílio Alves; Intendência — Major Raul Dias Sant'Anna; Veterinária — 1º Ten. Armando Rabelo de Oliveira.

AUXILIARES

Das armas - Inf.º Capitais J. B. Matos, J. B. Rangel, Segadas Viana, H. Castelo Branco, Alexandre Chaves e Nilo Guerreiro; Cav.º Cap. Ladario C. Teles; Eng. Cap. J. Lima Figueiredo.
Dos Serviços - Int.º 1º Ten. José Salles.

CORPO DE REPRESENTANTES

Estabelecimentos e Repartições Militares

M. G. — Major Rodrigues Ribas
E. M. E. — Cap. Pery Bevílaqua
1º Gr. Regiões — Ten. Moziul
D. P. G. — 1º Ten. Toscano de Brito
D. C. — 1º Ten. Toscano de Brito
Dir. M. B. — Ten. Abda Reis
Dir. Eng. — Major Moraes Carneiro
Dir. Av. — Cap. Godofredo Vidal
Dir. Remonta —
Dir. I. G. — Ten. José Salles
Dir. S. G. —
Serv. Geogr. — Cap. Castello Branco
Serv. Radio — Ten. Juracey Campelo
Dist. A. Costa — Cap. Ary Silveira
Q. G. 1ª R. M. — Ten. Romão Leal
Q. G. 2ª R. M. — Cap. Gilberto Reis
Q. G. 3ª R. M. — Cap. Carlos Analio
Q. G. 4ª R. M. — Cap. Oscar Costa
Q. G. 5ª R. M. —
Q. G. 6ª R. M. — Major Lopes da Costa
Q. G. 7ª R. M. — Major I. José Veríssimo
Q. G. 8ª R. M. — Cap. Edgardino Pinta
Q. G. Cir. Militar — Olivio Bastos
M. M. F. — Cap. Newton O'Reilly
E. E. M. — Cap. Luiz Pinheiro

E. I. — Cap. Oswaldo Soares Lopes
E. A. — Ten. Luiz Batista Pereira
E. C. — Cap. Armando Ancora
E. E. — Cap. Luiz Betamio
E. Eng. Militar — Cap. Jandir Galvão
E. Av. — Cap. Arquimedes Doria
E. M. — Ten. Alexino Bitencourt
E. M. P. — Ten. Leandro Costa
E. Ot. E. — Cap. Armando Oliveira
C. A. S. I. — Ten. Hugo Faria
C. M. R. J. — Cap. Milton de Sousa
C. M. P. A. — Cap. Hugo Silva
C. M. C. —
A. G. R. J. —
A. G. P. A. —
F. C. A. G. — Ten. Brito Junior
F. P. S. F. — Cap. Pompeu Monte
F. P. E. —
F. P. A. — Ten. João Carlos Ribeiro
Coudelaria de Saican
Idem de Rincão
Dep. Rem. — Monte Belo - Cap. Oromar Osorio
Dep. Rem. — Campo Grande
Dep. Rem. — Valença

TROPA

INFANTARIA

Btl. Escola — Ten. Augusto Presgrave
Btl. Guardas —
1º R. I. — Cap. Fernandes Guedes
2º R. I. — Ten. Roberto de Pessoa
3º R. I. — Ten. Antero de Almeida
4º R. I. — Ten. Paulo A. Miranda
1/5º R. I. — Cap. Rafael F. Guimarães
II/5º R. I. —
III/ 5º R. I. — Alcides P. Coelho
6º R. I. — Ten. Ary Ruch
7º R. I. — Cap. Gilberto V. Carvalho
8º R. I. — Ten. Jacintho Godoy
9º R. I. — Ten. Nicolau Fico
1/9º R. I. — Ten. Edson Vigndi
10º R. I. —
11º R. I. — Ten. Ajax Corrêa
12º R. I. — Cap. Nilo Chaves
II/12º R. I. — Ten. Armando Carvalho

13º R. I. — Ten. Armando Alvim
1º B. C. — Cap. Nizo Montezuma
2º B. C. — Ten. Almeida Magalhães
3º B. C. — Ten. Moacyr Rezende
4º B. C. — Ten. Nelson de Carvalho
6º B. C. — Ten. Ituriel Nascimento
7º B. C. — Ten. Nelson do Carmo
8º B. C. — Ten. Gelei Brun
9º B. C. — Ten. Domingos J. Filho
10º B. C. — Ten. Ary Lopes
13º B. C. — Ten. Eduardo Regis
14º B. C. — Ten. Pinto da Luz
15º B. C. — Ten. João da Cruz Albernaz
16º B. C. — Ten. Arlindo P. de Figueiredo
17º B. C. — Ten. Miguel Mozzili
18º B. C. — Ten. Delio Lobo Viana
19º B. C. — Ten. Murilo B. Moreira

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUNTOS MILITARES

DIRETOR PRESIDENTE:

João Batista de Magalhães

SECRETARIO:

José Faustino Filho

GERENTE:

João Batista de Matos.

ANO XXI

BRASIL - RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1934

NUM. 238

EDITORIAL

O momento militar e as influencias imponderaveis

«Le présent est gros de l'avenir»
Richelieu.

«O Ministerio da Guerra é, portanto, de alguma sorte uma vasta oficina onde se forjam e afiam as armas da Nação. isto é, os meios de defesa de seus direitos políticos e de sua honra nacional.»

Von Moltke, o velho.

O Exercito que ainda até ha pouco tempo parecia querer atravessar o longo *periodo revolucionario* sem empreender qualquer das reformas basicas de que tanto carecia, envereda com energia e decisão por uma senda de transformações radicais.

Evidentemente nele domina agora um *espirito novo*, construtivo, francamente definido nas novas leis que o reformam. *Espirito novo* cuja energia e capacidade construtiva bem se evidenciam na perseverança ou tenacidade com que soube lutar para vir á tona rompendo os diques com que a *timidez* e a *rotina*, o detinham ha largo tempo, ha de vencer.

A lei de Movimento dos Quadros, em sua forma impessoal, a lei de Organização Geral do Exercito em seu

feitio moderno e preciso, as linhas gerais da nova organização do Ministerio da Guerra com sua exata definição das *autoridades* e nitida repartição das *responsabilidades*, veem uniforme e unanimemente marcar a *nova era da vida militar do Brasil*, aquela em que o interesse geral, as razões de ordem publica devem predominar sobre as de ordem individual ou particular.

Completando-as a *lei de promoções* elaborada no mesmo espirito, vem assegurar os meios de um *progresso continuo*, porque por seus principios e metodos, a *qualidade* dos *quadros* deve melhorar *de ano em ano*, pelo *aperfeiçoamento* da hierarquia, ou melhor, pela seleção continuamente melhorada, em virtude mesmo dos

proprios continuos efeitos da lei, para a constituição pratica dessa hierarquia.

A lei de *promoções* e a lei de *Movimento*, são claramente leis mutuamente complementares, onde em virtude da concepção que as organizou, embora com textos distintos, existe um conjugado que torna possível tratar os aspetos de que uma e outra se incumbem separadamente. Dessarte as modificações que a pratica aconselhar introduzir em qualquer delas, não afetará a outra.

Vê-se, pois, pela simples e resumida apreciação que vimos de fazer que vivemos um momento militar nitidamente caracterisado pela implantação dum mentalidade nova, mentalidade que se vem formando e evoluindo ha cerca de duas decadas, quando daqui partiram para Alemanha os primeiros oficiais que se foram aperfeiçoar no estrangeiro e que começou a definir-se com nitidez depois da atuação da Missão Militar Francesa, generalisando-se cada vez mais.

*
**

Entretanto, não se depreenda que atribuimos virtudes intrínsecas, extraordinarias aos *simples decretos de lei*. Bem sabemos que, como disse notável filosofo do seculo passado, «são necessarias as vontades para completar as leis» e que, no fundo, quem governa o mundo são os imponderaveis.

Na guerra dos Mundos, Wells, o celebre autor inglês, depois de ter feito os marcianos aniquilarem quasi a Terra com seus formidaveis *raios de fogo*, vence-os pela ação imponderavel do *microbio* com que eles não contavam.

Si isto era natural acontecesse aos homens da marciana civilização, não o é aos da Terra cuja experienzia

lhes mostra a necessidade de *prever* o surto de acontecimentos imprevistos. Aos militares, sobretudo, preparados para a guerra, que é a bem dizer a arte de agir sempre num mesmo sentido, apezar da possivel intervenção de fatores desconhecidos, não é desculpavel que suas empresas deixem de medrar por influencias *imponderaveis* e tanto mais quanto a existencia destas é conhecida.

Os imprevistos se preveem.

**

Para que o Exercito se imponha ao conceito da Nação como *uma instituição útil*, e seja capaz de produzir todo beneficio nacional de que é sugetivel; é necessario que todos os individuos que o constituem sejam *solidarios* moral, intelectual e praticamente.

Isto só é possivel obter em torno da *finalidade* de sua existencia, visando a *idéa sã* de seus destinos e o seu *imenso papel* o que leva a todos a olharem sempre para um nível superior áquele em que assenta a individualidade de cada um, sem o que haveria *rebaixamento* dos valores mais elevados, obtendo-se uma media mediocre, como toda media.

No momento militar atual as novas leis apresentam motivos serios a cogitação de todos, mormente daqueles que tem as responsabilidades de aplicá-las e daqueles que influem direta ou indiretamente para tornar realidade seus preceitos.

É indispensavel, antes de mais nada, o esforço individual para bem compreender ou apreender o sentido da reforma e depois a resolução firme de executar ou contribuir para o seu sucesso.

O *seticismo*, a passividade, a inerzia, a preguiça, a ignorancia, a *falta*

General Malan

(Contribuição para a Historia)

Pelo Cap. Lima Figueiredo

Quando li nos jornais a noticia da morte do General Malan, não pude conter as lagrimas que, de subito, me saltaram dos olhos.

Um mixto de tristeza e de saudade apertou-me fortemente o coração.

Era o General Malan o tipo mais completo do chefe e o exemplo mais claro do militar digno dêste nome.

Conheci-o no 1.º B.E. O seu tipo marcial, alegre e simpático, infundia respeito e admiração. A sua ação dinamica conseguiu transformar o 1.º Batalhão de Engenharia numa unidade modelo.

Durante o seu comando, essa unidade de escol, foi campeã do Exercito em atletismo, as suas sub-unidades mostraram nas manobras de Campo Grande, São Paulo e Barra do Piraí quão instruidas estavam e, nas paradas e formaturas, o garbo e a correção dos movimentos deixavam ver o gráu de aperfeiçoamento da instrução.

de vivesa, demonstrativos de uma vontade inexistente, fruto de almas vencidas ou de feitio pouco recomendavel, nada constroem.

Manifestações dessa ordem são *elementos imponderaveis* com que é preciso contar si se quer chegar a um resultado eficaz, como é preciso levar em conta outros *imponderaveis* — o egoísmo, o comodismo, a insinceridade, o bom coração e o individualismo.

Do mesmo modo, uma influencia *imponderavel* por si só capaz de impedir os resultados que legitimamente se podem esperar das novas leis — é a que resulta do fundo mesmo da mentalidade herdada dos tempos da escravidão que tende a jogar o brasileiro seja para o *feitio despotico e arbitrario* do senhor de escravos, seja para a morna servilidade destes.

Em cada oficial do Batalhão, o então Coronel Malan tinha um amigo capaz de tudo para engradecer o seu nome e tornar cada vez mais alta a fama do tradicional 1.º Batalhão de Engenheiros.

Quando rebentou a revolução em S. Paulo, em 1924, o 1.º B.E. poude fornecer cavalos, muares e arreiamentos a alguns corpos que não estavam convenientemente aparelhados e seguiu depois disso completamente equipado para o campo da luta ingrata. O seu «stock» de guerra estava completo, graças ao esforço do denodado comandante, e assim ele poude satisfazer aos descuidados e marchar perfeitamente organizado.

Há fatos que tornam o General Malan um vulto digno do respeito de todos os brasileiros.

O primeiro deles se passou em Mato-Grosso. Sabendo que o 17.º B.C., aquartelado provisoriamente em Campo Grande, se havia revoltado ao cair da noite,

Precisamos todos, dirigentes e dirigidos, prestar atenção ás *influencias da ordem das acima referidas* que são sutis, que se infiltram por toda parte, e cuja repressão constitue mesmo o objeto capital da reforma.

Nada adeantará decretar leis, si não houver firmeza, coragem, inteligencia e perseverança em executá-las.

**

As sociedades são compostas de homens e todos exercem nela influencias beneficas ou maleficas, mais ou menos extensas e profundas, conforme a *posição* que ocupam e o *potencial* das forças que lhes são proprias.

Nas sociedades quaisquer, como na natureza em geral, verifica-se a lei de Lavoisier: — *nada se perde e nada se cria, tudo se transforma* —.

o General Malan toma o seu automovel dirigindo-se para o local em que se achava a Companhia de Engenharia, ordena que esta unidade se arme o mais rapido possivel e depois, falando apressadamente nos disse: «Vou entrar, voces irão me buscar vivo ou morto».

Juntou a ação as palavras. Entrou, pôs a unidade rebelada em forma e desarmou-a. Em seguida obrigou-a fazer um juramento solene, transformando-a numa tropa fiel, sem derramar uma unica gota de sangue. Tudo foi fruto do seu gesto desassombrado...

O segundo ainda se passou em Mato-Grosso.

Carlos Prestes havia invadido o Sul de Mato-Grosso e seguia o rumo de Goiaz. Alguem sugeriu ao General cercá-lo em um determinado lugar, onde o encontro seria decisivo. O velho chefe indaga:

— Eles se vão embora?

— Vão-se, respondem.

— Então, retrucou o querido chefe, deixá-los ir. O Brasil já tem tão pouca gente, para que irmos nos matar uns aos outros num combate que se pôde evitar?

Uma sangueira de menos, devido ao seu formoso coração!

Aqui no Rio, na ocasião em que o Sr. Dr. Washington Luis procurava organizar seu ministerio, escolheu o General Malan para Ministro da Guerra.

O nosso chefe, ao ser convidado, declarou que aceitava o honroso convite,

se o Presidente concordasse com o seu programa, do qual constava o decreto da anistia que congraçava a familia militar.

Resultou dêste seu ato, o Exercito perder um excelente orientador e a Nação impôr um candidato pelas armas, por não crêr no «veridictum» das urnas.

Em Outubro de 1930, o General Malan aparece no cênario da luta, harmonizando, pacificando, amparando as bôas ideias, para que elas não naufragassem no mar da confusão reinante.

**

Quem pelo Sul de Mato-Grosso viajar e tiver a oportunidade de passar pela cabeceira do Apa, encontrará uma ladeira, onde lerá: «Irmãos, aqui repousam unidos no sólo da Patria».

Depois do combate realizado nas nascentes do rio fronteiriço, Malan, como um verdadeiro apostolo da caridade, manda enterrar num mesmo tumulo aqueles que tombaram lutando de um lado pela Lei, de outro pelo Ideal.

Basta essa ação filantropica, praticada com tanto carinho, para redimir o General Malan de todos os pecados, se, por ventura, fosse possível uma alma bôa, santa e impolúta, possuir-los.

O excesso de trabalho, o desengano que teve dos homens e das causas e principalmente o baldão que o feriu no momento em que procurava trabalhar por um exercito unido, são e forte, foram as causas que determinaram o golpe fatal que o levou para o seio bondoso e amigo da mansão celestial.

ASPECTOS GEOGRAFICOS SUL AMERICANOS

Pelo Major **Mario Travassos**

Prefacio de **Pandiá Calogeras**

A VENDA NESTA REDAÇÃO

Preço : 5\$000

Assinantes: 4\$000

Socios: 3\$000



General Malan

Organisação defensiva da fronteira
francesa

Tradução do Major Artur Joaquim Panfiro

O presente artigo, traduzido do número 4.538 de 22 de Fevereiro de 1930 de «L'Illustration» completa e amplia o artigo que publicamos em o n.º de Dezembro p. p. de «A Defesa Nacional», sob o título «A armadura defensiva da França».

A soma fabulosa de 2 bilhões de contos de réis, gasta em tal organização, põe em evidência a envergadura dos trabalhos efetuados e a confiança que a Nação deposita na fortificação permanente, não obstante os consideráveis progressos dos engenhos de ataque.

A França pretende com a cinta de concreto subterrânea continua, que ora constitue até certo ponto sua organização defensiva permanente, realizar a inviolabilidade do território nacional. Tal resolução derivou do conceito moderno que da vitória se tem hoje, em consequência da grande guerra: o país que suporta o peso da guerra, quer ulteriormente seja o vencedor ou o vencido, é aquele cujo território foi o teatro de operações. Daí portanto a necessidade de impedir a todo o transe a invasão inimiga.

(Nota do tradutor)

**

Em igual época do ano próximo passado, «L'Illustration» publicou, sobre este assunto um artigo da autoria do Gen. Normand. Esta personalidade, uma das mais eminentes da arma de engenharia, estudou aqui três tipos de organização das fronteiras, já utilizados em França e no estrangeiro e suscetíveis de o serem novamente.

Mantido, por sua profissão, na mais estrita reserva, o general limitou-se apenas a deixar adivinhar o sistema adotado para a organização de nossas fronteiras pela Comissão de 1927.

Alguns dias depois, um trágico acidente roubo este grande soldado à Pátria, justamente no momento em que ela mais particularmente ia carecer de seu talento e de sua experiência.

Ensaiano completar seu estudo, queremos agora, à luz do que sabemos sobre as concepções da Comissão de 1927 e as leis militares em vigor, colocar o problema da organização das fronteiras no quadro da organização geral da defesa nacional, afim de poder ser o mesmo devidamente apreciado.

Um princípio — nenhuma fortificação
sem guarnição

Desde a mais remota antiguidade os homens compreenderam a necessidade de construir fortificações: torres, cidadelas ou muralhas, para guardarem-se de um possível perigo.

Nem sempre, porém, se aperceberam da necessidade de guarnecê-las com um número suficiente de bons defensores, para elas poderem cumprir a missão, de que se lhes incumbe.

Não ha aqui logar para grandes desenvolvimento de história militar. Entretanto dois exemplos, perfeitamente conhecidos, bastarão para concretizar nosso pensamento. Entre esses dois exemplos, que são dois extremos, encontrar-se-ha certamente centenas de outros na sequência dos séculos, que, em diversos grados, nada mais fazem que confirmá-los. O mundo inteiro ouviu falar da **Muralha da China**, muralha alta e grossa com 1.500 quilometros de comprimento, cuja construção durou sessenta anos e, graças à qual, os imperadores da China, pensaram no ano 250 antes da nossa era, garantirem-se para sempre contra as invasões mongólicas. Mas, resolutamente pacíficos os chineses, tinham um horror insuperável às armas e áqueles que as usavam, por isso desprezaram o exército.

A importante muralha, cujo absurdo técnico não discutiremos não foi guarnecida e em consequência a China veio a sofrer anos de terível escravidão sob o jugo mongólico.

O outro exemplo é recente. Em seguida a nossos desastres de 1870 foi confiada ao General Séré de Rivières a missão de proteger por um sistema de fortificações nossas fronteira de Nordeste, muito perigosamente abertas. Compenetrado da idéa profundamente certa que a fortificação, seja qual for sua potência, só tem valor como auxiliar das tropas de campanha, o general concebeu e executou um notável sistema. Regiões foram fortificadas; armadas a concreto, rãdes de arame, canhões e metralhadoras. Entre essas regiões interdictas, grandes zonas não fortificadas, vias obrigatórias de acesso ao invasor, que seria então exposto aos ataques de flanco de nossas tropas de campanha.

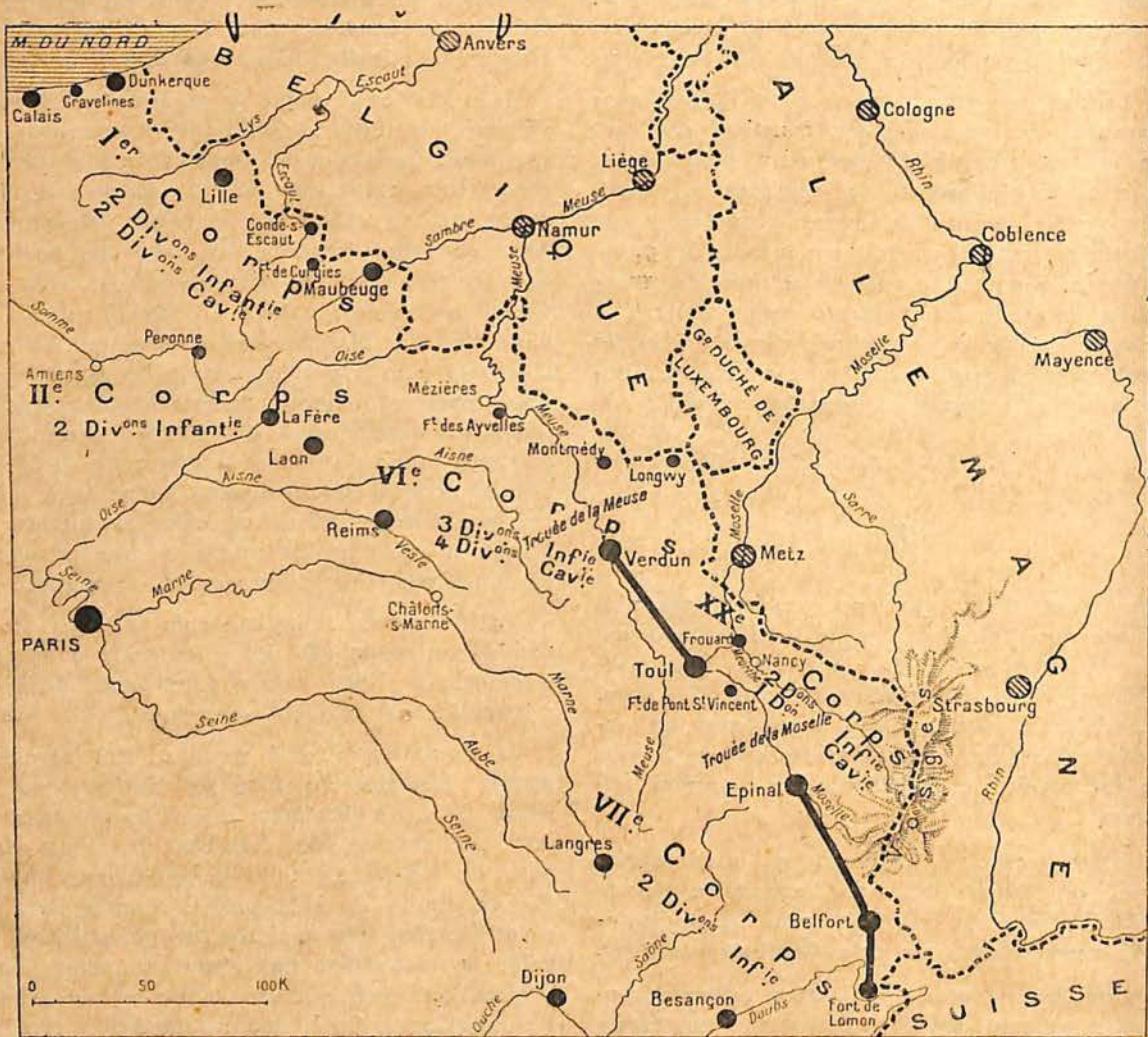
Regiões fortificadas: **Epinal-Belfort** e **Toul-Verdun** deixando entre elas a brecha do **Moselle**; praças de deter de **Lille**, **Valenciennes**, **Condé**, **Maubeuge**, **Mezières**, deixando aberta

entre **Mezières** e **Verdun** a brecha do **Meuse**. Em segunda linha, atraç da brecha do **Moselle**, a praça de deter de **Langres**; atraç da brecha do **Meuse** as praças de deter de **La Fère**, **Laon** e **Reims**. Em terceira linha e como reduto **Paris**, formidavelmente fortificada.

Mas, apezar da incontestavel solidez dos fortes, os diversos governos dessa época não cometaram os erros dos Chinezes. Não atribuiram á fortificação uma virtude que, abandonada a si propria, ela não a tem. Leis militares deram os soldados: o exercito necessário para guardar em qualquer tempo nossas fortalezas e para operar sob a sua proteção.

Por isto mantiveram sempre sob as armas, **em todos os tempos**, como cobertura os efectivos suficientes para parar a qualquer surpresa deste genero.

Desde 1872 a lei impunha aos jovens franceses cinco anos de serviço ativo. Terminada a organização da barreira de fortés, a lei de 1889 lhes impôz ainda tres anos de serviço. Em 1905 o tempo de serviço foi reduzido a dous anos, mas, em 1913 quando se viu a Alemanha manter em armas quasi todo o seu contingente, isto é cerca de 800.000 homens, voltou de novo o tempo de serviço de tres anos. Tres de nossas classes equivaliam aproximadamente em nu-



A organização das fronteiras antes de 1914

O exercito alemão, do tempo de paz, tendo-se tornado formidável, os responsáveis pela defesa nacional consideraram sempre a possibilidade de um ataque brusco a **Nancy**, nossa capital de Leste, feito por nossos vizinhos, antes de qualquer declaração de guerra.

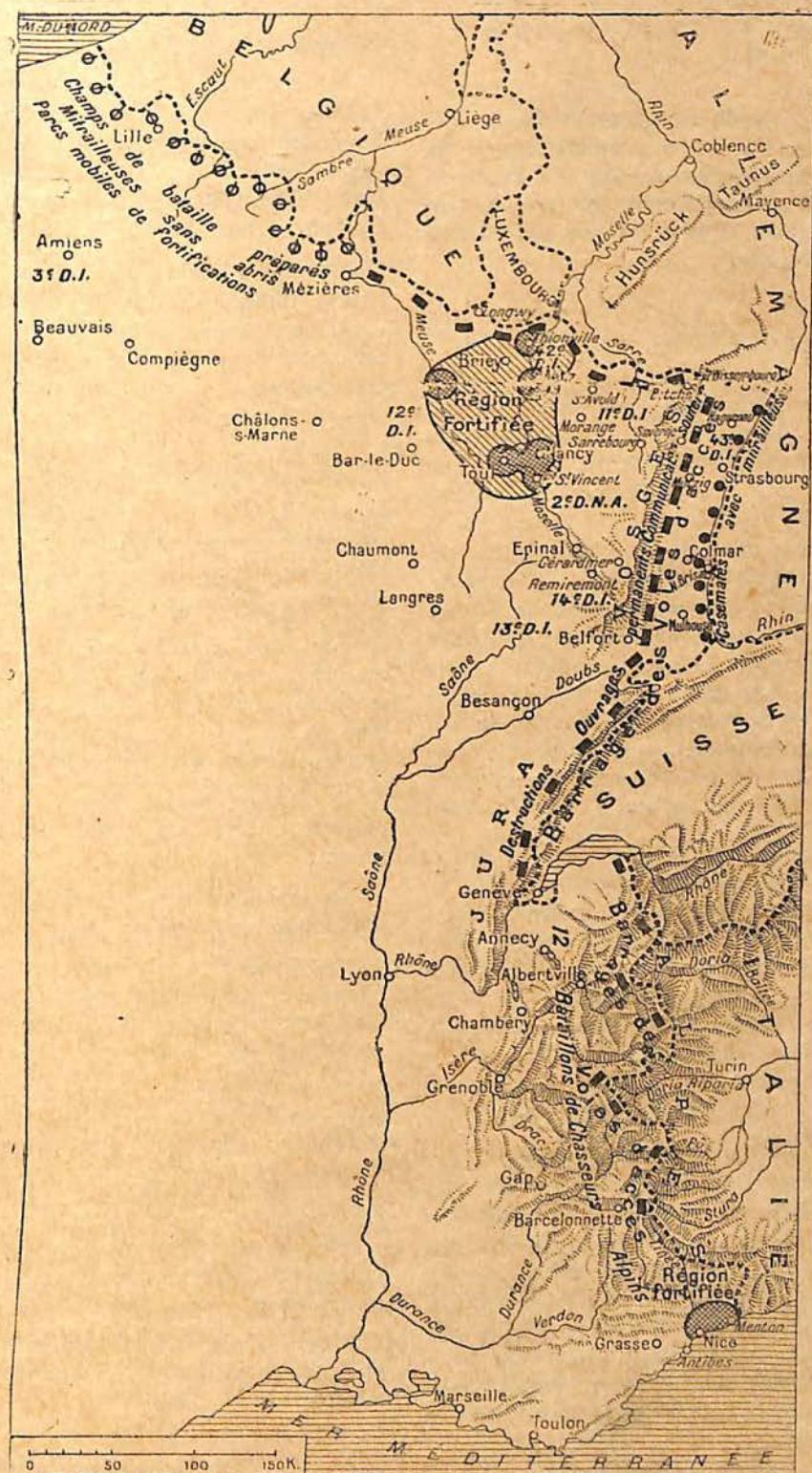
mero a duas alemães e tratava-se, sob qualquer preço, de manter a cobertura e guardar solidamente nossas fortalezas.

Tínhamos sido vencidos; estávamos ardentes!

O resultado foi o seguinte: sendo as regiões fortificadas **Toul-Verdun** e **Epinal-Belfort**, de-

fendidas respetivamente por todo o 20.º e o 7.º corpos de exercito, ambos corpos de élite, judicar nossa mobilisação, mas ainda não ousou

atacar de frente, mesmo com todos os seus



Projeto atual de organização das fronteiras terrestres, do Mediterraneo ao Mar do Norte

o grande estado maior alemão não sómente renunciou a tentar seu ataque brusco para pre-

meios, essas posições formidaveis. Preferio contorná-las. Invadio a Belgica neutra, declarando

assim guerra á consciencia universal. A organização da fronteira pelo general Seré de Rivières e as leis de recrutamento, que muito sabiamente tinham assegurado nossa cobertura e posto sérias guarnições em nossas praças fortes salvaram a França.

Conclusão: — Desde os Chinezes do 3.º seculo, antes de J. C., até á presente época, as fortificações têm sido consideradas como tendo uma importancia capital; entretanto só a têm tido de fato, quando defendidas por um efetivo suficiente de soldados.

A ORGANISACAO DAS FRONTEIRAS

Depois deste preambulo, que nos pareceu necessário para fazer sentir a interdependencia de todos os elementos materiaes e humanos na defesa das fronteiras, vamos entrar no coração de nosso assunto e, sem querer saber mais do que foi desvendado por M. Maginot, na comissão do exercito ou na tribuna da camara, vermos o que ora se faz para garantir a França contra uma nova invasão. O ministro, que sabe o que sofreram as populações invadidas e que por isso não se deve mais permitir que o territorio nacional se transforme em campo de batalha, disse excellentemente que o objetivo do atual sistema de fortificações era ser utilizado por tropas de cobertura **sobre a propria fronteira.**

Foi adotado um sistema mixto, reunindo o que ha de melhor nas duas excelentes concepções: A do Sr. Pierre Cot que queria simples trincheiras, protegidas com redes de arame e apoiadas por artilharia pesada; a do Cel. Fabry, pedindo tambem simples trincheiras a construir no ultimo momento, dobradas, porem, por fortes obras, quando se tratasse de proteger certos centros particularmente importantes.

Será, em suma, uma linha continua, atraçada qual as tropas virão atirar, linha adaptandose minuciosamente ao terreno e correndo ao longo de toda a fronteira. Trata-se de uma obra gigantesca, que se quer pronta em 1934, quando virá a conscrição das «classes ôcas», que correspondem aos quatro anos de guerra e cujo contingente anual será apenas de 150.000 conscritos ao envez de 230.000, efetivo habitual. A fisionomia geral dessa linha será a seguinte:

1 — Nos Alpes: vias de acesso barradas; Nice região fortificada.

2 — No Jura, protegido pela neutralidade suissa, simples «fortificações de momento», a

construir no momento necessário, graças a parques moveis leves, de material e ferramenta.

3 — Nas florestas dos **Vosges**, preparo da destruição sistemática das vias de acesso, onde destacamentos leves serão instalados.

4 — Na grande brecha da Lorena, onde está a importante bacia metalurgica de Briey, que é preciso conservar a todo o preço, duas regiões fortificadas: a de **Toul-Nancy** e a de **Metz-Thionville**, estando ainda **Toul** ligada a **Verdun** e aos fortes do Môsa.

5 — Na Alsacia, uma linha **Bitche-Wissembourg**, ligando as regiões fortificadas da Lorena ao Rheno, o qual será comandado por casamatas munidas de armas automaticas e mascaraadas na orla da floresta, fronteira ao rio.

6 — Ao longo da fronteira do Norte, protegida, ao menos por algum tempo, pela presença da Belgica, amiga e aliada: metralhadoras sob casamatas; campos de batalha preparados, cujos trabalhos serão executados no momento necessário por parques moveis de material e de ferramentas, construidos ao pé da obra.

Por toda a parte trincheiras com rête de arame, casamatas ou obras mais complicadas cruzarão seus fogos, de maneira que o terreno, sobre toda a fronteira será batido por algum canhão, alguma arma automatica.

O sistema parece logico, simples, o menos custoso e leva em conta os ensinamentos da guerra.

Os trabalhos foram iniciados e progridem de um modo satisfatorio.

O parlamento votou sem dificuldade os 2 bilhões e 900 milhões, que o Governo lhe pediu. (Dois bilhões de contos de reis a \$690 por franco).

Portanto, sob o ponto de vista tecnico do engenheiro, tudo está bem. Resta considerar o segundo fatôr do problema: o fatôr humano.

Esta linha fortificada, situada sobre a propria fronteira e da qual uma parte deve ser construída no ultimo momento, como poderá ser guarnecida permanentemente, isto é, em todos os tempos?

Como ainda poderá estar terminada em tempo util para apoiar eficazmente ás tropas de cobertura?

A COBERTURA

A quais necessidades deve satisfazer um sistema de cobertura? Deve poder ocupar suas posições ao primeiro sinal, em qualquer occasião, a um chamado telefonico, antes mesmo

de qualquer declaração de guerra. Deve poder impedir qualquer incursão de destacamentos inimigos de alguma importância sobre o território nacional. Deve poder retardar e finalmente deter sobre a linha fortificada ou à retaguarda dessa linha qualquer ataque brusco importante, que o inimigo leve a efeito.

A cobertura deve, alem disto, no estado atual da questão, cobrir os trabalhadores encarregados no ultimo minuto de construir as «fortificações do momento». Aparece então um ajustamento delicado a assegurar: as obras de campanha devendo apoiar as tropas de cobertura, estas devendo proteger a construção daquelas.

O problema, paradoxal á primeira vista, não é insolúvel. A Rhenania evacuada — e o deve ser antes de 1935 — quem assegurará a cobertura de nossa fronteira? Seis D.I. e uma D.C., repartidas em pequenos destacamentos entre 25 cidades: **Amiens, Beauvais, Compiègne, Mézières (3.^a divisão); Chalons, Bar-le-Duc, Verdun (12.^a divisão); Thionville, Metz (42.^a divisão); Nancy, Saint-Avold, Bitche (11.^a divisão); Besançon, Belfort, Chaumont, Langres (13.^a divisão); Mulhouse, Neuf-Brisache, Colmar, Gérardmer, Remiremont, (14.^a divisão); Toul, Epinal, Morhange, Sarrebourg (2.^a divisão norte-africana).** Ha, **grosso modo**, 160 km. de **Beauvais** á fronteira mais próxima, 400 km. de **Beauvais** a Belfort. É portanto em um quadrilatero de 64.000 kilómetros quadrados, que serão repartidas nossas seis divisões de cobertura. Por isso serão precisas nunca menos de 24 horas para essas divisões estarem concentradas sobre a fronteira.

Nos Alpes a situação é quasi a mesma. Doze batalhões de caçadores alpinos incumbidos de guardar as vias de penetração estão em **Annecy, Chambéry, Albertville, Grenob'le, Gap, Barcelonnette, Grasse, Menton, Antibes, Nice**.

Divisões, batalhões... não nos iludamos! Todas essas unidades são compostas unicamente de jovens do contingente que a lei vai chamar por um ano e que não serão mobilisaveis durante seis meses, de sorte que nunca haverá sinão a metade do efetivo, em condições de combater. Nossas unidades são portanto semi-unidades e em realidade temos apenas, no quadrilatero precipitado, o valor de 3 D.I. capazes de combater: pouco menos de 20.000 conscritos com seis meses de serviço; uma meia D.C., sejam 1.500 a 2.000 cavaleiros com um total de 120 canhões...

E que dizer da coesão de unidades vindas de vinte guarnições diferentes? Ainda não é tudo. Essas unidades de cobertura não estão mesmo imediatamente disponíveis em suas guarnições afastadas. Os regimentos têm de se mo-

bilisar, enviar para o deposito os conscritos não mobilisaveis, preparar a incorporação dos reservistas... Para tudo isto carecem mais de um dia...

Mais de um dia para mobilisar-se, mais de um dia para concentrar-se, eis af portanto tropas de cobertura, pouco numerosas e sem grande coesão, em situação de cumprir sua missão e de proteger os trabalhadores na fronteira, somente dois ou tres dias depois da ordem de mobilização. E si, nesse tempo, o inimigo executar um ataque brusco?

AS POSSIBILIDADES DO ATAQUE BRUSCO

Certamente, nestes tempos de tratados de arbitragem e de garantia pode parecer velharia ter ainda essas apreensões de outrora. Um ataque brutal !...

A consciencia universal se levantaria mais uma vez contra o agressor... O governo alemão não tem de modo nenhum a intenção de atacar-nos. E, si o fizesse, contariamos ainda com o apoio da Inglaterra e da Italia... Tudo isto é verdade, mas as questões de defesa nacional devem ser tratadas sob um ponto de vista friamente objetivo, que exclue qualquer sentimentalismo e qualquer prescripção outra que prover á segurança do País.

Vêde a Inglaterra e a America... Ninguem mais que elas creem nos trabalhos de arbitragem e garantia. Não possuem temor doentio de ninguem e, entretanto, aferram-se em manter sua esmagadora superioridade naval! São prudentes, eis tudo. Porque não seremos também prudentes diante de um perigo no minimo tão grande quanto ao que elas podem correr?

Portanto, a questão é esta: «Pode a Alemanha, com os meios de que dispõe e, depois de evacuada a Rhenania, fazer em qualquer tempo, um ataque brusco sobre qualquer ponto interessante de nossa fronteira?» A esta clara questão não hesitamos em responder: Sim. A organização militar do **Reich** é tal que um ataque brusco de sua parte está na ordem das possibilidades e portanto deve ser previsto. Sabe-se que a Alemanha tem um exercito de profissionais, o **Reichswehr**, compreendendo 100.000 homens cuidadosamente selecionados, que fazem teoricamente doze anos de serviço. Repassados na instrução todos os anos como recrutas, esses soldados de élite estão afeitos a todos os trabalhos de guerra e podem exercer o comando de secções e companhias. Estão animados por um patriotismo ardente e por um não menos ardente desejo de **révanche** con-

tra a França e constituem assim a coleção de guerreiros, a tropa de choque a mais magnifica e a mais formidavel que se possa imaginar.

A **Reichswehr** dispõe de 288 canhões e de um armamento ultra-moderno: 12 metralhadoras e 12 **minenwerfer** em cada regimento; gazes. A Alemanha possue tambem uma temivel aviação onde figuram os **Rohrbach**, os **Junkers** e os **Dornier** gigantes. Ela tem ainda a **Schupo**, outro reservatorio notavel de oficiais e de sub-oficiais de escól. Tudo isto constitue uma força consideravel cuja caracteristica é estar pronta a combater em qualquer momento. Nossos vizinhos são bem argutos para não explorar essa circumstancia ao maximo si a ocação não se pudesse apresentar.

Por outro lado não conhecemos os principios da mobilisação alemã, nem si ela se efetuará integralmente em torno do Reischewer; nem a missão da **Schupo**; nem tampouco si unidades do **Reichswehr**, no valôr de uma a duas divisões, talvez não estão disponiveis de qualquer maneira para obterem uma vantagem séria, antes da abertura das hostilidades.

Vimos como um ataque brusco de torpedeiros Japoneses feito contra a esquadra russa de Vladivostock assegurou á frota japoneza uma superioridade decisiva sobre a sua rival, nos primeiros dias da guerra do Extremo-Oriente. Portanto, devemos pensar que, em uma bela tarde, em periodo de tensão politica, o valôr de duas divisões alemães de escól, cerca de 20.000 homens, pode estar disposto ao longo do Rheno.

O pretexto? Um simples exercicio, análogo aos que a **Reichswehr** exercita todos os dias. Ora, sabemos, que nessas horas, circulam, quasi vazios, sobre todas as estradas da Rhenania, mais de 5.000 viaturas automoveis, chamadas **postaes**, cada uma podendo transportar 30 a 50 passageiros. Para 2 divisões bastam 400 viaturas. Por via ferrea seguirão artilharia e o material. Para a rede ferrea alemã o transporte de 100 canhões representa um esforço pouco consideravel...

Considerando o tempo que é preciso para uma viatura automovel poderosa ou um trem transpôr os 100 kilometros, que separam o Rheno de Metz ou de Thionville, veremos que em menos de 10 horas, esses 20.000 excelentes soldados, precedidos talvez por uma esquadra de grandes cruzadores aereos, portadôres de bombas, e bem depressa apoiados por uma centena de canhões, podem lançar-se sobre Metz e Thionville. A 42.^a divisão, que tem 4.000 homens em estado de combater, os mesmos que terminaram seus seis meses de serviço, está ocupada em mobilizar-se nestas duas ci-

dades, entre as quais está repartida. Mobilizada ou não, concentrada ou não, é facilmente desorganizada por 20.000 veteranos. A barreira fortificada será arrebentada, antes mesmo que se a pudesse defender.

Os centros metalurgicos e mineiros serão tomados, o que nos põe em condições de não podermos sustentar uma guerra um pouco longa. O inimigo instalar-se-á na «região fortificada» Metz - Thionville...

Um belissimo resultado para um golpe de mão!

Ainda uma vez dizemos que não é um sentimento de terror que dita estas linhas. A ninguem tememos no campo de batalha, mas não queremos ser surpreendidos em nossos leitos. Que não se alarme a opinião publica: é uma simples possibilidade que assinalamos, perfeitamente sanavel, desde que se a tenha previsto.

CONCLUSÃO

O sistema de fortificações projetado, ao longo toda a fronteira, judiciosamente concebido, parece excelente; as tropas, porém, que têm a missão de guarnecê-lo não parecem em condições de o fazer porque: não têm efetivos suficientes; estão divididas em multiplos destacamentos, o que lhe tira a coesão necessaria a uma tropa de vanguarda; não são imediatamente disponiveis, tendo de executar, antes de sua partida, uma mobilisação bastante complicada.

Uma excelente obra, que todos os Francezes patriotas deveriam ler: — **L'Armée française vivra**, cujos autores escondem sob as iniciais J. I. R. G. I. personalidades de grande valôr tecnico e moral, lembra que em 1914 a cobertura, apezar da existencia bem real dos formidaveis blocos de concreto do General Seré de Rivières, era feito por 11 D.I. e 6 D.C.

Todas as unidades reforçadas, grupadas á mão de seus chefes, estavam prontas em qualquer ocação para partir para suas posições de combate, na extrema fronteira, tres horas depois de recebida a ordem.

Nessa obra são comparados os efetivos dessas tropas de cobertura nas duas épocas: em 1914, 110.000 infantes, 30.000 cavaleiros, 588 canhões; hoje 18.000 infantes, 4.000 cavaleiros, 128 canhões...

Por certo, as situações politicas não são as mesmas; bem como as condições gerais do problema...

Si estivessemos certos que a mentalidade do grande pôvo de mais de 60 milhões de almas, que é nosso vizinho de Este, tambem tivesse, ela propria, se modificado!...

Oise — Junho de 1918

Combates dos dias 9, 10 e 11 de Junho 1918, observados do 2.º B. C. P.

Pelo Ten. Cel. Torres Guimarães

Trad. do Major José Faustino Filho

(Continuação do n.º 237)

Os elementos do 256 R.I. são pouco a pouco recalcados em nossa direção, movimento este que só cessa às 15 h.; contam-se então pouco mais de 300 homens ainda validos que serão utilizados ultimamente pelo 2.º B.C.P. O 26.º R.I.: nos dá então um apoio precioso mantendo energicamente com um de seus Btis. a posição do sitio do *Bout du Bois*.

A infiltração inimiga está se dando por toda parte aonde existe uma solução de continuidade entre nossos fogos por minima que seja.

A impressão que se tem é a de uma onda metodicamente organizada tal como a maré que sobe e rodea todas as resistências, para as sulapar em seguida e faze-las tombar.

As unidas prevenidas têm o maximo cuidado em não perder a ligação de forma a não virem a ser surpreendidas.

A luta está encarniçada e os adversários estão em contato tão estreito que ambas as artilharias são obrigadas a suspender seus tiros, afim de transportá-los para traz procurando interditar a chegada de reforços. Cerca das 11 hs. nosso posto de socorro estando repleto de feridos, aproveitou-se uma pequena tre-

esta certeza infelizmente não existe uma vez que nós construimos fortificações. Portanto sejamos lógicos e guarneçamos nossas fortalezas com soldados. Onde achar esses soldados?

Não comportam estas colunas a solução de um problema tão delicado. Também ele é a resultante imediata da adopção de um serviço militar de tão curta duração. Concentrar todas as nossas forças nas regiões fronteiriças?

Esse processo seria detestável sob todos os pontos de vista.

Aí está porque se chegou a pensar que o melhor, o mais simples e talvez o menos custoso paliativo estaria em uma combinação do exercito nacional e de exercito profissional. (armée de métier).

Esta combinação se obteria da seguinte forma: enquanto os conscritos de um ano recebem normalmente a sua instrução, a guarda da linha fortificada ficará a cargo de 3 ou 4 divisões (30.000 ou 40.000 homens), compostas

gua para evacua-los e desocupa-lo, como também para tomar um novo dispositivo que deveria deter na medida do possível a forte pressão que sofremos e as tentativas incessantes de infiltração. Em consequencia o Cmt. do Grupamento envia as suas unidades a seguinte ordem:

«Novo dispositivo a tomar-se desde a recepção desta ordem».

«10 de Junho 1918 às 10 h. 55'.

«A 2.ª Cia. conservará até nova ordem seu dispositivo atual. As 3.ª e 5.ª Cias. tomarão o dispositivo seguinte: — 1 Pelotão cada uma sobre a linha de resistencia. Os dois outros largamente articulado a cerca de 50 metros atraç da ravina de *Carrières*, isto é em sua face W. Estes pelotões destacarão durante o dia, uma força equivalente a uma seção estabelecida em pequenos postos a Bugeaud sobre a face E. desta ravina.

Ligações do Agrupamento: — a esquerda com o agrupamento *Margerie*, a direita com o 26.º R.I. assegurado pela 2.ª Cia. As Cias. continuam com o mesmo dispositivo a partir da 2.ª, na ordem 3 e 5. A ligação deve ser assegurada entre todos os elementos.

de soldados veteranos, que seriam obtidos mediante um engajamento voluntario por 3 ou 4 anos.

Diz-se que o General Von Seeckt, expôz em um curso de conferencias feito na Suissa, as vantagens desta juxtaposição do exercito nacional com o profissional.

A idéa é interessante. Seja como fôr, nossas organizações defensivas das fronteiras devem estar sempre guarnecididas, para que elas tenham valôr e não façam a Nação dormir sob uma segurança, que de fato não existe. Si, para isto, nossos sacrifícios pecuniarios são indispensaveis, que o Ministro não receie pedi-los, por vultosos que sejam.

Sabemos que as Camaras os concederão, pois seu patriotismo nunca ficou surdo aos pedidos, pelos quais se procura prover á segurança do País.

Cel. A. Grasset

Adotar o novo dispositivo desde o recebimento desta ordem».

A segurança será mantida a noite por sentinelas duplas colocadas além da linha de resistência mais avançada.

O Cmt. da Cia. Metrs. estudará também desde o recebimento desta ordem as novas posições a serem ocupadas por suas peças.

A linha principal de resistência passa aproximadamente pela cota 98 situada cerca de 1 kil. ao S. da ravina que constituiu a posição anterior.

Os agentes de ligação se manterão em suas Cias. e virão dar parte do inicio de execução da presente ordem — Guimarães.

Executando esta ordem o 1.º Agrupamento realiza um ligeiro deslocamento para o S. Ele é prolongado ao N. pelo Agrupamento *Margerie*, cuja 4.ª Cia. não tarda a ser posta a disposição do 69.º R.I. para contra atacar *Méry* pela direita e está em ligação com o Btl. *Lemaitre* já muito reduzido. Este novo dispositivo foi ditado pela necessidade de impedir ao inimigo tentar um ataque em força nas ravinas para cortar deste modo a linha de resistência que se opõe a infiltração. Cerca das 12 hs. a luta é reiniciada encarniçadamente.

As ravinas são batidas de E., N. e S.

As tentativas inimigas para desembarcar de *Bauchemont* e da orla do bosque entre *Bauchemont* e *Bout du Bois* são todas detidas com sensíveis sacrifícios.

O contato é retomado e, como pela manhã, o fogo da artilharia não pôde muitas vezes intervir em favor das tropas amigas, não lhe resta senão interditar a intervenção das reservas.

Os 37 aproveitando-se da oportunidade, tomam as orlas do bosque sob densos fogos de flanqueamento. Conseguem sustentados por nossas seções de mtrs. manter enterradas as unidades inimigas que tentam ainda desembocar.

Os stokes prestam por sua vez grandes serviços executando verdadeiras baragens na ravina de *Bout du Bois* onde eles aniquilam por surpresa o inimigo que a guarnece para tentar irromper pelas ravinas de *Bauchemont*.

A luta assim continua durante toda a jornada.

Cerca das 14 horas tivemos informações de que o inimigo conseguira tomar pé em *Méry*.

A situação é extremamente delicada para nós porque se o inimigo consegue progredir mais um pouco no planalto seremos tomados completamente de revez.

As informações são transmitidas as Cias., sendo elas avisadas que se vai desencadeiar um contra ataque sobre *Méry* e que é necessário entremos conservar a todo custo a ossatura prevista para interdictar os acessos ao planalto de nosso lado. No cair da tarde o contra ataque montado contra *Méry*, se desencadeia.

Ele é brilhantemente executado pelo 4.º B.C.P. que chega aí tomar pé parcialmente a ligação assim como ir restabelecer com o restante do III/69 R.I., que apesar de cercado resiste heroicamente.

Cerca das 18 horas, o Comandante do 1.º Agrupamento preocupado com a segurança da sua unidade manda levar ao Comandante da 2.ª Companhia a nota seguinte:

«10 de Junho — 18 — 18 horas:

O Comandante da 2.ª Companhia continuará a manter 1 ou 2 patrulhas nas encostas Sul da Herdade *Bauchemont* como anteriormente.

Essa patrulha garantirá a sua segurança e adoptará durante a noite o dispositivo de postos avançados».

(a) Guimarães.

Por esta forma temos espías com vistas para a frente, que observam todo o terreno a Oeste do bosque de *Belloy* entre *Bauchemont* e o *Bout du Bois*.

A grata notícia da retomada de *Méry*, que é confirmada as 18 hs. 30', nos tranquilisa ficando assim a nossa retaguarda garantida no decorrer da noite.

As 19 h. 15' a luta de infantaria diminui de intensidade e logo se prescreve as Cias. engajadas de retomarem suas ligações.

Completamente reconstituídas ás 20 h. é ordenado proceder-se ao reabastecimento em viveres e munições.

«10 Junho 918 ás 19 h. 26' — A 5.ª Cia. retomará em fim de combate sua ligação com a 3.ª Cia. Seu pelotão avançando reconduzido até a linha de resistência anteriormente definida deverá retomá-la com as 3.ª e 1.ª Cias.».

(a) Guimarães.

«18 Junho ás 20 h.

I — Reabastecimento em viveres e munições. — As fachinas partirão ao cair

da noite. Este trabalho deverá estar concluído ás 2 horas da manhã.

II) — «Organisação das posições de combate que deverão estar promptas ao alvorecer. As informações (prisioneiros) indicam, que o inimigo prepara um novo ataque no decorrer do dia 11».

III) — «O reabastecimento de viveres (distribuições) terá lugar as mesmas horas e no mesmo local determinados honrem».

(a) Guimarães.

Os Alemães continuam a encarniçarse furiosamente contra as ravinas dos abrigos e de Bauchemont.

São varados por fogos incessantes provenientes de Leste e do Sul. Estes parecem provir de antigas posições amigas, a tal ponto que os observadores do agrupamento fazem signaes repetidos por meio de foguetões, pedindo o alongamento do tiro. O resultado é de regula-lo melhor a nossa custa, o que nos tira qualquer dúvida quanto a situação a nossa direita. No cahir da noite o inimigo ataca *Wacquemoulin*, defendido pelo 26 R.I. Consegue incendiar a localidade sem conseguir toma-la.

Ás 11 hs. 20' o Comandante do 1.º Agrupamento comunica aos Comandantes de Companhia a nota que segue:

«11 Junho 18 á 1 h. 10' — Nota de serviço.

A linha de resistencia do Btl. devendo passar pelo movimento do terreno da cota 98, o dispositivo do Btl. se apresenta normalmente da seguinte forma: A direita *Agrupamento Guimarães* com suas 3 Cias. em linha abrigados e escalonados do seguinte modo:

Da direita para esquerda — a) *Cia. Peschart* (2.ª) mantendo a ligadura com 4 seções em linha. — Sua manobra em caso de ruptura está prevista. Está em ligação com esta Cia., sobre as bordas E. da ravina, uma seção da 3.ª Cia. comandada pelo Sub-Tenente *Grand*, esta seção será prolongada para o N. pela seção *Depain* da 5.ª Cia.».

«A 2.ª Cia. e as seções supra mencionadas deverão se esforçar em retardar por todos os meios a progressão do inimigo».

«O agrupamento *Margerie* está em ligação a esquerda.

Prever um forte reabastecimento para as seções da 1.ª linha que será retirado dos depositos existentes no P.C. *Carrières*.

As seções restantes das 3.ª e 5.ª Cias. serão levadas para a linha de resistencia

desde o recebimento desta ordem e deverão estar com suas trincheiras «camoufladas» ao raiar do dia.

Os Cmts. de Cia. colocarão seus P.C. na vizinhança de sua linha de resistencia e organizarão observatorios que atalaiem as saídas do bosque de *Belloy*, que permanece o setor a defender».

«As orlas do bosque são batidas por nossas seções de metralhadoras, canhões 37 e pelas baterias do Grupo *Denis* que nos darão um poderoso auxilio.

O P.C. do Agrupamento será indicado pela manhã.

P.S. no aterro da estrada de ferro. (em *Menevillers*)

Telefone — Uma permanencia telefónica continua instalada no P.C. *Carrières*.

Carrières. Ela fica a disposição do Tte. *Peschart* que comandará os elementos avançados». (a) Guimarães.

Não obstante nossos efetivos muito diminuidos após os engajamentos do dia 10 vão se encontrar enxameados sobre a linha que nos foi prescrita manter.

Propuz então, para melhor reforçar nossas unidades, aproveitar-mos temporariamente os 300 homens do Btl. *Thévenod*, do 256 R.I., recolhidos em nossas linhas durante o dia. Minha proposta foi aceita e ás 2 h. 30' enviei ao Cmt. *Thévenod*, que se achava em meu P.C. a seguinte nota:

«11 Junho 918 ás 2 h. 20' — Cap. Ajudante Mór Guimarães ao Cmt. *Thévenod*, o Major Cmt. do 2.º B.C.P. resolreu recompletar com os elementos de vosso Btl. as unidades do 2.º B.C.P. engajados em *Méry* e sobre a linha avançada, tomei 2 seções de 50 homens cada uma e as reparti pelas 3.ª e 5.ª Cias., 150 homens constituindo uma Cia. substituirão temporariamente a 4.ª Cia. engajada atualmente com o 69 R.I. em *Méry*.

As 7 mtrs. em bom estado serão utilizadas pela 1.ª Cia. Mtrs. do 2.º B.C.P. que organizará de acordo com o vosso oficial metralhador a instalação dessas peças».

«O Tte. *Giscard* irá buscar este destacamento para conduzi-lo as suas posições. Ás 3 horas: levar a maior quantidade possível de cartuchos e de ferramentas para organisação das trincheiras. O Cmt. *Thévenod* ficará com o Cmt. *Mellièr* no seu P.C. proximo a *Ménevillers*». (a) Guimarães.

(Continua)

Ensaio de estudo sobre espoletas antigas e modernas

Pelo Cap. Olivio de Oliveira Bastos

(Continuação)

B) ESPOLETAS DOS PROJETIS OCOS

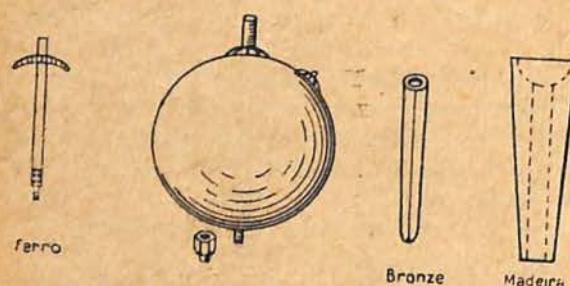
atirados pelos canhões de alma lisa, eram esféricos massícos (bala rasa) e, as vezes incandescentes (bala ardente ou vermelha), um verdadeiro «tijolo quente», na pitoresca expressão empregada na ultima guerra civil para designar os projetis que não davam *arrebentamento* em virtude da falta de espoletas ou de sua má confecção.

Com a adoção dos *projetis esféricos ôcos* (bombas, depois granadas e shrapnels), cheios de polvora, vieram os *artifícios* para provocar a explosão de sua *carga interna*.

Esses artifícios eram, nos tempos mais remotos, constituídos por *estopins*, em parte introduzidos no ouvido do projétil.

Foram esses os meios mais rudimentares para por fogo à carga de ruptura, e que vêm ser os precursores das *espoletas de tempo*, por combustão.

No seculo XVI os artifícios referidos com o nome de *espoletas* consistiam em um *misto fusível* comprimido no interior de um *tubo de madeira, ferro ou bronze* (Fig. 5), para a sua melhor conservação contra a humidade e regularidade de combustão.



O *misto fusível* ou *rastilho* era formado por uma mistura de polváris, salitre e enxofre, em partes iguais ou diferentes, conforme a velocidade de queima desejada.

As *espoletas de tempo* assim constituídas precederam de longo prazo as *espoletas de percussão*.

Só muito mais tarde, seculo XVIII ou XIX, é que apareceram as «*espoletas de duplo efeito*».

Voltemos ligeiramente a atenção para essas diversas espécies de espoletas.

1) — ESPOLETAS DE TEMPO (antigas)

As primeiras espoletas usadas foram as *espoletas de tempo*; o seu emprego data das primeiros anos da aplicação da polvora nas bocas de fogo e da adoção dos projetis esféricos ôcos.

Eram destinadas a provocar o arrebentamento do projétil sobre a trajetória ou já sobre o solo.

O funcionamento dessas espoletas baseava-se na combustão regular de uma *mistura fusível*.

As primitivas espoletas funcionavam de duas maneiras, numas punha-se fogo no misto para depois atirar o projétil, era o tiro chamado *á dois fogos*, noutras, mais simples, tiro *á um só fogo*, o misto era inflamado pela propria chama da carga de projeção no momento do disparo, para isso tinha-se o cuidado, no áto de carregamento, de deixar a espoleta virada para a referida carga.

Este artifício já marcou, em 1751, um progresso na pirotecnia militar.

As espoletas primitivas eram de tubo de ferro ou de madeira.

As de *ferro* (alemães) eram introduzidas no ouvido do projétil a golpes de martelo.

As de *madeira* (francezas), com o auxilio de um *calcador*, peça tronconica de madeira apresentando uma cavidade de dimensões suficientes para introduzir a cabeça da espoleta e sobre o qual se aplicavam pancadas de *macete*.

As espoletas de ferro tinham na parte inferior uma serie de furos (eventos) por onde passava a chama do misto para provocar a explosão da *carga de arrebentamento* do projétil.

Para obter o tempo de queima desejado utilizavam-se *espoletas de tubos metálicos* de comprimentos diferentes, dois ou três.

Nas *espoletas de madeira* regulava-se, com uma certa aproximação a duração

de queima serrando na extremidade do tubo um comprimento mais ou menos longo.

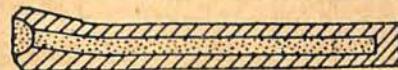
E assim, nos primordios a *graduação das espoletas* consistia só na verificação da combustão, a qual não devia ser «ne troppo lunga, né tampoco troppo corta».

As espoletas de madeira depois tiveram o seu uso mais generalizado; para facilitar a regulação da duração de queima foram graduadas na face externa do tubo, em relação ao tempo de combustão. Nos primeiros modelos de espoletas a inflamação do misto fusível podia realizar-se exteriormente, e neste caso se chamou de *inflamação exterior*; em modelos menos antigos, por meio de um dispositivo interior que produzia a inflamação de uma escorva, chamando-se então de *inflamação interior*. Entre as primeiras existiam as espoletas de *boquim* e as de *estopim*, sem ou com bocal metálico.

a) — ESPOLETA DE TEMPO DE MADEIRA, COM BOQUIM

Das espoletas de tempo de madeira se encontravam em vários modelos na nossa antiga artilharia, de origem francesa, ingleza ou alemã: Krupp liso, La Hitte, Whitworth, Krupp raiado, etc.

As mais antigas consistiam em um tubo de madeira ligeiramente tronconico (Fig. 5) com um canal longitudinal contendo a mistura fusível. Algumas tiveram o tubo cilíndrico, e a cabeça tronconica (Fig. 6).



Essas espoletas terminavam em sua extremidade superior em um calice chamado *boquim*, contendo uma escorva de polvora para facilitar a inflamação do *misto*.

O tubo tronconico ou porção tronconica da espoleta era introduzida á força no ouvido do projétil ficando do lado de fôra o *boquim* contendo a escorva.

Dessas espoletas ainda empregamos, embora com alguma raridade após a *Guerra do Paraguai*, para o tiro com *bombas esféricas*, dos canhões lisos.

As espoletas já vinham experimentando varias modificações na sua confecção e na preparação para o seu emprego.

O áto de *serrar* o tubo da espoleta para regular o seu cumprimento de acordo com a duração de combustão desejada, produzia abalos no misto fusível, desagregando-o; o mesmo se dava quando para a sua introdução no ouvido do projétil aplicava-se o macete. Procurou-se atenuar esse inconveniente praticando-se no tubo de madeira um furo *transversal* por meio de uma verruma em vez de serra-lo; houve espoletas que traziam ao longo do *canal longitudinal* alguns furos adrede preparados, tendo um *tapume*, que era rompido com um estilete, na graduação descida antes da colocação da espoleta no ouvido do projétil.

Mas as espoletas tinham também a facilidade de escapulir do seu alojamento, em consequencia, apareceram as *espoletas de madeira com bocal metálico de rosca*, que sanava esse defeito.

Outras minúcias vieram completar e melhorar a organização das espoletas: assim fez-se a adoção de uma arruela de couro ou feltro que era adaptada entre a espoleta e o projétil para evitar explosões prematuras com a passagem direta da chama da carga de projeção á de ruptura do projétil; afim de preservar a espoleta da ação da humidade dava-se-lhe exteriormente uma camada de verniz e envolvia-se o bocal com uma *coifa* de papel forte que cobria os estopins.

Para o emprego da *espoleta de boquim*, antes de ser introduzida no ouvido do projétil serrava-se o tubo obliquamente, ou se praticava um furo transversal (vento) segundo a graduação correspondente a duração da queima precisa, depois metia-se a espoleta no ouvido do projétil, aplicava-se o *calcador* e batia-se com o *macete* até que a espoleta estivesse introduzida.

No momento do tiro a chama da carga de projeção inflamava a polvora existente no *boquim*, acendendo o *misto fusível* existente no *canal*, que ardendo comunicava o fogo á *carga de ruptura* do projétil.

(Continúa)

Escola de Educação Física do Exercito

Uma instituição que vai convencendo e precisa vencer

A leitura do numero 14 da Revista de Educação Física leva-nos a registrar, com satisfação, a promissora situação da Escola de Educação Física do Exercito, que se apresta para iniciar o 8.º periodo letivo.

e também pelo constante aumento de assinantes da Revista.

O quadro que se segue confirma o que dissemos quanto a parte pessoal, sob a direta responsabilidade da Escola.

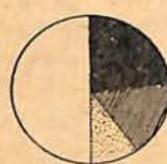
Demonstração gráfica do movimento da Escola em 7 períodos letivos

1929 1930

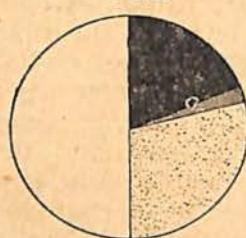
1º curso 2º curso 1º curso 2º curso



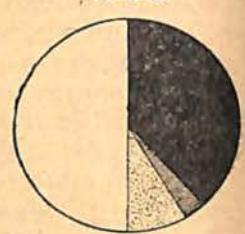
1931



1932



1933



■ Matrículas	33	26	58	48	188	282	271
■ Aprovados	33	26	31	—	88	107	208
■ Reprovados	—	—	12	—	62	12	16
■ Desligados por diversos motivos	—	—	15	48	38	163	47

QUADRO PERCENTUAL

	Matrículas	Aprovados	Reprovados	Desligados
1929 (1.º curso)	11,0 %	100,0 %	—	—
1929 (2.º curso)	8,6 %	100,0 %	—	—
1930 (1.º curso)	19,3 %	53,4 %	20,6 %	25,8 %
1930 (2.º curso)	16,0 %	—	—	100,0 %
1931	62,6 %	46,7 %	32,9 %	20,2 %
1932	94,0 %	37,9 %	42,5 %	57,8 %
1933	90,3 %	76,7 %	59,0 %	17,3 %

NOTA — A percentagem de matrículas está calculada sobre um efetivo de 300 alunos.

Destinada ao ensino, à orientação e ao desenvolvimento da educação física no Exercito e centro irradiador dos modernos princípios da educação física no meio civil, foi desde o inicio entregue a um nucleo de oficiais dedicados e à altura da missão da Escola.

Aos esforços dos mesmos deve-se não ter havido solução de continuidade nos resultados sempre crescentes apresentados desde sua criação, apesar das mutações ocorridas na alta administração da guerra.

Os trabalhos realizados, de acordo com a finalidade da Escola, não se circunscreveram às necessidades do Exercito, sendo simultaneamente atacada a propaganda da educação física nos meios educacionaes, nas administrações federal e estadual e no estrangeiro, caracterizada particularmente por demonstrações práticas.

Os frutos colhidos nesta parte compensam as energias gastas e se traduzem por impressões expendidas por homens especializados no assunto, pelos pedidos de matrículas formulados pelas autoridades estaduais para medicos, professores, oficiais e praças das forças estaduais

No que se refere á sua influencia no País temos entre outros a criação recente de departamentos especializados para Educação Física nos Estados do Pará, Pernambuco e Espírito Santo, com o aproveitamento de diplomados nessa Escola.

Do exterior já vêm as primeiras recompensas, em conceito honroso, formulados pelo lenete da Escola Superior de Educação Física, de Joinville-de-Pont (França), escola que criou o Método Francês, adotado entre nós e em cuja parte científica vem se baseando a nossa Escola e pelo Professor Pedro Escudero, catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Medicina de Buenos Aires e membro da Academia Argentina de Medicina, por intermedio de seu secretario J. Albani.

«Votre Revue constitue pour l'Ecole de JOINVILLE une documentation précieuse dont s'inspirent ses Cadres et c'est à titre de réciprocité, que nous vous offrons de vous communiquer toute la documentation que nous possérons actuel-

Instalação de um material fixo rustico para execução das lições de educação física

Pelo 1º Ten. Léo Borges Fortes

Desenhos de Luiz Gomes Loureiro

Conforme prometera-mos no nosso pequeno artigo inserto no n.º 234 aqui apresentamos os dados os mais detalhados possíveis sobre a improvisação de um material fixo a utilizar nas lições de educação física.

O Regulamento Francês de Educação Física no seu capítulo 16, refere-se aos «aparelhos destinados a uma utilização frequente por varios grupos de individuos»; seguem-se indicações de ordem geral, tais como: plano progressivo de melhoramentos, natureza do solo, etc. Nada diz porem sobre o genero e dimensões das instalações fixas.

Ora, de uma maneira geral, nos nossos corpos de tropa, não podemos nos prender ás condições do terreno. É o melhor logar aquele que servir... para a execução da lição. Outrosim, quando este existe, há um desvio de orientação, e em vez de um estadio de treinamento de educação física, constroem-se estadios esportivos, com o indefectivel campo de foot-ball, mais os de bascket, voley e petéca, mas sem uma unica barra, corda ou haste onde se possa fazer um exercicio educativo ou uma aplicação.

Fazendo votos para que os camaradas construtores de estadios não incorram

lement et que nous nous efforçons de perfectionner avec nos modestes moyens de travail».

Cel. Arnould.

«En la visita que el Señor Profesor hiciera al local del Centro Militar de Educação Física, el 19 de Octubre de 1933, en compañía del Prof. Dr. W. Berardinelli, tuvo ocasión de comprobar la admirable organización de ese centro y la obra cultural y patriótica que allí se cumple. Allí se le prometió el envío de algunos ejemplares de la Revista que acaba de recibir, n.º 1 del año I y n.º 7, 8, 9, 10 y 11 del año II.

Su lectura le ha interesado mucho por la orientación científica dada a la publicación y desea tener la colección completa y hacerse suscriptor a ella».

(J. Albani, secretario do Prof. Escudero.)

nesta falta, apresentamos aos mais modestos, como nós interessados no assunto, (para que não tenham o trabalho que tivemos e para que o melhorem,) a instalação do material fixo que improvisamos no Forte do Imbuí, para inicio da instrução de recrutas.

LOCAL: — Foi utilizado para instalação do material um antigo campo de jogo de petéca, de terra batida, medindo cerca de 50 x 20 metros. Sua proximidade da praia permitia que a Sessão Preparatoria nesta fosse dada, donde então se passava á Lição Propriamente Dita, no aparelhamento, ou com material móvel ali previamente colocado. Serviu-nos de orientação na instalação a aparelhagem construída no Forte de Copacabana, onde colhemos os elementos para fazermos a nossa, mais simples e de aplicação mais geral.

MATERIAL: — A instalação em si consta de sais aparelhos numerados de um a seis e dos quais os três primeiros constituem uma linha de barras horizontais iguais ao da Fig. I. Foram eles construídos com três canos de ferro galvanizado de 2,5 polegadas, apoiados ho-

A Escola vai pois convencendo.

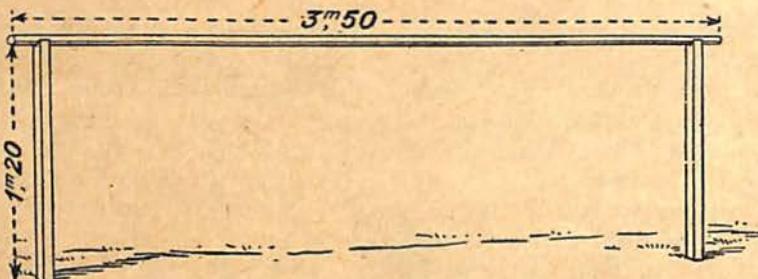
Sente-se entretanto que a Escola ainda não entrou num periodo de realizações a altura das necessidades do Exercito e muito menos do País, embora disponha dum pessoal á altura de sua finalidade.

E que para esse periodo de realizações os meios materiais a disposição da Escola são por demais deficientes e só o esforço pessoal não basta para supri-los.

Complete-se-lhe as instalações, forneçam-se-lhe todos os meios materiais de que necessita e teremos garantido ás novas gerações um desenvolvimento físico amparado em indices e observações exclusivamente nossos.

A Escola de Educação Física do Exercito precisa, deve e merece vencer.

horizontalmente cada um sobre dois suportes, e a 1^m,20 do solo (Fig. 1); destinavam-se a execução simultânea por toda a escola dos exercícios em suspensão inclinada, e apoios sobre uma barra.



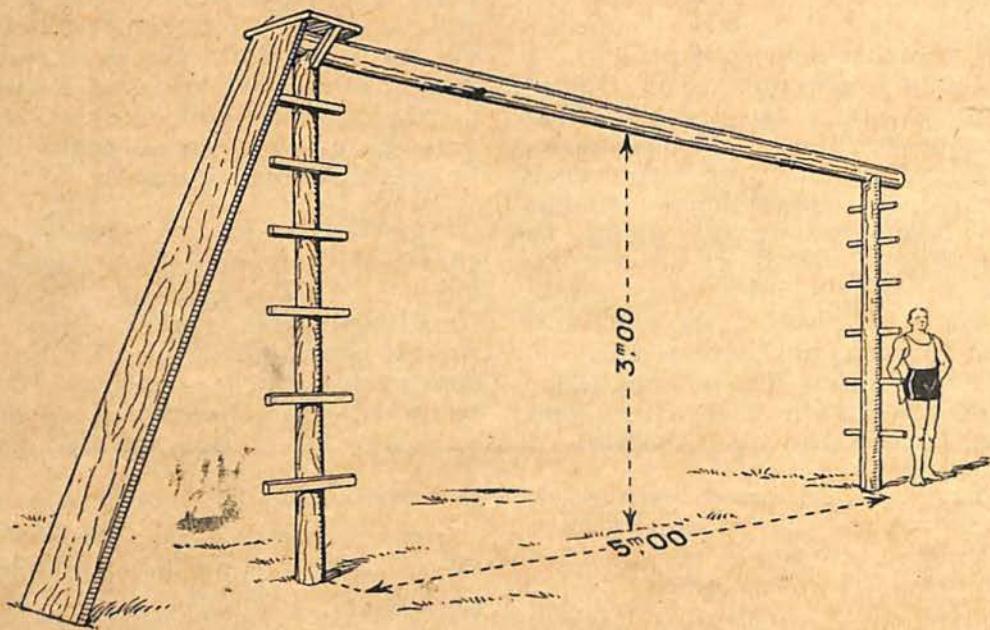
O aparelho n.º 4 (Fig. 2) foi construído com 1 tronco horizontal de 5 metros de comprimento apanhado na floresta e grosseiramente aparelhado a

categoria Trepar, incluindo ás escadas e ainda mais Saltos em profundidade e combinados.

(Geralmente na organização da lição, eram previstos exercícios na categoria

trepar e saltar executados neste mesmo aparelho).

Como material móvel anexo foi construída uma especie de caixa de areia



enxó. Era suportado em suas extremidades por dois outros cravados no solo e com 3^m. de altura, comportando cada um seis degraus para facilitar o acesso (Fig. 2) Num dêles se apoiava uma taboa com a inclinação de 45° terminando em cima numa pequena plataforma de 50 x 50 cm.

DESTINO: — Este aparelho permitia a realização das suspensões alongadas e todos os exercícios nesta posição inicial; ainda mais: apoios destendidos sobre o tronco, progressões, a cavalo, equilíbrios; em síntese: exercícios da

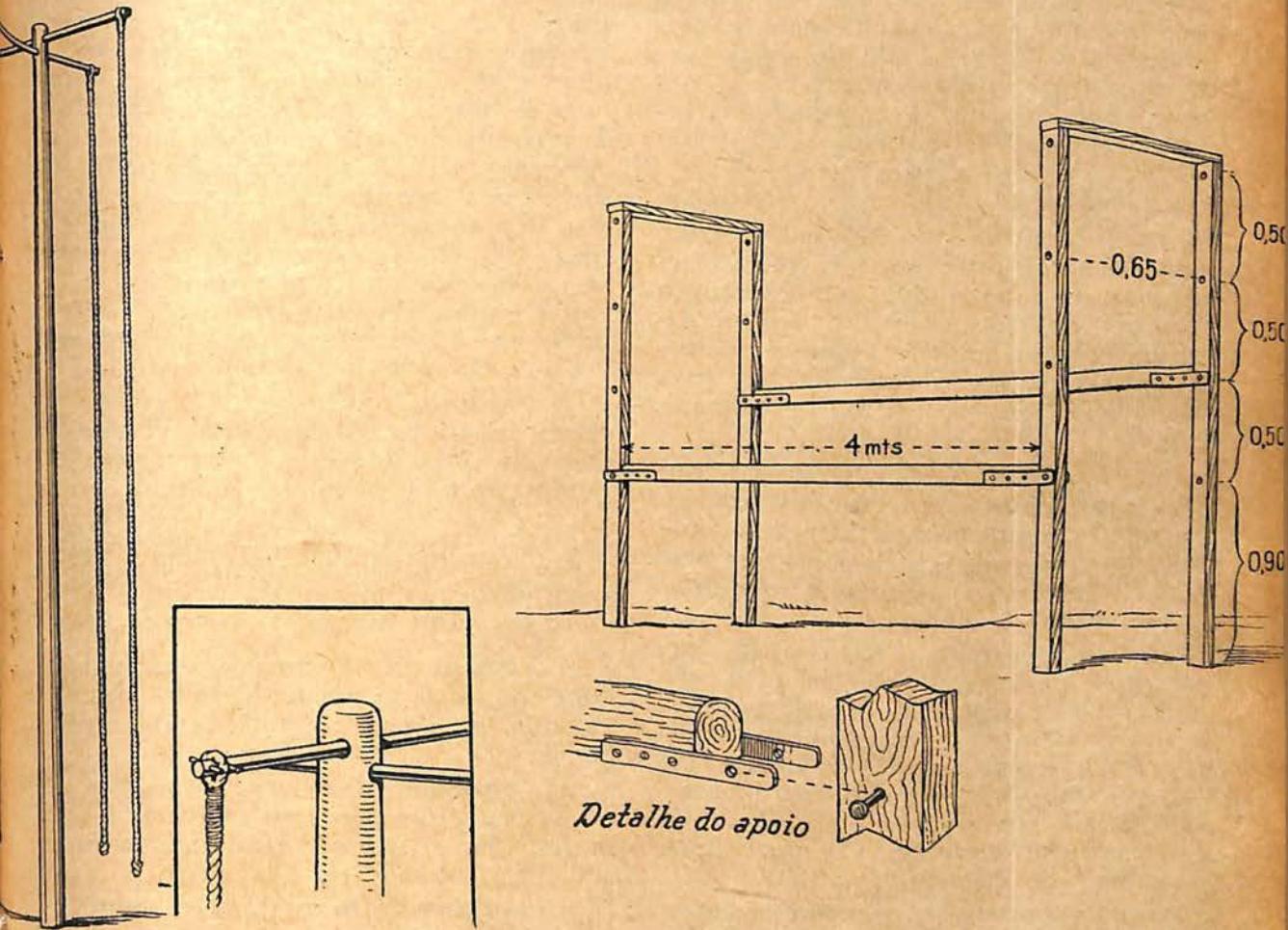
para os saltos em profundidade, a colocar na ocasião, no local conveniente.

O 5.º aparelho (Fig. 3) foi construído utilizando um velho mastro do serviço de semaforas. Na sua parte superior foram atravessadas horizontalmente e em cruz, duas barras de ferro galvanizado, com dois metros cada um, e de cujas extremidades pendiam 4 cabos de duas polegadas de espessura. Tendo a altura de 6^m. destinava-se a exercícios da categoria Trepar, permitindo mais a realização da prova correspondente, do exame físico. Os homens iam já pois, tendo um contacto progressivo com a

prova que não iriam assim executar pela primeira vez no proprio exame, o que é muito frequente entre nos. Sua construção satisfazia a condição de permitir o estabelecimento e tomada de apoio após a subida, especificado na prova. (Fig. 3)

permitia dar a cada uma delas as alturas de 0^m90, 1^m40, 1^m90 e 2^m40; podendo-se trabalhar com uma ou duas em quaisquer das posições.

DESTINO: — Ainda exercícios da categoria Trepar e Saltar.



O ultimo aparelho era constituído pelas barras horizontais paralelas (Fig. 4).

A compleição comum de nossos homens fez-nos dar-lhes um intervalo de 65 cm.. A superficie superior das barras era convexa e seu comprimento de cerca de 4 metros. Suportadas em suas extremidades por 4 hastas verticais, (Fig. 4) um sistema de apoio sobre parafusos

completavam estas instalações uma caixa fixa de areia permitindo saltos em altura e distancia ou combinados e varios obstaculos tais como: muros, barricas e sebes.

Uma idéa de conjunto é dada na propria lição, no croquis que déla faz parte. (Vide n.º 234 de «A Defesa Nacional».

**Secção
de
Veterinaria**

O cavalo militar
**Considerações em torno da ração de reserva
dos equinos em serviço de guerra**

Pelos 1.ºs Tenentes Armando Rabelo e Bernardino Costa

Os choques dos exercitos em guerra trazem sempre, de envolta com o cor-tejo sinistro do sacrificio de vidas preciosas da destruição material, um aumento considerável no consumo das reservas alimenticias normalmente utilizadas pelo homem e pelo cavalo.

Não fôra a verificação aproximada da Lei formulada por Malthus, reguladora do intercambio entre o genero humano e os fatores que condicionam a vida as contendas armadas teriam extensão sobremaneira limitada e menores seriam os danos causados por essa calamidade publica á propria humanidade.

Por isso é que a elaboração das normas arraçoadoras dos grandes efetivos armados, compreendendo homens e animais, se apresenta aos responsaveis pelo reabastecimento em campanha como problema muito complexo.

No concernente ao homem, ha que atentar-se para as populações civis que somam ainda maior numero de bocas a nutrir, e não deve ser menor o empenho em assegurar-se aos rebanhos em liberdade nos campos o alimento necessário á sua conservação e sanidade, de vez que neles reside a principal fonte comestivel do homem.

Para tanto atender, o engenho daqueles a quem cabe zelar pela defesa das nações tem apelado para toda sorte de resíduos industriais, quer de ordem animal quer vegetal, não excluindo o sangue extravasado nos matadouros nem o sôro de decantação das industrias de laticinios. Já é bem conhecido o fato de, na guerra da peninsula scandinavia, as dejeções dos solipedes da tropa terem sido aproveitadas como alimento do gado vaccum, nas zonas de retaguarda.

Tratando-se aqui da ração de reserva para os animais do nosso Exercito, acreditamos que seja este o momento aceso para estabelecermos definitivamente os tipos de concentrados forrageiros que deverão constituir os modelos das tortas, pães e biscoitos forrageiros de guerra, a serem confeccionados e forne-

cidos pelo Serviço de Subsistencias Militar. Para essa fabricação, os diversos resíduos «são reduzidos a pasta que é adicionada de sal e ás vezes de herva doce e funcho e, em seguida, submetida á fermentação por meio do levedo de cerveja» (1). A fermentação pode ser dispensada quando os alimentos utilizados dão á massa uma consistencia porosa. O pão forrageiro, de curta conservação, pela facilidade com que é invadido pelos bolores, deve ser substituído pelos biscoitos, que se mantém inalteraveis por largo tempo.

A cavalaria do exercito alemão recebeu, no transcurso da Guerra Mundial, como ração de reserva, um biscoito de guerra com a seguinte composição:

30 partes de farinha bruta de centeio
30 partes de quirera de aveia
30 partes de quirera de ervilha
10 partes de farinha de linhaça

A consistencia da massa era obtida com chá de feno, medindo cada biscoito 12 cms. de diametro por 1,5 de espessura.

«A provisão diaria para um cavalo devia regular, mais ou menos, 4 libras de biscoito, o que dava facilmente para substituir 10,5 litros de aveia».

A cavalaria do exercito belga também recebeu biscoito com a seguinte composição:

40 kgs. de farinha bruta de aveia
30 kgs. de farinha bruta de ervilhas
15 kgs. de farinha bruta de centeio
15 kgs. de farinha bruta de farelo de linhaça.

A pasta preparada é em seguida dividida em biscoitos e assada no forno. Os biscoitos deverão conter de 11 a 14 % de agua.

Exalta-se o título nutritivo desses alimentos de reserva com a adição de sangue dessecado, leite e farinha de leguminosas.

«A peso igual, o pão é muito mais nutritivo do que a farinha o que se

(1) — Transcrito de Dr. Athanassof.

pode atribuir ao levedo e ao cosimento pelos quais o amido é transformado em dextrina.

Na E.V.E., por iniciativa do 2.º Tenente Veterinário Fortunato Pinto de Sá Junior, é praticado o aproveitamento do

coágulo do sangue utilizado no preparo dos diversos sôros imunizantes, na fabricação de uma farinha de sangue que tem tido larga procura da parte dos agricultores e pequenos agricultores, que a utilizam como adubo.

Tipos de arranjos forrageiros para confecção de pães e biscuits forrageiros

	Kg.	Prot.	Mg.	Hc.	V.N.
Farelo de trigo.....	1	0,109	0,027	0,406	0,454
Farelo de semente de algodão.....	1/2	0,165	0,030	0,123	0,242
Farelo de côco.....	1	0,166	0,082	0,320	0,766
Farinha de pinhão	1 1/2	0,051	0,004	0,711	0,762
Raspas de batata doce.....	1/2	0,020	0,020	0,267	0,280
Soma.....	4 1/2	0,451	0,163	1,827	2,504
Farelo de côco.....	1	0,166	0,082	0,320	0,766
Farinha de cevada	1	0,076	0,009	0,628	0,700
Raspas de batata doce.....	1	0,040	0,004	0,533	0,561
Farinha de linhaça	1/2	0,147	0,023	0,149	0,352
Farinha de pinhão	1 1/2	0,051	0,004	0,711	0,762
Farelo de amendoim	1/2	0,200	0,041	0,107	0,380
Soma	5 1/2	0,680	0,163	2,448	3,511

O complemento da ração será levado ao animal por alguns quilos de verde, o

na falta deste de palha de trigo, de palha de arroz ou de milho.

Pães ou biscoitos equinos

N. 1: — Formulados pelo Major Severo Barbosa.

	Prot.	Mg.	Hc.	V.N.
1 k. — Milho quebrado	0,077	0,029	0,064	0,760
1 1/2 „ — Aveia quebrada	0,126	0,051	0,697	0,580
1 „ — Farelo de trigo	0,109	0,027	0,452	0,450
1 „ — Alfafa em flor	0,097	0,012	0,313	0,220
4 1/2 „ — 0,020 de sal (Soma).....	0,409	0,119	1,526	2,010

N. 2:

	Prot.	Mg.	Hc.	V.N.
1 1/2 k. — Farelo de linhaça.....	0,147	0,023	0,149	0,352
1/2 „ — Farelo de côco	0,083	0,041	0,106	0,383
1 „ — Cevada	0,076	0,009	0,628	0,700
1/2 „ — Farelo de algodão	0,105	0,030	0,123	0,242
1 „ — Farinha de raspas de mandioca.....	0,032	0,002	0,541	0,532
— Subst. aglutinante e 0,020 grs. de sal				
3.500,,	0,443	0,105	1,601	2,209
Soma.....				

N. 3:

	Prot.	Mg.	Hc.	V.N.
2 k. — Milho (sabugo e grãos).....	0,138	0,012	1,236	1,466
1/2 „ — Sementes de algodão.....	0,067	0,011	0,122	0,420
1/2 „ — Arroz descascado	0,029	0,006	0,350	0,386
1/2 „ — Farelo amendoim.....	0,200	0,041	0,107	0,380
20 grs. — Sal marinho (0,020).....				
— Subst. aglutinante Q. S				
3 520,,	0,434	0,070	1,815	2,652
Soma.....				

Quadro dos equivalentes forrageiros

Sementes

1 quilo de milho por: (0,768)

1	quilo de aveia.....	0,581
1	" " cevada	0,700
1	" " favas	0,685
1	" " pinhão cosido	0,508
750	grms. sementes de linhaça	0,619
750	" " algodão	0,630

Fenos

1 quilo de alfafa por: (0,224)

1	quilo de aveia em flor	0,286
1	" capim favorito.....	0,220
1	" capim pé de galinha.....	0,211
1	" capim gordura	0,258
1	" capim jaraguá	0,210
1	" capim Rhodes.....	0,273
1	" graminha seda	0,280
1	" graminha comum.....	0,239
1	" cow pea	0,312
1	" mucuna	0,268

Forragens verdes

1 quilo capim verde de 60a
qualidade por: (0,145)

1	quilo graminha seda	0,245
1	" graminha comum	0,173
1	" de capim Rhodes.....	0,144
1	" de capim gordura.....	0,130
1	" de capim jaraguá	0,141
1	" de capim fino.....	0,103
1 $\frac{1}{2}$	quilo de capim pampão	0,136
1 $\frac{1}{2}$	" de capim angola.....	0,133
1 $\frac{1}{2}$	" de ponta de cana.....	0,130
1 $\frac{1}{2}$	" de alfafa muito nova.....	0,124
1 $\frac{1}{2}$	" de marmelada de cavaço.....	0,159
1 $\frac{1}{2}$	" de mucuna.....	0,120

Produtos de moagem e resíduos industriais

1 quilo de farelo de milho ou
fubá por: (0,541)

1	k. 250 farelinho de trigo	0,581
1	" 250 farelo de trigo.....	0,567
1	" 250 farelo semente de algodão bruto	0,581
900	grms. farelo semente algodão descascado....	0,565
800	" de amendoim.....	0,608
800	" de linhaça	0,563
800	" de coco	0,604

**“Os pombos correios e a
Defesa Nacional”**Biblioteca de
“A Defesa Nacional”do Dr. Freitas Lima, é o melhor trabalho existente
sobre colombofilia.

Sugestões

«As sugestões devem chegar á nossa redação até o dia 15 de cada mês com a assinatura do seu autor, a qual poderá não ser publicada se assim nos fôr pedido».

(Nota importante do n.º 149/50 de 1926).

Lei de uniformes do Exercito e as instruções para distribuição de fardamento

Escrevem-nos:

Embora já esteja em vigor a nova lei de Uniformes do Exercito, até hoje não foram modificadas as antigas INSTRUÇÕES PARA DISTRIBUIÇÃO DE FARDAMENTO, e isto deve estar causando serios embaraços aos comandantes de sub-unidades, na tropa.

O que nos interessa, porém, no momento é mostrar que aquelas Instruções, por não terem sido alteradas, estão ferindo a lei sobre Uniformes.

VEJAMOS:

A lei sobre uniformes determina em seu art. 2.º:

«Este plano de uniforme é, em suas características principais: tipos, modelos, cores, tonalidades, combinações, insignias do posto, adereços e formatos de peças acessórias — privilégio absoluto do Exercito Nacional»;

no art. 7.º prescreve — «são considerados infratores:

§ 1.º — Os que forem encontrados vestindo uniformes ou peças de uniformes adotados neste plano, ou que possam causar confusão ou semelhança».

Por outro lado o paragrafo unico do art. 14.º das Instruções para Distribuição de Fardamento, determina:

«Se não houver sido arrecadado o traje civil, ou se o homem não puder mais vesti-lo, ao ser excluído, deixar-se-á em seu poder a calça, a capa e a tunica, tudo de brim caqui, e a armação de boné, por ultimo recebidas, devidamente despidas da aparençia militar».

RESULTADO: — Em plena Capital da República, desincorporada ultimamente uma classe de soldados, já é comum incontrar-se civis (ex-praças) de uniforme verde oliva, com chapéu civil ou calçado de tenis; isto porque o comandante de sub-unidade, não tendo uniforme caqui para deixar com o reservista, vê-se obrigado a deixar em seu poder o uniforme verde oliva que o substitue.

Dentro de algum tempo veremos o uniforme verde oliva disseminado no meio civil, como aconteceu com o brim caqui.

Parece-nos que seria injusto cortar a prescrição regulamentar das Instruções para Distribuição de Fardamento, mas poderia distribuir-se aos soldados, nas mesmas condições previstas por aquele Regulamento, um uniforme de brim mescla, cujo uso é comum no meio civil e não traria a confusão proibida pelo § 1.º do art. 7.º da lei 20.754 de 4 de Dezembro de 1931.

Si não zelarmos pela aplicação integral da lei de uniformes dentre em pouco teremos novamente a anarquia que reinava antes da Revolução de 1930.

AVISO

As separatas de "A Defesa Nacional" contendo as leis de organização do Exercito, só serão distribuidas gratuitamente a sócios e assinantes, os avulsos terão que adquiri-las separadamente.

Da Província

InSTRUÇÃO e Administração

Pelo Cap. Irapuan Xavier Leal

Não nos parece demais insistir que, para a completa eficiencia do Exercito, torna-se imprescindivel separar, o mais possivel, o que diz respeito á instrução do que se relaciona com a administração. A função de instruir, em determinados postos, deve preponderar sobre a de administrar, assim como esta, em outros casos, deve preponderar sobre aquela, enquanto que o Comando deve estar intimamente ligado ás duas, sem entretanto, açambarca-las, tomá-las em conjunto sob uma unica direção. Com efeito, como pode um Comandante de corpo cuja função precipua lhe acarreta a responsabilidade da instrução dos oficiais, sargentos, cabos e soldados da sua tropa, em todas as suas modalidades, alem da parte disciplinar, sem levar em conta a obrigação do seu preparo geral, desempenhar o seu papel, se lhe incumbe ainda a parte administrativa de um regimento ou de um batalhão, inclusive a das sub-unidades — almoxarifado — pagadoria, etc.; com uma engrenagem complicada e uma burocracia massante e «apapelada». E a mobilisação do corpo, da qual o Comandante tambem deve ter ciencia? Só quem vive em um corpo de tropa pode avaliar bem o que representa essa questão de Conselho de Administração, folhas de vencimentos, partes diárias, ofícios que vem e que vão requerimentos de 4,5 e mais anos, transitando de Herodes para Pilatos, com mil «Papagaios» pregados, carimbos e informações de todo geito. Quantas veses, por causa de um pedido de vinte e cinco ou trinta mil réis, não fica um Comandante ou sub-Cmte. obrigado a estudar um maçudo processo enviado de uma Delegacia Fiscal e a botar de lado as questões dos seus quadros e da sua tropa! Quantas veses por causa de uma ata do Conselho Administrativo ou uma conta que não foi feita de acordo com os sucessivos avisos e prescrições dos Códigos de Contabilidade, não se perde um dia todo!

Os serviços de Intendencia Regional estão sempre alertas, devolvendo papéis e fazendo referencias. E os pedidos de toda a ordem que surgem diariamente! E os inqueritos policiais-militares a cada momento ocupando oficiais dos minguados efetivos dos Corpos! E as comissões de Rancho! E muita cousa mais. Só mesmo vendo, observando e sentindo. O mesmo acontece aos Comandantes de sub-unidades. Em quanto isso a preparação para a guerra — a verdadeira finalidade do Exercito — vai sofrendo. Só há mesmo uma solução para o caso — e de urgencia: dar corpo á medida que cria os oficiais administrativos, encaixar em cada sub-unidade um encarregado da parte administrativa — (tenente ou sargento ajudante), ampliar o quadro de administração, separando o mais possivel a preparação dos quadros e da tropa (instrução) da administração. Assim, o Comandante do corpo, o sub-comandante e o Cmte. de sub-unidade, cada um na sua esfera de ação, só terá de ver diretamente com a mobilisação, instrução, disciplina e a eficiencia da sua tropa, com a parte administrativa, a parte burocratica propriamente, terá que ver tambem, mas indirétamente, por intermedio de outros encarregados. E não é pouco, sendo o que a pratica e os interesses superiores aconselham. Se quisermos ter eficiencia algum dia, ataque-se esse mal que vem destruindo as boas vocações militares e matando o estímulo dos que iniciam a carreira. Perscrute-se a opinião geral dos que vivem arregimentados e indague-se dos que tem Curso de Aperfeiçoamento, por que têm esquecido, na tropa, muito do que aprenderam na Escola. Acredito que o exposto acima está no consenso dos nossos Chefes e no da generalidade dos camaradas, mas numa época em que se agita o reajustamento do Exercito, penso que não é demais insistir.

Acham-se a venda:

Mementos de ordens de Infantaria

pelo Major José Faustino Filho, com
Prefacio do Major Ignacio José Verissimo

Preço do 1.º fasciculo 3\$000

Secção de Infantaria

Ações em retirada

Notas d'um trabalho dado em aula

Pelo **Cap. Durval M. Coelho**

Prof. Adjunto da E. E. M.

(Continuação do n. 236)

ESCALÃO DE CONTACTO

O seu fim é iludir o inimigo dando a impressão, até a ultima hora, da sua presença por manifestações normais da sua atividade (execução á noite do plano de fogos), mas SOMENTE MANIFESTAÇÕES NORMAIS, para não provocar do lado adversario reação ou desconfiança.

Será constituído pelos atuais P.A., reforçados nos pontos essenciais; cada posto, porém, ao comando de oficial. O 1.º R.I. tem dois Btls. em primeiro escalão o que dá o valor global de dois Pelotões aos seus P.A.. Certamente a resistencia observada até 1.º de Novembro, ao S. do ITUPEVA, teria sido feita com forças mais importantes. Desde que o comando decidiu resistir na posição de resistencia, a importancia primitiva dos P.A. decresceu até a atual constituição.

Quanto aos reforçamentos de que trata a ordem da 1.ª D.I., só mesmo no local poderíamos examinar em que condições seria efetuado. Nesse sentido impunha-se conveniente conhecimento da parte do plano de fogo referente ao apoio dos P.A. pelos orgãos postados na posição de resistencia que irão suspender esse apoio ao executar o retraimento previsto.

O reforçamento procuraria sanar essa falta. Em todo o caso parece muito bem indicada uma Sec. de Mtrs. para bater a passagem existente em ITUPEVA.

Uma carta na escala de 1/100.000 não facilita a analise minuciosa da repartição desses elementos. Insistimos, apenas, no aspíto geral do problema.

Elementos diminutos, diluídos em tão larga frente, serão dispostos em pequenos nucleos de valor variavel com a importancia de cada um deles. Deixa-los isolados, quasi como SENTINELAS PERDIDAS, é submetê-los á dura prova por isso que não lhes escapa a noção de que, em caso de ataque — golpe de mão, por exemplo, — nenhum socorro poderão esperar.

É preciso que os homens de cada posto sejam confortados com a presença de um oficial, tonificados com o EXEMPLO de que este, mais que nunca, deve dar provas.

A outra preocupação que se impõe é resguarda-los dos golpes de mão, fórmula mais comum do ataque á noite.

Isto nos leva a curiosidade de dar uma olhadela aos mais admissíveis golpes de mão da parte do adversario.

Si o inimigo tiver a intenção de atacar no dia seguinte será possivelmente levado a sondar o valor do contacto, no ponto que lhe pareça mais vantajoso, mas, sobretudo, — quando?

O mais proximo possivel da hora do ataque para colher informações recentes. Mas tambem com certa antecedencia em relação a essa hora para poder depurar e explorar as informações colhidas.

Si admitirmos que o ataque se inicie ás 6 horas e que sejam precisas 4 horas para tirar partido das novas obtidas, chegaremos, á conclusão que o golpe de mão não será desferido por volta das 2 horas do dia 2.

A nossa CRÓSTA, entretanto, termina a sua missão á 0 (zero) hora desse dia e irá se retirar, sob a direção dos seus chefes, para o cruzamento 3 kms. S.E. de ITUPEVA onde poderá chegar a 1 hora, e depois se safar definitivamente para o Sul.

É oportuno focalisarmos aqui a vantagem que adviria si os postos fossem recolhidos nesse ponto por alguns caminhões — 4 a 6, conforme a capacidade de cada um deles. A descida do cruzamento referido para J. MARTINS permitiria uma quasi silenciosa rotação dos motores.

A MANOBRA EM RETIRADA

Pouco nos resta falar sobre a manobra em retirada depois do desenvolvimento que demos á nossa retaguarda. Conduzimos a discussão de tal fórmula que quasi esgotamos o assunto sobre essa modalidade de manobra.

É OPERAÇÃO FEITA DE PROPOSITO DELIBERADO, COM TROPAS INTACTAS, MEDIANTE O JOGO ALTERNATIVO DE ESCALÕES DE FOGO.

Ela procede da defensiva, porém dela difere porque os meios opostos ao adversário, em vez de serem concentrados numa posição, são repartidos, ou articulados, em vários escalões.

A infantaria que manobra em retirada utiliza os mesmos processos empregados na defensiva mas, em lugar de se deixar antes esmagar na posição do que ceder terreno, os seus escalões sucessivos batem-se em várias posições durante tempos curtos e procuram romper o contacto antes da abordagem do adversário.

Insistamos: a infantaria procura fazer fogos a grande distância afim de iludir o inimigo sobre a sua força real; aceita o contacto, mas deve evitar o engajamento.

A RETIRADA SOB A PRESSÃO DO INIMIGO

Uma tropa quando recúa sob a pressão do inimigo deve ter sofrido perdas, achar-se desarticulada; o seu moral abalado pode atingir um tal estado de crise que redunde em PÂNICO.

Perdida a cõesão característica, desfeita o enquadramento, é tropa batida, dificilmente capaz de atender, no momento, a um apelo sério do comando, mesmo em posição situada á retaguarda da linha que houver cedido. Basta considerarmos a impossibilidade de fazer chegar as ordens necessárias á totalidade dos executantes.

Não sendo possível contar com tropa que atinge a este estado, o recurso que resta ao comando para impedir a extensão do revéz, é lançar mão de elementos que ainda não estejam desorganizados pelo combate, instalando-os de modo que possam manter uma linha situada a certa distância da que houver cedido. O afastamento da nova linha tem por finalidade permitir:

- que os ocupantes possam dispor do tempo necessário á colocação dos seus fogos;
- efetuar e consolidar a ligação com os elementos que ainda resistem em ordem;
- furtar os defensores da ação da artilharia inimiga que atua contra a primeira posição.

Após ter restabelecido a situação comprometida é que o comando pode preocupar-se com o conjunto das operações visando restaurar o primitivo plano de fogos ou levar a defesa mais para a retaguarda em condições que lhe pareçam mais favoráveis.

O fogo de uma tropa em fuga é ineficaz.

É o fogo de uma tropa em posição que detém.

Relativamente aos elementos que recuam em desordem, todas as precauções devem ser tomadas afim de que eles não contagiem com a sua depressão as tropas que ainda se mantêm. Dá-se-lhes zonas de reunião a traz da nova linha de resistência. Nessas zonas eles serão refeitos, isto é, reagrupados, reaprovisionados, etc.

Todos os esforços, devem ser empregados pelo Comando e pelos quadros de evitar a generalização da crise.

INFLUENCIA DA MORAL NAS AÇÕES RETROGRADAS

A tropa é uma coletividade organizada sob estrutura hierárquica para receber as impulsões do comando. Tem, alem das virtudes próprias das multidões, outras qualidades adquiridas nas instrução militar: disciplina, solidariedade, confiança nos chefes e nos camaradas. Relaxados, por qualquer circunstância — notadamente pelas emoções do combate — os liames morais da coësão, ela se tranforma em multidão heterogênia, essencialmente insincera, facilmente desencorajada pelo malogro sofrido. Todo o seu heroísmo, todo o seu ardor, todo o seu espirito de renuncia, se dissipam com facilidade.

Os nossos regulamentos falam em «caso de insucesso», «caso de revéz» e que o «moral de uma tropa não aguerrida pode ficar abalado nos primeiros combates». De outro lado, «oficiais e sargentos têm o dever de dedicar-se com energia á manutenção da disciplina e de conservar nos seus postos, POR TODOS OS MEIOS, os que lhe estão subordinados...» «compenetrados de que a sua missão principal é mais bela consiste em dar EXEMPLO á tropa».

Quer dizer — atenção com os pánicos que se poderão produzir!

A historia militar registra-os (expedição Moreira Cezar em CANUDOS) e ainda registra-los-á. Torna-se mistério-

carar a questão de frente para poder diagnostica-la e prever os meios e processos de saná-la.

Uma crise geradora de pânico, em geral, não irrompe na totalidade de frente extensa. Quasi sempre é local de origem, talvez mesmo proveniente de um só homem, as mais das vezes, com o espírito transtornado.

O perigo do pânico está na sua propagação.

Evitar esta propagação é dever dos oficiais e sargentos:

— PELO EXEMPLO — «em nenhuma circunstância o soldado é mais obediente e devotado que no combate; tem os olhos fixos nos chefes. A bravura e o sangue frio destes lhe impressionarão a alma e o tornarão capaz de todas as energias e sacrifícios; e

— ... PELA VIOLENCIA — «os oficiais e sargentos têm o dever de empregar toda sua energia para manter a disciplina e obrigar POR TODOS OS MEIOS os seus subordinados a permanecerem em seus postos; EM CASO DE NECESSIDADE DEVERÃO FORÇA-LOS A OBEDIÊNCIA».

Mesmo um movimento retrogrado deliberado pelo chefe pode transformar-se em movimento desordenado. O soldado não estabelece distinção entre retirada forçada e retirada premeditada. Sabe que vai virar as costas para o inimigo o que para ele corresponde a derrota ou revéz.

Nos casos de operações retrogradadas deliberadas, a disciplina deve, portanto, ser verticalmente mantida pela atuação dos chefes sobre o moral dos combatentes.

Levando a questão da retirada para o ponto de vista moral, chegaremos também a conclusão da necessidade de um escalão de fogo antecipadamente postado.

Moral e fogo na retirada, eis a questão!

As expressões RETIRADA, MOVIMENTOS RETROGRADOS, MANOBRA EM RETIRADA, etc., por si sós, não impressionam bem o moral do combatente.

Antes deles ouvirem tais expressões devem ser inteirados dos movimentos ofensivos posteriores com os quais o comando procurará alcançar o triunfo almejado.

Banco dos Funcionários Públicos

RUA DO CARMO, 59 — (Séde Propria)

Capital 10.000:000\$000
Reservas 502:175\$138

Carteira Comercial

Caução de títulos de real valor — Hypotecas com amortização mensais
 Descontos de contas do Governo — Antichreses

TAXA PARA DEPOSITOS		
c/c Limitada	5	%
PRASO FIXO		
6 mezes	6	%
9 mezes	7 $\frac{1}{2}$	%
12 mezes	8 $\frac{1}{2}$	%
Em 12 mezes com renda mensal	8	%
Para os acionistas mais	1/2	%

O Banco oferece aos depositantes inteira garantia, o dinheiro entregue à sua guarda é empregado em empréstimos aos funcionários públicos federais com assistência do governo e cuja cobrança é por este efetuada por intermédio das suas repartições, em consignações mensais, que constituem depósito público.

EXPEDIENTE ININTERUPTO

(De 10 às 16 horas)

Secção de Infantaria

Instruções sobre a prática do tiro

Tradução da «Revue d'Infanterie»

Pelo 1º Ten. Emmanuel Moraes

Do Corpo de Alunos Sargentos de Infantaria

(Continuação do n. 231)

ANEXO n. 1

Tiros de Combate do G. C. e de Pelotão de Fuzileiros

1.º — TIRO DE COMBATE DO G.C.

TIRO A

Fim

Exercitar o G.C. a progredir realizando a alternativa dos fôgos de F.M. e dos lanços.

PESSOAL

Executantes: Um Cmt. de G.C. e um G.C. com efetivo completo.

Diretor do exercício: um oficial.

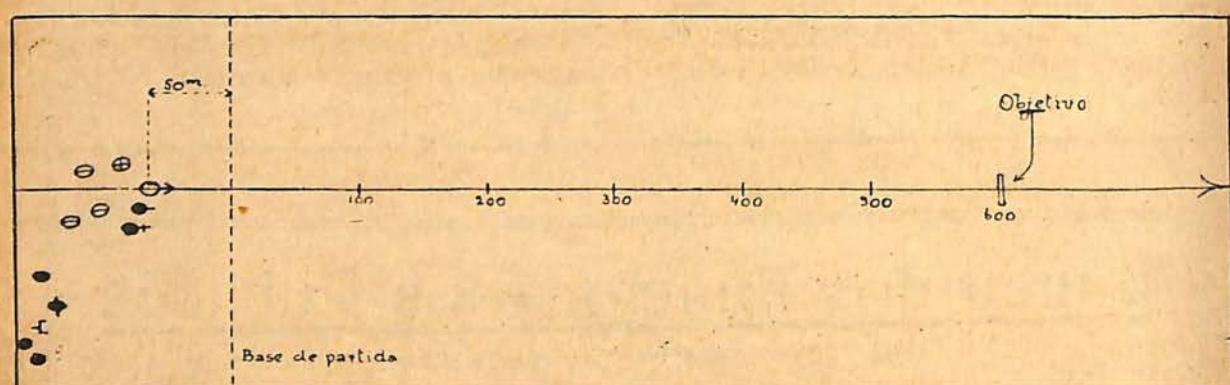
Observador de conduta do atirador: um oficial ou um sargento.

O oficial diretor coloca-se na altura da primeira posição de tiro. O observador de conduta do atirador junto ao G.C., proximo á arma automatica. Ao sinal do diretor: «Em posição!», o G.C. dispõe-se na base de partida. O Cmt. do grupo coloca seu F.M. frente ao objetivo que fôr designado pelo diretor, que comanda, em seguida: «FOGO». Este toma nota de inicio do fôgo. A partir desse momento o comandante do grupo comanda os deslocamentos seguintes, devendo atirar depois de cada lance, nas paradas, consumindo, no minimo, 3 carregadores:

1.º — lance: 50 metros por esquadas;

2.º — lance: 50 metros homem a homem;

3.º — lance: 30 metros rastejando.



MUNIÇÕES

Bornal de F.M. conduzido pelo atirador: 8 carregadores completos.

Bolsa-mochila dos municiadores: 12 carregadores vazios e 180 cartuchos a granél. Total: 20 carregadores e 300 cartuchos.

OBJETIVO

A 600 metros da base de partida de onde é iniciado o exercício coloca-se um alvo retangular de 1 mtr. de altura por 2 de largura, com 3 figuras representando homens deitados, juntos (silhuetas), vizíveis em um fundo neutro.

REALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO

Mecanismo: O G.C. está em posição de espéra (Fig. 1), a 50 metros á retaguarda da base de partida, em formação para o combate.

Desde o inicio do fôgo, os municiadores enchem os carregadores vazios com os cartuchos que conduzem nas bolsas e asseguram o re-municiamento da arma automatica.

Durante o exercício o diretor faz a substituição do atirador pelos municiadores durante os deslocamentos, de modo que todos passem por aquela função.

Cinco minutos depois da abertura do fôgo, o diretor comanda: «CESSAR FOGO!».

SEGURANÇA

O observador de conduta do atirador acompanha o F.M., sendo responsável pela aplicação das regras de segurança. Observa a direção, verifica se o atirador trava a arma para fazer o lance e se as posições de tiro escolhidas satisfazem.

RESULTADOS

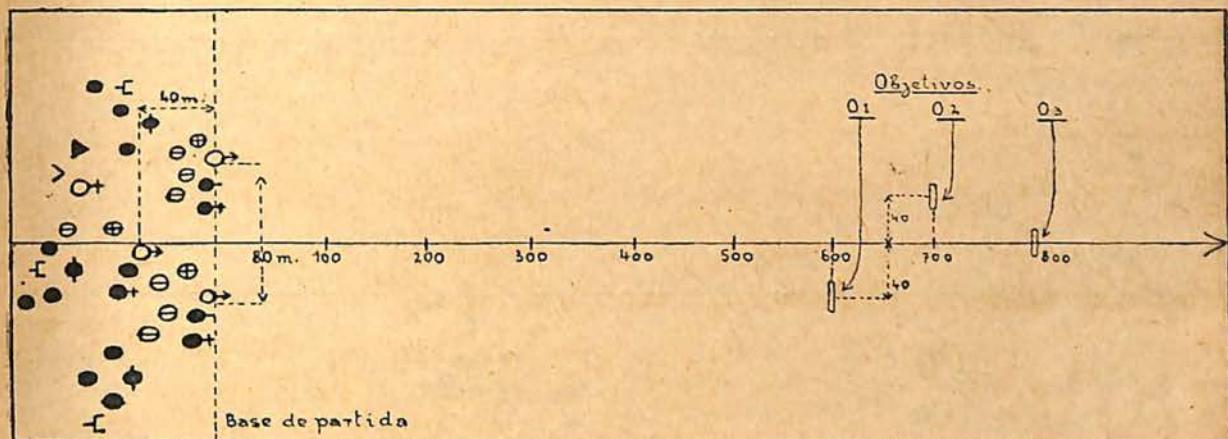
Registam-se da maneira seguinte: três pontos dos impactos nas silhuetas (inclusive ricochetês); um ponto por impate nas outras partes do alvo, aceitando-se os ricochetês.

TIROS DE COMBATE DO PELOTAO DE FUZILEIROS

TIRO B

Fim

Exercitar um comandante de Pel. que dispõe de 2 G.C. a progredir, realizando a permanencia do fogo.



PESSOAL

Executantes: Um Cmt. de Pel., um observador, um agente de transmissões e 2 G.C..

Diretor de exercício: Um oficial;

Observadores de conduta: Dois oficiais ou 2 sargentos competentes.

MUNIÇÕES

Dotação para os grupos: identica à distribuída para o tiro A. Total: 40 carregadores e 600 cartuchos.

OBJETIVO

Dois objetivos idênticos ao do tiro A: — o mais próximo O^1 colocado a 650 metros sobre uma perpendicular ao meio da base de partida; — e outro O^2 a 100 metros além do O^1 e a 40 metros de intervalo, à direita.

REALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO

Mecanismo: Os dois G.C. estão em posição, ambos sobre a base de partida, (Ver Fig. 2) o primeiro face a O^1 , com o segundo 40 metros à direita e à retaguarda.

O diretor comanda: «FOGO!». O Cmt. do Pel. inicia o tiro dos dois grupos sobre O^1 .

Tendo o G.C. da direita consumido 2 carregadores, ele executa por sua propria iniciativa dois lanços de 40 metros para a frente, por esquadras. No final do 2.º lance ele abre fogo sobre O^1 .

Sob a proteção do G.C. da direita, que abriu fogo sobre O^1 , o G.C. da esquerda inicia sua progressão, dois lanços de 40 metros, por esquadra. Em seguida abre fogo sobre O^1 .

Nessa ocasião, surge o objetivo O^2 e o Cmt. do Pel. dirige o fogo de seus 2 G.C. alternadamente sobre O^1 e O^2 e continua a progressão grupo por grupo, do seguinte modo:

um lance de 40 metros homem por homem;
um lance de 20 metros rastejando.

Depois do ultimo lance, o Cmt. do Pel. concentra o fogo sobre O^2 .

O diretor faz substituir o atirador três vezes, durante o exercício.

Oito minutos depois de iniciado o fogo, ele comanda: «CESSAR FOGO!».

SEGURANÇA

Os observadores de conduta do atirador durante o exercício acompanham o F.M., observam a fiel aplicação das regras de segurança e fazem manter os intervalos e distâncias entre as esquadras.

RESULTADOS

1) — Em cada alvo são registados os pontos como foi feito no tiro A.

2) — Calculamos, em seguida, da maneira seguinte:

Representamos por N_1 o numero de pontos obtidos no alvo mais atingido e por N_2 o numero de pontos no alvo menos atingido, e atri-

buimos a cada alvo um numero de pontos igual a N_2 multiplicado pelo coeficiente 2;

— atribuimos o coeficiente 1 a diferença de pontos nos 2 alvos ($N_1 - N_2$) e concluímos assim :

$$(N_2 \times 2) + (N_2 \times 2) + (N_1 - N_2)$$

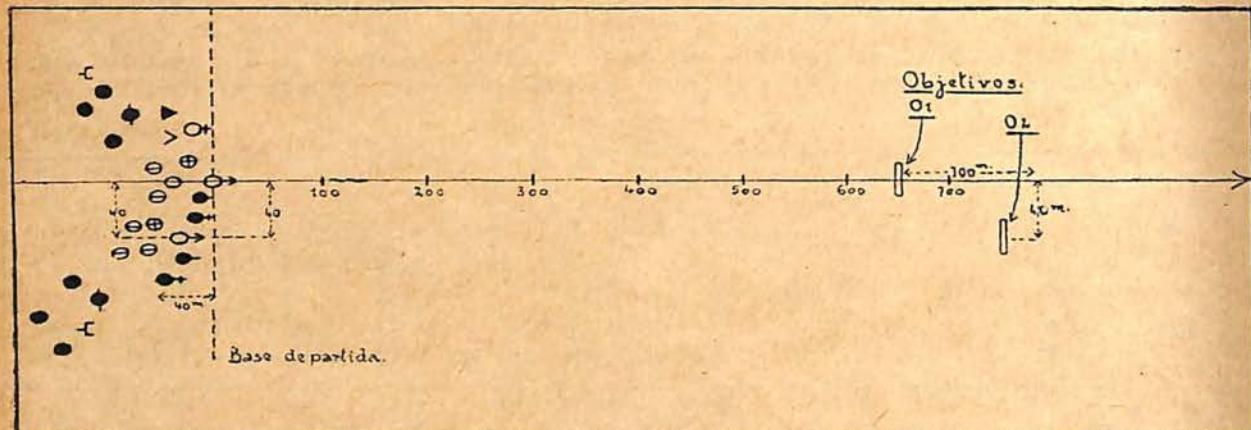
Exemplo: Alvo mais atingido, 50 pontos; alvo menos atingido, 30 pontos.

$$N_1 = 50 \quad N_2 = 30 \quad (30 \times 2) \quad (30 \times 2) + (50 - 30) \\ 60 + 60 + 20 = 140 \text{ pontos.}$$

tadas sobre um painel de $2m \times 2m$), colocado a 800 metros, sobre a perpendicular ao meio da base de partida.

REALIZAÇÃO DO EXERCÍCIO

Mecanismo: Pel. na base de partida, disposto em triângulo (Ver Fig. 3) com o vértice para a retaguarda. Os dois G.C. da testa conservam 80 metros de intervalo e o da cauda no meio do intervalo e a 40 metros de distância. Os G.C. estão em posição.



TIRO C

Fim

Exercitar um cmt. de Pel. que dispõe de 3 G.C. a progredir realizando a permanência do fogo.

PESSOAL

Executantes: Um Cmt. de Pel., um observador, um agente de transmissões e três G.C..

Diretor do exercício: Um oficial;

Observadores de conduta dos atiradores: 3 oficiais ou 3 sargentos.

MUNIÇÕES

Em cada G.C.: um bornal de atirador, 10 carregadores de 15 cartuchos dos municiadores, 15 carregadores vazios e 225 cartuchos a granél. São 25 carregadores e 375 cartuchos por grupo e 75 carregadores e 1.125 cartuchos para o Pelotão.

OBJETIVOS

Dois objetivos semelhantes aos do Tiro B, separados por 80 metros de intervalo e 100 de distância, ficando o mais próximo o_1 a 600 metros da base de partida e a 40 metros à direita da perpendicular ao meio da base de partida. Um terceiro objetivo, o_3 , figurando um G.C. deslocando-se (silhuetas de pé e dei-

O diretor comanda: «FOGO!» (por meio de uma corneta). O Cmt. do Pel. inicia o fogo dos seus três grupos sobre o_1 .

Depois de consumidos para cada G.C. três carregadores, o Cmt. do Pel. reparte o fogo dos G.C. da testa sobre o_1 e o_2 , enquanto ordena ao grupo da cauda o deslocamento para a frente, executando assim dois lanços sucessivos de 40 metros, por esquadras, ultrapassando os grupos da testa de 40 metros e, no final do último lance, abre fogo sobre o_1 .

O grupo da direita inicia o movimento para a frente e executa dois lanços sucessivamente, de 40 metros (o primeiro por esquadras e o segundo homem a homem) e, no final do movimento, abre fogo sobre o_1 . O Grupo do centro dirige seu tiro sobre o_2 (alvo da esquerda).

O G.C. da esquerda inicia então o mesmo movimento que foi executado pelo da direita, e, no final, abre fogo sobre o_2 . Neste momento o Pel. de fuzileiros encontra-se na formação inicial, em triângulo com o vértice para a retaguarda.

O objetivo o_3 surge (1). O Cmt. do Pel. concentra o fogo sobre este objetivo e retoma o movimento para a frente, rastejando. Esse movimento — um lance de 20 metros — é executado sucessivamente e na ordem: grupo do cen-

(1) — Caso seja possível, nos campos de tiro, há o maior interesse em fazer aparecer no momento preciso o objetivo o_3 .

tro, grupo da direita, grupo da esquerda. Durante esses movimentos o Cmt. do Pel. reparte o fogo de modo a bater o_3 e depois o_1 e o_2 .

O Diretor do exercicio, por meio da corneta ordena o «CESSAR FOGO», 10 minutos depois da abertura do fogo.

Durante o exercicio o diretor faz substituir os atiradores três vezes.

SEGURANÇA

Cada Cmt. verifica se estão sendo bem compreendidas as regras de segurança e faz manter os intervalos e distancias determinadas.

RESULTADOS

Registrar os pontos obtidos em cada alvo da mesma maneira como foi feito para o tiro A.

Em seguida iniciamos outra operação.

Sejam N_1 , N_2 , N_3 numeros anotados por ordem decrescente representando os pontos obtidos nos três alvos. Atribue a cada alvo um numero de pontos igual a N_3 multiplicado pelo coeficiente 3; — atribuimos a cada alvo mais atingido um numero de pontos igual á diferença $N_2 - N_3$ multiplicado pelo coeficiente 2 e do coeficiente 1 o numero de pontos que se obtém pela diferença $(N_1 - N_2)$. Totalizar os pontos assim obtidos:

$$(N_3 \times 3) \times 3 + [(N_2 - N_3) \times 2] \times 2 + N_1 - N_2$$

Exemplo: seja $N_1 = 110$; $N_2 = 75$; $N_3 = 40$

$$N_1 - N_2 = 110 - 75 = 35$$

$$N_2 - N_3 = 75 - 40 = 35$$

Aplicando a formula, obtém-se:

$$(40 \times 3) \times 3 + (35 \times 2) \times 2 + 35 = 360 + 140 + 35 = 535 \text{ pontos.}$$

NOTAS CONCERNENTES AOS TIROS

A, B, C.

1.º) — Para facilitar o estudo do mecanismo, os tiros de combate do G.C. e do Pel. podem ser executados, no começo, com um efetivo reduzido (por grupo o Cmt., o cabo e a esquadra de fuzileiros).

Com o prosseguimento da instrução, é necessário dar aos grupos o seu efetivo completo, de modo a exercitá-lo nas situações reais. As armas individuais não atiram.

2.º) — Os oficiais diretores e observadores de conduta dos atiradores devem exigir dos Cmtes. de grupo e de Pel. as ordens e comandos precisos para a execução do fogo.

3.º) — As distancias, intervalos e extensão dos lanços são determinados aproximadamente e podem ser modificados pelas exigencias do terreno e pela observação das regras de segurança.

II — ORGANISACAO DOS EXERCICIOS

Os tiros de combate das unidades elementares: grupo de combate, secção de Mtrs., Pel. de fuzileiros podem ser organizados e executados sobre os «eixos de tiro» de infantaria dos campos de instrução assim como nos campos de tiros normais e de emergencia. Ha, todavia, interesse em se garantir a possibilidade de sua execução, sob as exigencias das regras acima citadas, que dizem respeito mais particularmente aos «exercícios de combate com tiro real» de Companhia e a realização do «plano de fogos» de Batalhão.

1.º — ESCOLHA DO TERRENO

O terreno escolhido deve prestar-se, tanto quanto possível, ao desenvolvimento do exercicio que se tem em vista organizar. É importante frizar que não se cogita de escolher um terreno que atenda aos imperativos da tatica da infantaria, mas um terreno que permita as combinações do fogo dessa arma: tiro por cima das tropas ou por cima de intervalo, apoio fornecido por uma base de fogos, plano de fogos defensivo, etc. Essa consideração que se impõe á vista da absoluta necessidade das medidas de segurança, conduzirá frequentemente o diretor do exercicio a escolher, obrigatoriamente, um terreno diferente daquele que conviria para a execução do mesmo exercicio de combate executado sem tiro real.

2.º — ESCOLHA DOS LOCAIS INICIAIS.

No terreno assim escolhido, trata-se de dispor os elementos de fogo — armas automaticas ou engenhos — nas posições iniciais. Segue-se a determinação em função dos estandes de segurança correspondentes ao objetivo de cada arma, da forma do estande modelo, que compreende todos os demais. É, geometricamente, um polígono formado por outros menores. A impossibilidade de prever as descontinuidades nos estandes modelos do morteiro Stockes põe em relevo a necessidade, na maioria dos casos, de não colocar esses engenhos á direita ou á esquerda do dispositivo e de lhe designar objetivos um tanto excentricos.

Para cada arma instalada deve ser calculada a zona perigosa total da maneira seguinte: uma arma automática recebendo para bater diversos objetivos: A, B, C, constrói os estandes modelos elementares A, B, C, correspondendo ás direções dos diferentes objetivos. O contorno exterior da figura obtida desse modo limita a zona de segurança correspondente ao local inicial dessa arma. Operando identicamente para todos os locais iniciais das armas ou engenhos, obtém-se o polígono que limita a zona perigosa total para a primeira faze do exercicio.

3.º — ESTUDO DAS DIVERSAS FAZES

O trabalho de preparação como foi estudado acima, principiando pela escolha dos locais iniciais, deve ser repetido para cada uma das fases previstas no exercício. Acontece que a zona perigosa total obtida para as varias fases prolonga-se, mais ou menos, no decorrer da progressão. Os movimentos dos executantes são regulados de uma faze a outra, tendo em vista que sejam muito pequenas as variações dessas zonas perigosas. Por outro, as medidas de segurança entre os diferentes grupos são constantemente observadas pelos observadores de conduta nas condições já determinadas.

4.º — DETERMINAÇÃO DA ZONA PERIGOSA TOTAL DO EXERCÍCIO

(Zona perigosa do conjunto)

Depois de obter por superposição dos estandes modelos elementares correspondentes aos objetivos das diferentes armas, a zona perigosa, inerente a cada faze do exercício, envolve-se todas essas zonas perigosas sucessivas por um polígono fixo, de forma tão simples quanto possível, no interior do qual toda a circulação será interditada pelo tempo que decorrer o exercício.

Os limites laterais desta «zona perigosa do conjunto», não raras vezes, serão as linhas retas, fazendo, com a direção geral dos deslocamentos, um ângulo pouco maior que as linhas de tiro mais inclinadas sobre essa direção.

Essa consideração simples permite determinar aproximadamente, de antemão, a extensão e a forma dos terrenos que deveremos dispor para «executar» um exercício com tiro real.

III — OBJETIVO E MODALIDADES DE EXECUÇÃO DOS EXERCÍCIOS

1.º — Tiros de combate das unidades elementares

Os tiros de combate das unidades elementares devem ser considerados como a continuação e o complemento necessário dos tiros de instrução e de combate. Esses tiros devem constituir o coroamento e a verificação da instrução técnica do grupo e do Pel.

Para que essa instrução técnica seja considerada aperfeiçoada é preciso que: — cada um dos executantes tenha adquirido os «reflexos» que asseguram no combate a permanência de suas funções;

— os comandantes de unidades elementares sejam capazes de assegurar o movimento para a frente de suas unidades, dirigindo o fogo sobre um certo número de objetivos.

Para obter e verificar esses resultados, não é útil o grande dispendio de munição nem multiplicar as situações. A manobra das unidades

elementares de infantaria é sempre muito simples e um pequeno número de tiros em situações bem escolhidas será o suficiente para fazer com que essas unidades vivam fases essenciais do combate. O limite do número de tiros que devem ser executados oferece por outro lado, a grande vantagem de permitir aos corpos de tropa o exercício de todas as suas unidades durante as estadias nos campos de instrução.

A — TIROS DO GRUPO E DO PEL. DE FUZILEIROS

1) — **Tiros de combate do grupo** — «A única manobra do grupo consiste em fazer alternar os lanços e os fogos, quando ele não pode mais avançar sem atirar». (Reg. de Inf., 2.ª parte, n.º 419). «O fogo normal do grupo é o do F.M.». 1.ª parte n.º 262).

O trabalho principal consiste em exercitar o grupo a alternar os fogos do F.M. e os lanços. Com esse fim é que realizamos o tiro denominado A.

Para evitar a perda de tempo, o numero e amplitude dos lanços, o modo de progressão, são previamente estudados e determinados.

A duração total do tiro é limitada, afim de que a habilidade técnica dos executantes seja posta à prova.

2) — **Tiros de combate do Pel.** — «O pel. é a menor unidade suscetível de efetuar uma manobra elementar. Ao impulso de seu Cmt, os 3 G.C. deslocam-se alternadamente, garantindo a continuidade do movimento, ao mesmo tempo que a permanência do fogo». (Reg. Inf. prefacio, pag. 16). «As formações de ataque do Pel. tem por fim essencial lhe permitir progredir desenvolvendo toda a sua potência de fogo». (Reg. de Inf., 2.ª parte, n.º 432). «As formação em triângulo, com 2 grupos na frente, corresponde ao caso mais geral; o grupo da cauda pode atirar pelo intervalo dos da testa e pelo flanco». (Reg. Inf. 2.ª parte, n.º 456).

Das prescrições regulamentares expostas, resulta que o essencial é exercitar o Pel. disposto na formação em triângulo, em realizar a continuidade do movimento, ao mesmo tempo que a permanência do fogo. Tal será o fim dos tiros de combate do Pel.

No inicio dos exercícios, para minorar as dificuldades, trabalharemos com o Pel. de 2 G.C. (tiro B), depois com o Pel. de 3 G.C. (tiro C). Como no tiro A, à vista dos mesmos motivos, o numero e comprimento dos lanços são previamente determinados.

3) — Observações de ordem geral sobre os tiros de combate do G.C. e do Pelotão.

1) — Nos tiros A, B, C, descritos no anexo 1, adotamos uma margem de segurança muito maior do que a prevista para o combate. O

Reg. de Inf. (2.ª parte, n.º 27) determina, com efeito, «que um fuzil metralhador, colocado atraç de um intervalo, só pode atirar se estiver a uma distancia no minimo igual ao dobro desse intervalo», ao passo que ficou prescrito (Tiro C) que a distancia do grupo da cauda do Pel. aos da testa não excedia da metade do intervalo entre esses grupos. A colocação dos objetivos nos tiros A, B, C é regulada de maneira que o F.M. do grupo da cauda, para os atingir, não tenha de atirar em uma direção que forme, com a linha que o liga a um dos grupos da testa, um angulo inferior a 34 graus (angulo limite imposto pelo estande modelo de segurança).

A instituição da verificação (controle) realiza a mais eficaz garantia.

O observador de conduta do atirador (oficial ou sargento) preocupa-se com a segurança, pela qual é responsável; não intervem na manobra nem desempenha a missão de instrutor; somente (nos tiros B e C) determina as substituições do atirador.

Antes de ir ao campo para fazer o tiro de combate, há proveito em preparar o exercício com cartuchos de festim. É necessário, desde o inicio dos exercícios, salientar á tropa que esse preparo destina-se á boa execução do exercício com o tiro real (cartuchos de guerra) e viza dar a todos os executantes o sentimento da

segurança. A tropa deve sentir a importancia desses exercícios.

TIROS DE COMBATE DA SECÇÃO DE METRALHADORAS

As finalidades dos tiros de combate A, B, C do grupo e do Pel. são as mesmas para os da Sec. de Mtr. Constituem os tiros do grupo e do Pel. preparação para o emprego das Mtrs. nos exercícios de combate da Cia. e do Btl., combinando os fogos com os das outras armas. Todas as considerações precedentes desenvolvidas sobre a possibilidade da execução dos tiros sem perigo e os benefícios que surgirão daí para a instrução são os mais valiosos. Em vista das mesmas razões expostas no que concerne ás unidades de fuzileiros e volteadores, o numero de tiros de combate da Secção de Mts. é estritamente limitado.

Sendo a Secção de Metralhadoras a unidade de fogo e sua manobra reduzindo-se a uma progressão de posição de tiro em posição de tiro, não dá lugar a casos creados como no combate do grp.

Por conseguinte, pode-se estudar:

- o tiro direto da secção: tiro M_1 ;
- o tiro mascarado da secção: tiro M_2 .

Esses dois tiros de combate podem, a titulo de ensinamento, ser executados por cima e pelos intervalos das tropas amigas.

Adido Militar Argentino

Discurso pronunciado pelo chefe da 2.ª Secção, Ten. Cel. Castelo Branco no almoço oferecido pelo Estado Maior do Exercito ao Major Perez de Aquino que partiu definitivamente para seu país.

Srs. Generais, Sr. Major Aquino, meus camaradas:

Por decisão do Sr. General Chefe do E.M., cabe-me a honra de dirigir-vos as despedidas de vossos camaradas brasileiros no momento em que, finda vossa missão, regressais á Patria.

Á vossa satisfação do dever cumprido junta-se a do regresso, pois o amor ao horizonte familiar é o característico da «Patria material» pela qual anceiam, no estrangeiro, mesmo aqueles que estão ungidos da noção abstrata de «Patria espiritual». Dentro de poucas horas, Major Aquino, estareis no «deck» dum transatlântico vendo desfilar a vossos olhos nossa costa, bordada de montanhas ver-

des ou azuladas conforme a incidencia caprichosa da luz forte e crua sobre a massa das aguas profundas. A viagem de vossa imaginação será, no entanto, mais rapida e tereis logo a ante-visão do «rio das aguas de prata», anciando pelo momento em que vosso barco ultrapasse o farol da «Recalada» e comece a navegar no canal balisado que vai terminar no porto de Buenos Aires, surgido de terrenos baixos, transformados e adaptados pela inteligencia e tenacidade de vossos compatriotas na magnifica obra de engenharia que superou largamente, ali, as deficiencias da natureza.

Entrareis então nessa «Cosmopolis» grandiosa que é a cabeça enorme de todo vosso país. Révivereis o espetáculo que tanto agrada á vista do forasteiro e já no centro da cidade, passará, de inicio, deante de vossos olhos, a «Casa Rosada», atual palacio do Governo construído no local da antiga fortaleza levantada por Garay para defender a

cidade que acabava de fundar. Seu estilo discreto e risonho e sua guarda de «Granaderos de San Martin» em seu uniforme evocativo, apresentam quadro digno dum pincel de Castela. Segue-se a Avenida de Mayo, simpatica e risonha como a nossa Rio Branco mas com a vantagem de ter, ao fundo, o panorama completado pela imponencia e magestade do faustoso palacio do Congresso. Nossa amigo pagará o tributo dos que chegam e fará o circuito do bairro de negócios, balisado por Florida, Rivadavia, 25 de Mayo e Crrientes, vasta colmeia cujo mel é sugado por milhares de abelhas de todas as raças. O percurso continuaria através de ruas modernas, de predios magnificos, muitas das quais com nomes evocativos de batalhas — Chacabuco, Suipacha, Maipú, Florida, Ayacucho que alternam com nomes de guerreiros ilustres — Belgrano, Balcarce, San Martin, Bolívar, etc.

Nota, entretanto, antes mesmo de chegar a Palermo, justo orgulho de Buenos Aires, que a *tournée* feita com o Major Aquino vai-se tornando longa. É que meu espirito, como o daqueles que conhecem a Argentina, se compraz em recordar paisagens e aspectos caracteristicos daquele aprasivel país.

Percorridas algumas milhas de seu roteiro, nosso viajante, já saudoso, volverá a imaginação para a cidade que ficou atras, á beira da Guanabara, guardada por suas altas sentinelas de granito. Em seu olhar retrospectivo talvez divise ainda o major Aquino a poeira de luz que localisa a cidade e lembra-lhe as guirlandas de fócos que percorrem as avenidas costeiras e sobem dos vales opulentos para os morros modestos, em sua maioria, e que ele só conheceu através de historias imaginosas de que falam os «sambas» e os *speakers* das estações de radio. Ao pensar na cidade ele ha de lembrar-se da gente que o acolheu e dos amigos que aqui deixou, entre os quais se encontram os camaradas brasileiros.

Dizem que existe entre os oficiais de todos os Exercitos, qualquer que seja sua origem, camaradagem suficiente para fazer amigos ao primeiro encontro.

Esta asserção é verdadeira no que possa conter de geral porque, realmente, aqueles que se votam de coração á ardua profissão das armas têm

habitos comuns nascidos da aspiração de aperfeiçoar, em qualquer posto, seus «meios de chefe».

Em torno de tres verbos gira esse problema profissional comum: — *poder*, *saber* e *querer*:

- A educação fisica ensina a «poder» suportar as fadigas e as privações da guerra;
- Pela instrução militar se adquire o «saber» sob o ponto de vista técnico, isto é, os conhecimentos necessarios ao desempenho de qualquer tarefa em campanha;
- O «querer» é dado ao soldado pela educação, sob o duplo aspecto intelectual e moral.

A instrução e a educação se penetram porque todo oficial é simultaneamente instrutor e educador. Em quanto a instrução fornece nossos conhecimentos técnicos, a educação forma o espirito e desenvolve o caráter e, portanto, suas qualidades determinantes a reflexão, o julgamento, a iniciativa, a disciplina, a perseverança e a vontade.

Ha, entretanto, desemelhanças capazes de quebrar essa afinidade reciproca entre obreiros do mesmo oficio. Corpos de oficiais existem que se caracterisam por uma excessiva arrogancia, falsamente baseada no preconceito de que o oficial forma casta a parte e está acima do resto dos mortais. São antigos habitos caracteristicos dos Exercitos profissionais em que o civil era despresado por aqueles que se atribuam o monopólio de pisar o campo de batalha. A guerra era então provocada, sob qualquer pretexto, mesmo sem um ideal a defender.

Hoje em dia qualquer conflito internacional põe em ação todas as forças vivas da Nação armada e ainda as de populações inteiras. A solução do problema não está sómente numa equação de ordem militar porque a industrialização e a democratização da guerra são resultados da vontade e da organização do povo ao qual cabem tambem os louros da vitória. Nos Exercitos de países novos, como os nossos, a função precipua do Exercito é guardar as riquezas e impedir qualquer atentado á honra e á soberania da Nação mas seus oficiais, ao mesmo tempo que desempenham o papel puramente militar — de

preparar a guerra — podem ter sobre seus concidadãos uma ação bemfazeja de ordem social. A educação militar é inseparável da educação nacional e a formação moral do soldado não pode ser distinta da que caracteriza o bom cidadão.

LIAUTEY, grande condutor de homens, mostrou que o oficial é um maravilhoso agente de ordem social e pode, mais do que ninguem, exercer sobre seus subordinados uma ação eficaz, pelos motivos seguintes:

- Em contacto imediato com êles, partilha de seus trabalhos e fadigas sem tirar disso o minimo proveito, pois seu ganho não depende, como o dos industriais, do labôr de seus homens;
- Seus interesses reciprocos não são opostos mas semelhantes;
- A autoridade de que está investido repousa na lei; tem uma sanção legal, escapa a toda discussão e a todo compromisso;
- O proprio oficial está submetido a uma disciplina inflexível;
- Regulamentos precisos fixam o limite de suas exigencias profissionais. Tudo concorre, portanto, a destacar sua independencia pessoal e o desinteresse de sua ação.

Assim concebida a função construtora e educativa do Exercito, pode-se adotar esta conclusão dum estadista francês: «Se nossos soldados não devam fazer a guerra, as virtudes desenvolvidas pela educação militar — resistencia, honra, disciplina, abnegação, bom humor nas situações criticas, iniciativa, espirito de dever e sacrificio, desprezo emfim da morte, só podem ser grandemente proveitosas aos cidadãos duma nação democratica».

Oficiais de Exercitos como o argentino e o brasileiro, estes sim, podem sem restrição sentir, ao primeiro encontro, os melhores efeitos duma afinidade eletiva. É por isso, Major Aquino, que fostes bem recebido por vossos camaradas brasileiros que reconhecem sempre debaixo do uniforme argentino um agente leal de camaradagem, um meio de ligação entre duas corporações que se devem compreender, um traço vivo da união de elementos que em suas respectivas Patrias — ARGENTINA e BRASIL — representam a ordem e a

segurança e impulsionam a educação de seus concidadãos no sentido da mais larga fraternidade americana.

Já se foi o tempo em que o adido militar dedicava toda sua atividade a descobrir si o país junto ao qual estava acreditado adquiria mais um canhão ou construia mais um desvio ferroviario. Os comentadores da campanha de 1914-18 provaram que no decorrer de uma guerra o mecanismo das nações em luta se equilibra muito depressa e que cada inovação dum beligerante é rapidamente seguida pela parada correspondente do adversario.

A observação do adido militar é hoje, portanto, exercida num horizonte mais largo e mais profundo. Ele procura, sobretudo, fazer a psicologia das multidões para ver se o coração do povo abriga os «sentimentos azues» da justiça e do direito ou si nêle se aninham os «sentimentos pardos» oriundos da inveja e da idéia de predominio internacional. Foi assim que naturalmente procedestes, Major Aquino, como oficial culto e inteligente que sois, e por isso sabeis algo da pureza de nossos sentimentos, como nós conhecemos a elevação de vossos propósitos.

Vossa responsabilidade de amigo do BRASIL é ainda maior porque tivestes a ventura de assistir á memorável visita do Sr. General JUSTO, soldado-presidente da Nação argentina, cujo gesto elegante e significativo de trazer pessoalmente ao BRASIL o testemunho sincero e efusivo de uma amisade tradicional, comoveu profundamente o povo brasileiro que lhe tributou seu respeito e admiração desde a chegada ao RIO até a partida em S. PAULO, espetáculo este que nunca se apagará da memoria dos que — como vós e como eu — o assistiram.

Resta-me agora, preso camarada, apresentar-vos em nome do General Chefe e no de todos nós, os votos que fazemos pela vossa ventura pessoal aos quais unimos nossas homenagens á senhora de Aquino que, com sua graça e vivacidade, auxiliou vossa missão e penhorou os que tiveram o prazer de tratar-a.

Brindamos pelo exito de vossa brilhante carreira, pelo Exercito de vosso país, que tudo pode esperar do valor de seus quadros, e pela nobre nação argentina, irmã diléta da brasileira.

Discurso do Major Alfredo Perez de Aquino

Señores Generales, Señores Jefes, Camaradas:

Por una rara coincidencia concurro una vez más a esta mesa con igual motivo. Caras y corazones amigos la rodean con la familiaridad que es característica en los soldados.

Asisto a una fiesta protocolar de despedida y esa causa podría ser motivo para que ponga una valla a mis palabras; pero un generoso impetu se resiste a aceptarlo para deciros lo que pienso y siento.

**

Han transcurrido dos años de permanencia en estas tierras, que tienen el valor de una vida. Nadie resiste al encanto de esta soberbia naturaleza sin encariñarse, penetrar en las costumbres y hacerse al ambiente. Asistimos podría llamarse transformación psíquica del recién llegado, que al lapso de su desarrollo engendra un nuevo ser que está hermanado a vosotros.

**

Acontecimientos gratos para la vida de nuestros países terminan de celebrarse, concurriendo a ello un vínculo tradicional que el tiempo ni los hombres podrán borrarlo.

El Brasil entero asistió al homenaje, y esta tierra Carioca vistió sus mejores galas para recibir el abrazo que venía de las pampas.

La historia política no habla con frecuencia de estos hechos, como si al exigir su limitación quisiera expresarnos que constituye el patrimonio exclusivo de las colectividades afines.

Las salvas de las Fortalezas saludaron al pabellón argentino a medida que los navíos hacían su entrada a la Bahía, como si al rodearlos le diera su bienvenida con un abrazo.

Hemos asistido al espectáculo de un pueblo que saliendo de su vida normal

se echó a las ruas para asociar en un solo viva a nuestras Patrias; Hermoso espectáculo que muy pocas veces podemos admirar!

Hemos visto también, porque no decirlo, la emoción sentida y honda de un joven oficial del bizarro Reg. 1.º de Caballería al despedirse del Primer Magistrado Argentino. Las palabras no podrían traducir esos momentos de sincero recogimiento de los que contemplaron esa escena. La presencia de un uniforme tradicional en vuestra Historia parecía hablarnos de sus triunfos y de sus glorias. Era el pasado que descendía desde lo alto para asociarse a las manifestaciones que la idalga generosidad de vuestros patricios prestaron a nuestros representantes, por ser a ellos, a nuestra patria misma.

A de ser, pués, para todos ellos el mejor de mis recuerdos en la hora de la partida, porque no en vano lo afirmó Señor Teniente Coronel, que la observación de los fenómenos psicológicos de los pueblos y su orientación constituyen una de las bases fundamentales de nuestra misión, no para descubrir el error, sino para encausar la simpatía alejándolos del error.

Con la delicadeza que tenéis por herencia me habláis de la llegada a mi Patria olvidando la fase inicial, es decir la partida.

Diré, pués, de vosotros, en vuestros lares, lo que representáis. Aquí vinculé mi espíritu y también aprendí a amaros.

Hé conocido el valor de vuestras instituciones; las que evidencian una orientación de plausible perfeccionamiento. Ello a no dudar, establecerán mejor vínculo entre nuestros Ejércitos, porque despertarán el deseo de aprender y conocer, y por la misma razón, de crear relaciones que pueden sellarse en amistades duraderas.

**

Hateis hecho referencia mi Señora cuando lo más íntimo de mis sentimientos. Muchas gracias mi Teniente Coronel po-

Atos oficiais

C. P. O. R.

O Sr. Ministro solucionando o oficio do Diretor do C.P.O.R. da 1.ª R.M., n.º 1.040, de 7 do mês findo, versando sobre contagem de tempo arregimentado aos oficiais que servem nos referidos centros, declara, de acordo com a informação do E.M., o seguinte:

«Os instrutores dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva não estão enquadrados na doutrina estabelecida pelo Aviso n.º 204, de 23 de Março do corrente ano, não se lhes podendo contar, como arregimentado, o tempo de serviço naqueles Centros». (Aviso n.º 45, de 23-XII-933).

**

IDADE DE SEGUNDOS TENENTES EM COMISSÃO PARA ADMISSÃO A CONCURSO ÁS ESCOLAS DO EXERCITO

DECRETO N.º 23.585, de 14 de Dezembro de 1933.

Art. 1.º — Até aos 35 anos de idade, poderão ser inscritos em concurso de admissão ás Escolas do Exercito, os segundos tenentes em comissão, candidatos a obtenção de curso na forma das disposições em vigor.

lo impensado de este homenaje que pone de relieve su fineza.

**

Con este concepto del homenaje que realizais, yo me inclino ante vosotros con la reverente devoción que merece el sentimiento de mi gratitud.

He compartido como Aviador vuestras alegrías y vuestras tristezas durante dos años, con la emoción que suscita en el alma el sentimiento de las intimas espansiones.

Hé sido el discreto visitante que siempre encontró las puertas abiertas y una mano amiga.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrario. (D.O. de 27-XII-933).

**

MUDANÇA DE DENOMINAÇÃO DAS ESCOLAS DO EXERCITO

DECRETO N.º 23.625, de 21 de Novembro de 1933.

O Chefe do Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, tendo em vista o decreto n.º 23.126, de 21-VIII-933, estabelecendo novas normas para o ensino no Exercito, resolve:

Art. 1.º — Passarão a denominar-se, a partir de 1.º de Janeiro de 1934, Escola Técnica do Exercito (E.T.E.) a Escola de Engenharia Militar; Escola de Intendencia do Exercito (E.I.E.) a Escola de Intendencia; Escola de Saude do Exercito (E.S.E.) a Escola de Aplicação de Serviço de Saude; a Escola Veterinaria do Exercito (E.V.E.) a Escola de Aplicação do Serviço Veterinario do Exercito.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em caso contrario.

Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1933, 112.º da Independencia e 45.º da Republica. — (aa) GETULIO VARGAS — *Augusto Inacio do Espírito Santo Cardoso.*

Así, con ese caudal de simpatia me toca alejarme, sintiendo la emoción trionnera que me acusa.

Gracias, mil gracias, será lo que siempre os diga al recordarlos.

**

Brindo por la ventura personal de los presentes, por vuestro ejercito que es exponente de PAZ y grandeza del país, por la noble Nación Brasilera nuestra hermana a quién rindo mi homenaje de admiración.

A ideologia política

Por Émile Corra

(Extratos e tradução por J. B. Magalhães)

Em matéria *política* não logrou ainda o espírito positivo predominar e impor-se como acontece com o caso das outras ciências teóricas e suas respetivas aplicações práticas. Nela, o puro empirismo e os processos arbitrários, têm sido até agora preferidos aos científicos. Ela permanece, de fato, por isso em estado análogo áquele em que se achava na época anterior a Bacon, Descartes e Galileu, regendo-se por *opiniões, doutrinas, sistemas construídos à priori*.

Isso torna-se evidente nos estados patológicos da sociedade que assumem certa gravidade. Para tratá-los, reunem-se, então, conferências nacionais ou mundiais para discutir os processos e recursos de cura do mal que aflige a todos. Procede-se, assim, tal como se fazia em Babilônia, onde era costume trazerem-se os doentes para a praça pública e, sobre seu caso, consultar os transeuntes.

É tanto mais extranhável essa ogerisa á adoção dos métodos positivos em política, quanto de fato é o espírito positivo o arquiteto de todas as sociedades humanas, as quais assentam em fundamentos sólidos e são construídas sómente de razões práticas espontaneamente reveladas.

Os primeiros homens obedeceram na construção da sociedade, sem murmurar e sem que nenhum mago ou legista lhes revelasse disso os segredos, apenas á *necessidade* e á *experiência*. É por isso que a geroncracia (assemblea ou governo dos velhos), foi a forma primitiva mas espontânea de governo, a qual ainda hoje perdura em certas tribus retardadas. Sobre esta base natural e sólida, puderam soberbas civilizações desenvolver-se e durar milhares de anos na Ásia e no Oriente, antigo.

A massa humana é, porém, intelectualmente mediocre e credula. Sente enormemente necessidade de ser dirigida e, a tal ponto, que atribue logo, aos que vêm claro nas situações e sabem livrá-la de certos males que as afligem, *poderes sobre-naturais*. Então, obedecem-lhes servilmente.

Esta sua predisposição instintiva fez surgir um contrapeso ao poder diretor dos velhos: os feiticeiros ou mágicos, os heróis.

Passou, desse modo, o governo a ter um carácter *místico*, que, embora modificado no decorrer das diversas eras da evolução social, perdura ainda hoje. No dizer de Frazer «os mágicos, são temidos e respeitados e quando

contribuem para o bem público tornam-se funcionários públicos. Exercem influência poderosa sobre o espírito dos homens elevando ou deprimindo a sorte de seus adoradores e suditos. É assim que, através de transformações sucessivas chega-se á instituição da divindade dos reis, a qual, a seu turno, cede o passo á doutrina mais modesta que os faz apenas reinar por direito divino (1).

De fato, os Faraós, deuses vivos; os imperadores da China e do Japão, filhos do Céu ou do Sol; os reis do ocidente, instituídos por Deus, nada mais são que sobrevivências dos feiticeiros, mágicos e curandeiros das sociedades mais barbas. No século XVIII ainda havia curandeiros de prestígio reconhecido.

O *mito* da divindade dos reis, já fortemente abalado com a execução de Carlos I da Inglaterra, caiu definitivamente com a cabeça de Luiz XVI, de França, em 21 de Janeiro de 1793. Mas esse *mito político* perdura, transformado, de direito divino em *soberania do povo*, tão falsa em princípio quanto a primeira, e muito mais perigosa na realidade.

Com a mística teoria do direito divino, uma vez instituídos, os governos ficavam estabeis, podendo os administradores da sociedade dispor de tempo para adquirir os conhecimentos e a experiência das necessidades da sociedade; ao passo que isso não se dá com a *mística soberania do povo*.

O *desequilibrio, a instabilidade, caracteriza os regimes democráticos*. É uma resultante imediata do recrutamento dos homens políticos por meio da eleição, que submete os *superiores* ao julgamento dos *inferiores*, de uma opinião pública heterogênea, constituída de uma multidão de facções que impõem a seus eleitos soluções políticas diferentes para as mesmas questões que interessam a todos. É isso que levava certamente Gambetta a comparar a Câmara de Deputados a um espelho quebrado que não refletia a imagem do país mas sua caricatura.

A política democrática é uma teia de mérices e intrigas de campanário; política de burgo podre ou de fócos revolucionários, e dá logar a que Clovis Hugues observe ser a função do Deputado incompatível com a do Legislador ».

Nos países democratizados, o governo torna-se ainda instável, por que emana e depende

(1) - O homem Deus.

de coligações de correntes partidárias mais ou menos importantes, isto é, fica sujeito a *sistemas à priori*, o que nunca se coaduna com as necessidades reais.

Cêdo ou tarde, portanto, sendo honesto, o homem político vê-se levado a contrariar seus eleitores uma vez que se lhe vão impondo os interesses gerais. É, então, acusado de traidor e é derrubado.

Homens experimentados e doutrinários mais ou menos sinceros, jamais duram no poder o tempo necessário para conhecer e aperfeiçoar-se na função de governar e para poderem elevar-se acima dos interesses particularistas e dos partidos sempre hipnotizados por seus egoismos ou quimérias.

Além disso, a usurpação de poderes, a confusão dos poderes legislativo e executivo, às vezes mesmo também do judiciário; o enfraquecimento da autoridade central; a anarquia, a demagogia e por fim a ditadura, são as consequências lógicas da obstinação democrática servilmente respeitada e obedecida. Um governo robusto é de tal modo necessário à boa saúde das sociedades que os povos suportam uma autoridade pessoal, brutal, mesmo terrorista, com mais calma e resignação que uma direção frouxa.

**

Observe-se, porém, que as ditaduras surgidas das democracias em decomposição, apresentam um caráter anormal que é originário de sua fonte: — elas são, do mesmo modo que as democracias, demagogicas e místicas.

A deformação de espírito causada pelo desenvolvimento do poder que adquirimos para modificar as coisas, o mito da soberania política dos homens e o delírio legislativo daí resultantes, têm perturbado a tal ponto a razão na sociedade moderna que se crê na onipotência humana em relação aos fenômenos sociais e que é possível, a bel prazer, transformar o mecanismo dos organismos coletivos e sujeitá-lo a novos planos, traçados *à priori*. Assinala a esse respeito A. Comte que «muitos espíritos participam ainda do grande erro dos filósofos e dos legisladores da antiguidade que pretendiam sujeitar a marcha da civilização a suas concepções sistemáticas, em vez de a ela subordinarem seus projetos».

Isso explica também porque assistimos a estas tentativas intrépidas para regenerar os governos devidos, substituindo-os pelo «bom tirano» na

mesma ordem de idéias que absorvia já o espírito dos publicistas do século XVIII que pretendiam reconstruir a família, a propriedade, a linguagem mimica, oral e escrita, a moral teórica e prática, a religião, a natureza humana, a pátria e a humanidade. E porque não o sistema solar ou, ao menos corrigir a inclinação do eixo de rotação da Terra sobre a órbita, tornando-a mais confortável à habitação do homem?

Tal é, sem dúvida alguma, a mentalidade dominante nas diversas revoluções havidas desde o começo do século XX: o Kuomitang na China, o bolshevismo na Rússia, Kemalismo na Turquia, o fascismo na Itália, o hitlerismo na Alemanha.

Certo, este tratamento ortopédico convém a algumas sociedades doentes, vítimas de acidentes, ou mal conformadas de nascença, por isso que elas se resignam e o suportam. Não é, porém, deseável generalizá-lo nem, aliás devemos temer que isso aconteça porque seu efeito seria fazer a sociedade retrogradar e decompor-se em muitas outras, todas dessimilhantes como se deu na Grécia antiga.

Tudo é bem velho, já dizia Aristóteles. Todas estas pretendidas novidades políticas nada mais são, no fundo, que verdadeiras exumavações de coisas que a humanidade já repudiou. Isto de tal modo é verdadeiro que nos leva a crer que em sociologia, como em química «nada se perde, nada se crea».

Não é pela restauração do passado que se melhorará o estado social atual de um modo durável. A ditadura, a tirania, a monarquia absoluta, são estados peremidos em consequência de vícios que renascerão infalivelmente com a restauração e os quais a sociedade moderna suportaria muito menos que a antiga.

Apezar de todas suas imperfeições a democracia tem prestado aos povos o grande serviço de arrancá-los da situação de servos para formá-los de cidadãos, tornando-os responsáveis pela própria sorte, interessando os diretamente nos negócios públicos, — dando-lhes liberdade e tornando leiga a política.

Não será, portanto, mergulhando-os novamente no mutismo e na servidão, tornando-os indiferentes ao poder, retrogradando-os, que melhor se assegurará a ordem para obter uma mais harmoniosa marcha do progresso.

Os erros da mística democrática, como de seus antecessores, os abusos que provoca, devem ser corrigidos e eliminados, é incontestável, mas por processos sem violência, sem revoluções os quais são apontados como crimes do

regime democrático enquanto que a democracia tem justamente a vantagem de tornar evitáveis tais recursos.

Para isso haveria de contribuir certamente a adoção de medidas tais como: limitação da idade mínima para ser eleitor a 25 anos e do direito de elegibilidade aos maiores de 30 anos; o renovação parcial das assembléas legislativas; não deixar aos membros dessas assembléas a *iniciativa das leis* e dos orçamentos, reduzindo suas atribuições ao puro controle dos atos do governo, através do exame das questões das finanças públicas; reprimir a licenciosidade no falar e no escrever, pela imposição da necessidade da prova das acusações contra os funcionários públicos.

O aumento do eleitorado, sobretudo pelo direito eleitoral dado às mulheres, não é de molde a corrigir os defeitos da democracia. Tende, ao contrário, a agravá-los. As mulheres são mais numerosas que os homens, mais sentimentais e menos realistas que eles no ponto de vista social, e é essa uma das causas por que nos países em que se fizeram eleitoras, crescendo o volume da massa votante, as coisas, em vez de melhorar têm piorado.

A maior necessidade das sociedades modernas é, sobretudo a de que um *espírito verdadeiramente positivo*, nelas predomine. Precisam, em suma, que governantes e governados tenham mais *bom senso* que *ideologia*, para que as soluções de seus *problemas* resultem da observação atenta das realidades de sua existência, única base estável de um regime democrático.

Não é fácil satisfazer esta condição.

Não cessam de surgir novas *ideologias* e neste momento mesmo vemos aparecer os que pretendem regular o curso dos fenômenos económicos, subtraindo-os à *razão prática* para, inspirados por teorias nominalmente científicas, querer sujeitá-los às conclusões de uma *razão puramente dedutiva*.

Fez-se o atual Roosevelt, grande improvisador e campeão de um «Trust de inteligência» constituído de professores de *economia política*, ou melhor de *professores de plutocracia*, cujas vidas não abarcam mais que os *interesses materiais*, e estes mesmos, restritos aos dos *produtores*. São os prosselitos de uma *economia dirigida*, a qual Flandin, antigo Ministro das Finanças, em França, chamou de *teologia desordenada*, por que as conclusões contraditoriais a que têm chegado os que pregam os novos credos económicos, lançam uns contra os outros, neutralizam-os e os expõem ao ridículo universal.

A intervenção dos *sociólogos*, a título de *conselheiros técnicos* dos governos, é, na situação atual da sociedade, injustificável. O exemplo de A. Comte, fundador da sociologia, querendo intervir por seus conselhos na direção prática da sociedade, não deve ser desprezado. As aplicações concretas da sociologia imaginadas por ele, prejudicaram evidentemente o próprio resultado que procurava atingir, não obstante não cessar o grande filósofo de pugnar pela destinação entre o poder *espiritual* e o *temporal*.

É que a *Política* é uma arte derivada da sociologia que é uma ciência abstrata que paira muito acima das contingências próprias a cada momento, não obstante uma mulher de espírito dizer, no século XVIII: «o que me desgosta na história é pensar que, a seu turno, o que eu vejo será história um dia». A *sociologia* só interessam os fenômenos correspondentes a grandes períodos de evolução, relativos a todo gênero humano. Suas leis são válidas para toda humanidade e devem servir a todos que aspiram governar seja temporal seja espiritualmente. Não podem, porém, com bons resultados ser aplicadas à letra, sem causar sérias desilusões, a *casos urgentes* e de *caráter especial*.

Em tal situação é-se forçado a apelar para recursos empíricos judiciosamente escolhidos e tanto mais quanto a política se complica sem cessar.

Após Luís XI, com o surto dos governos ministeriais, depois continuamente desenvolvidos, a solução esclarecida do conjunto de problemas que correspondem à política, ultrapassa *qualquer capacidade individual*. As sociedades só podem ser governadas de modo conveniente por *oligarquias controladas*, formadas de homens experientes, assistidos, na *preparação das leis gerais*, por um Conselho de Estado, e na *preparação de leis particulares*, por conselhos técnicos correspondentes aos diversos assuntos especiais. Mas atendendo a essas condições da vida moderna, é preciso fugir às *ideologias*.

O bom senso aconselha que o Governo só se deixe influenciar por uma idéia preconcebida: o *interesse geral*. Por isso mesmo deve preocupar-se, antes de mais nada em manter a harmonia social e não ter preferência por panacéas políticas como os *radicalismos*, os *socialismos*, *comunismos* e outras em que se confundem fenômenos de ordem objetiva e subjetiva. É aliás, assim que em política têm pensado os grandes filósofos e agido os grandes condutores de homens.

Basta para evidenciar isso, recordar os conselhos, ou princípios que nos legaram, prin-

cípios que correspondem á verdadeiros teoremas sociológicos, como a título de exemplo enumeramos a seguir, sem comentários perfeitamente dispensáveis.

**

Confucio:

«O principe é o pae e a mãe do povo»: deve agir com a firmeza do pae e a ternura da mãe.

«São as virtudes, as qualidades reunidas dos ministros, que fazem a grandeza do Estado». Um principe deve escolher seus ministros conforme seu proprio modo de sentir, sempre inspirado pelo bem publico.

É preciso que se submeta a grande regra do dever para que o bem publico o inspire. Esta lei do dever surge do amor por todos os homens».

India — Leis de Manú:

«Agir com correção e jamais com perfidia».

«Não oprimir inconsideradamente os governados».

«Proteger seus súditos com devotamento e zélo, mesmo contra seus próprios intendentes que são geralmente prevaricadores e se apropriam facilmente do bem alheio».

«Decretar os impostos de tal modo que todos o julguem vantajoso».

Babilonia — Leis de Hamurabi — Rei, ano 2000 A. C. — Prologo:

«...então El e Bel chamaram-me por meu nome e de insigne principe, temente aos deuses, destinado a promover o bem dos homens, a fazer prevalecer o direito no país, a exterminar os corrompidos e os maus, a impedir que o poderoso oprime o fraco, a ser visto pelos homens como o sol que ilumina a nação».

Egito — Instruções de Faraó a um Vizir:

«Vêde: — ser Vizir não é ser doce, é ser firme, como seu nome indica; é constituir um muro de bronze ao redor do ouro da casa de seu senhor.

«Vêde: — não deve haver idéa preconcebida... nem fazer escravo quem quer que seja.

«Vêde: — quer uma queixa venha do alto ou baixo Egito, cabe-te fazer com que o direito de todos seja respeitado.

«Vêde: — um funcionário deve viver ás claras e de cabeça erguida. A agua e o vento propagam tudo que ele diz, nada fica oculto do que ele faz.

Vêde: — é seguro para ele agir conforme a lei atendendo a todos os que se queixam. Ninguém deve poder dizer: negaram-me o meu direito.

...Deus ama que se faça justiça e detesta que se favoreça mais a uns que a outros. Essa é a doutrina. Age em sua conformidade. Olha aquele que conheces como olhas o que é teu desconhecido; aquele que está perto de ti do mesmo modo que o que está longe».

Aristoteles — A politica:

«O bem é o fim de todas as ciencias e artes, mas é, a mais elevada das ciencias, a Politica, onde se encontra o maior dos bens: — a justiça, isto é, a utilidade geral».

A autoridade e a obediencia além de necessarias são uteis».

«Uma cidade não existiria sem chefe».

«Qualquer que seja sua forma, o fim do governo é o bem publico».

«A autoridade existe pelo interesse dos que obedecem e não dos que mandam».

«As leis devem ser modificadas de acordo com as necessidades novas, mas é preciso ser prudente na reforma».

«Tudo que é natural é eterno».

«Os costumes são leis mais importantes que as leis escritas».

«A juventude é pouco propria ao estudo da politica porque lhe falta experienca das cousas da vida que é justamente do que esta ciencia se ocupa».

«Não é a politica que faz os homens ela os emprega tal qual a natureza lhos dá».

«Alguns legisladores pensam que as revoluções surgem principalmente em consequencia da desigualdade da propriedade, mas é preciso considerar tambem a desigualdade de honrarias». «Os maiores crimes vêm da procura do superfluo e não da do necessário». «A perversidade do homem é tal que seus desejos são insaciáveis». «É o equilibrio das paixões que é necessário obter-se, e isto só pode ser conseguido pela educação».

«A maioria dos tiranos tem vindo da classe dos demagogos que conquistam a confiança do povo á força de caluniar os homens poderosos».

Roma — Salus populi suprema lex esto cedant arma togae. Paces imponere morem. Quid leges sine moribus.

Tacito — «Em tempo de revolução o difícil não é cumprir o dever, é saber em que ele consiste».

Cicero — «Os senadores devem ser sem mancha e servir de modelo ás outras classes».

— O Senado era constituído de homens experimentados que haviam sido ditadores, censores, consules, pretores, édis, tribunos e questores.

Leon Gautier — Código da Cavalaria.

III — Respeitarás os fracos e deles serás o defensor.

IV — Amarás o país em que nasceste.

V — Não recuarás em face do inimigo...

X — Serás o campeão do direito, e do bem contra a injustiça e o mal.

Chanceler Bacon — «Não é necessário dar azas ao entendimento mas atar-lhe um peso, chumbo para que a imaginação não vôle».

«É preciso considerar os fatos em si mesmos, familiarizar-se com as cousas tal qual são, substituir a dealética pela observação, a dedução pela indução».

«A experiência, é o melhor de todos os métodos».

«Para dominar a natureza é preciso submeter-se a ela».

Descartes — «Só aceitar como verdadeiro aquilo de que não se tem razão alguma para duvidar».

«A pluralidade de votos não é um atestado de veracidade, porque é bem mais fácil que um só homem veja a verdade que todo um povo».

Richelieu — «Um príncipe capaz é um grande bem para o estado; também o é um Conselho hábil; mas de ambos depende a felicidade do Estado, pelo que o entendimento entre eles torna-se um benefício inestimável».

«É a cabeça, e não os braços, quem governa e conduz os Estados». Isto requer capacidade, fidelidade, coragem e aplicação que encerram em si muitas outras qualidades».

«A capacidade dos conselheiros requer sólamente firmeza e bondade de espírito, julgamento sólido, prudência, noções de letras, porém, meditadas, conhecimento geral da história e da situação atual de todos os estados do mundo, principalmente daquele em que se está».

«O interesse público deve ser o único de quem governa; si isto não é possível, no mínimo deve preponderar sobre os particulares.

É impossível calcular o bem que resulta da aplicação deste princípio como a ninguém é dado imaginar o mal consequente para o Estado, quando os interesses particulares preponderam sobre o público.

Isto é uma verdade tão clara que jamais os conselheiros de um príncipe insistirão demasiado para que a observe; nem o príncipe castigará com bastante severidade os de seu conselho que sejam suficientemente miseráveis para desrespeitá-la».

Em matéria de crime de Estado é preciso não ter piedade e saber desprezar o que diz a populaçā a qual em geral, blasfema contra o que lhe é útil e necessário».

«No Governo de um Estado, é preciso escutar muito e falar pouco».

Richelieu tinha aversão áqueles «cujo espírito se volatiliza em discursos».

Bossuet — e a Escritura:

«O interesse mesmo nos une».

«A sociedade humana necessita que se ame a terra em que se vive, olhando-a como uma mãe comum».

«Não ha peor estado que o da anarquia, isto é, aquele onde não ha governo, nem autoridade».

«Perde-se o respeito das leis quando se as vêm mudar frequentemente».

«Mesmo que a historia fosse inutil aos outros homens era necessário ensiná-la aos príncipes. É o melhor modo de lhes mostrar o que podem as paixões e os interesses, os tempos e as circunstâncias, os bons e os maus conselhos».

Montesquieu — O espírito das leis:

«É preciso cuidar que as leis não se choquem contra a natureza das cousas».

«Ensina a experiência eterna que todo o homem tende a abusar do poder que tem em mãos. Para que isso não se dê é preciso dispor as cousas de modo que o poder contenha o poder».

«Todos os regimes perecem pelo abuso dos princípios que lhe deram nascimento».

«As leis não devem ser sutis por que são feitas para gente mediocre; elas não são um tratado de lógica, mas simples regras de um pae de familia».

Frederico, o Grande — «Si eu quizesse punir uma província dar-lhe-ia como governador um filósofo».

Furgot — «Foi a fraqueza que levou ao cépo a cabeça de Carlos I; foi ela quem tornou cruel a Carlos VII; foi ela quem fez a Liga sob Enrique III, quem transformou Luiz XIII e hoje o rei de Portugal, em escravos coroados; ela é responsavel por todas as desgraças do ultimo reino».

David Hume — «Todos os governos, desde o mais despótico e militar até o mais popular e liberal, assentam na opinião publica».

Voltaire — «Quando os homens se reunem suas orelhas se alongam».

Condorcet — «É singular que os homens julguem impertinente pretender saber fisica, astronomia, etc., sem haver estudado tais ciencias, ao passo que supõem possivel saber a ciencia politica e ter uma opinião fixa e decisiva sobre seus principios mais abstractos, sem se darem ao trabalho de refletir e de fazer um estudo especial».

Felix de Wimpfen — «O melhor dos sistemas é o que apresenta o minimo de inconvenientes».

Danton — «Só ha governos provisórios».

Thiers — «Pode-se fundar um regime com as baionetas, mas sobre elas ele não pode assentar-se».

Gambeta — «O progresso é apenas o desenvolvimento da ordem».

Waldeck Rousseau — «A politica não é um fim, nem subretodo uma carreira. É um serviço publico. Só deve nela permanecer quem é util».

Teodoro Roosevelt — «São as velhas, as velhas e banais virtudes, que fazem a prosperidade social e politica».

Clemenceau — «Eu faço a guerra. Perguntam-me quais são meus fins de guerra? A victoria!»

Pierre Laffite — «Em historia é preciso nunca se enganar com a data, isto é, atribuir á uma época mentalidade de outra».

«Uma assembléa parlamentar é tão incapaz de governar como de fazer uma obra de arte».

Gustaw Le Bon — «Napoleão afirmava em Santa Helena que se houvesse uma monarquia de granito, as ideologias dos teóricos seriam suficientes para reduzi-la a pó».

«Da escolha de um idéal depende a grandeza ou a decadencia de um povo».

**

Vimos de resumir as mais essenciais regras de governo que têm beneficiado os povos. São frutos da sabedoria e da experienca, verdades permanentes, independentes da versatilidade dos homens. Podem os homens de estado segui-las com confiança porque não emanam de nenhum sistema particular.

Mas a evolução cria situações novas. Está na inteligencia e viveza de espirito dos governantes saber ver claro e compreender o momento.

Hoje as sociedades modernas fraternizam tanto quanto rivalizam. São de tal modo solidarias e dependentes que formam, em conjunto, um imenso organismo. Elas são nacionais com relatividade. Qualquer perturbação sobrevida a uma delas se reflete em todas as outras.

O comparecimento de 67 nações á Conferencia Económica de Londres evidencia quanto é dominante, nos tempos presentes, a vida internacional, conforme aí assinalaram a Rei da Inglaterra e seu Primeiro Ministro.

Todos os bons espiritos, qualquer que seja sua nação ou civilização, reconhecem a existencia de uma corrente irresistivel que arrasta a humanidade para novos destinos.

Rabindranath Tayore, entre outros, o proclama em seu livro sobre a *religião do homem*.

«As raças humanas, diz ele, jamais poderão voltar a seu fechado e ativo exclusivismo. Elas são hoje intelectual e fisicamente visíveis, umas ás outras. As couraças com que se isolavam estão quebradas e nenhum processo artificial é capaz de as recompor. Assim devemos aceitar o fato consumado, si bem que não tenhamos ainda a ele adaptado nosso espirito e possamos correr os riscos impostos pela expressão meia-vasta da liberdade da vida».

Justiça militar

Céux-lá seuls pourront siéger dans les juridictions militaires qui participent, dans une mesure quelconque, à l'exercice de l' action disciplinaire.

M. Flandin

(Rel. apresentado ao Senado Francês em 30-XI-911.)

**Secção
de
Artilharia**

**Disfarce e organizações das posições
de bias.**

Conferencia feita pelo **Coronel Homo**, da M. M. F.

Director de Estudos da E. A. em 1933

Tradução pelo **Cap. O. Dénys**

- Engaja-se uma tropa afim de cumprir missão precisa.
- A artilharia não foje a esta regra.
- Ao cumprir determinada missão, ela se imobilisa e, uma vez imobilizada, não pode, com a facilidade das outras armas escapar pelo movimento, aos efeitos do fogo inimigo. Si bem que em posição seja a artilharia menos vulnerável que em marcha impõe-se que, não seja ela *destruída* nem *neutralizada*, para que possa estar em condições de cumprir sua missão.
- Ela deve então escapar ao tiro inimigo:
 - seja de posições desconhecidas pelo inimigo;
 - seja de posições organizadas que permitam o tiro mesmo sob o fogo inimigo.

— A primeira hipótese é seguramente a mais favorável e no espírito do chefe de artilharia a principal preocupação é: **NÃO SER REFERIDA, AFIM DE PODER CUMPRIR COM SEGURANÇA SUA MISSÃO.** Assim encontramos, pela lógica esta «idéia geral» posta em evidência em todos os regulamentos: — a necessidade de não revelar o «dispositivo» afim de lhe permitir a máxima eficácia no momento azado.

— Mas, não é sempre possível esperar escapar aos órgãos de busca inimigos. Daí a necessidade de, em todas as circunstâncias, organizar as posições de artilharia.

— Si bem que, afóra as condições técnicas correspondentes a determinadas missões, deve uma posição apresentar tanto quanto possível:

- possibilidade natural de ser disfarçada, prejudicando a referência adversária;
- possibilidade duma organização material igualmente disfarçável.
- Vamos examinar sucessivamente:
 - o disfarce ou dissimulação das posições;
 - a organização material dessas posições.

I — DISFARCE OU DISSIMULAÇÃO DAS POSIÇÕES DE BIAS.

— Dissemos que o Chefe de artilharia deve ter sempre o cuidado de manter o inimigo no desconhecimento das nossas posições. E isto se consegue sempre? Não: — Embora se deseje, vai depender, no entanto, dos diferentes casos.

— Doutro lado, o que teremos a fazer não poderá ser realizado ao mesmo tempo; somos assim, forçados á *ordem de urgencia*, igualmente variável para cada caso, como veremos adiante.

— Para bem perceber o fim a atingir, é preciso saber exatamente a que órgãos inimigos devemos temer e o modo pelo qual trabalham esses órgãos.

— Trata-se de *observadores terrestres e aereos*.

— Escapar-se aos *observadores terrestres* é bastante fácil se forem obedecidas as prescrições disciplinares durante o reconhecimento e a ocupação:

- ninguém nas cristas, ultrapassadas somente pelo olhar do capitão;
- escolha de andaduras para evitar poeira;
- procura de desenfiamentos máximos para evitar clarões e poeira dos disparos.

— Bem mais difícil é o escapar-se aos *observadores aereos* que podem agir pela vista ou com o recurso da foto. É preciso reforçar a disciplina e precaução no reconhecimento e ocupação, utilizando as cobertas possíveis para dissimular a aproximação da bia, e imobilização sistemática de todo elemento a descoberto das vistas de aviões inimigos.

— Então, em resumo, a discreção máxima no reconhecimento, na aproximação e na ocupação, constitue a defesa contra as pesquisas dos observadores terrestres e em avião (trabalhando á vista).

— Trata-se já, de uma verdadeira manifestação de disfarce. Manifestação indispensável principalmente porque os

movimentos de entrada e saída de posição, constituem momentos críticos para a artilharia. Basta assistir a uma dessas manobras para avaliar o risco de destruição que paira sobre uma artilharia que não observa o máximo de *discreção* compatível com as obrigações impostas a cada caso.

— Si esta *discreção* é suficiente para o caso anterior, talvez não o seja para o caso do observador com auxílio da *foto*. O resultado de um reconhecimento fotográfico é a apresentação de um documento estudável periodicamente, permitindo a exploração absoluta ou relativa. A comparação de fotos de uma região, tiradas em diversos dias e horas, permitirá interpretações seguras sobre a razão da mudança de aspecto duma região: — a presença de posições de bias. etc.

— Esta particularidade nos leva a concluir que um disfarce não terá razão de ser, si modificar o aspecto da região visto pelo avião. Diremos ainda que será mais prejudicial que útil.

— Caberá nesse caso, á nossa aviação verificar de inicio o trabalho de disfarce das nossas posições.

— Examinemos as possibilidades de disfarce nos dois casos:

- marcha de aproximação e combate;
- reforço a uma frente (ofensiva e defensiva).

A — MARCHA DE APROXIMAÇÃO E COMBATE

— Sabemos que nesse caso de constantes deslocamentos, a escolha das posições é quasi sempre imposta pela localização dos P.O.

— Nessas condições, não será sempre possível aliar na escolha da posição, as necessidades de disfarce. Contudo, um Cap. ou um Cmt. de G. deve sempre decidir: entre duas posições, escolher a mais facilmente disfarçável, ou pelo menos saber como disfarçar tal posição.

Em todos os casos, convirá explorar a fundo as coberturas naturais:

- macega;
- arvoredos;
- jardins;
- orlas de estradas ou trilhos;
- linha de mudança de culturas;
- bosque de vegetação pouco densa (preferir a orla posterior, limpando o campo de tiro).

B — REFORÇO A UMA FRENTE

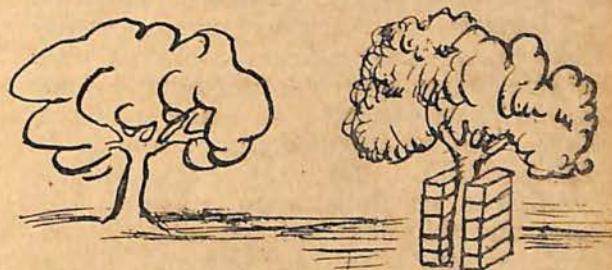
a) — ofensiva.

— Para a ofensiva, a artilharia se coloca o mais avançado que permita a segurança, de modo a ter que se deslocar o mais tarde possível. Esta consideração tática nos impede frequentemente de ocupar posições dissimuladas naturalmente ás vistas adversárias ou facilmente disfarçaveis.

— O ataque, porém, não é uma improvisação. Disporemos então, antes dele ser feito, de um tempo variável com as circunstâncias, tempo que é preciso aproveitar para disfarçar as posições reconhecidas, antes de as ocupar.

— As peças poderão chegar ás posições quasi no ultimo instante.

— As munições, constituindo peso considerável, deverão ser levadas com antecedencia, depositando-as seja na própria posição, seja nas proximidades, convenientemente dissimuladas, para o que se aproveitam as dobras do terreno e as coberturas.



Cunhetes junto ao tronco duma arvore.

— Si, por qualquer motivo for impossível cuidar do disfarce das bias., não haverá grande inconveniencia si o ataque tiver sucesso. Quando as peças se revelarem, a simultaneidade dificultará ao inimigo saber onde *vigiar, observar ou onde atirar*. Como, teoricamente, o atacante deve ter sabido conseguir a superioridade do fogo, condição primordial de sucesso, pode-se dizer que em tal caso uma artilharia referida não corre grande risco. As bias. inimigas em condições de atirar, naturalmente concentrarão seus tiros sobre o objetivo mais importante: — a infantaria atacante. A infantaria avançará e o inimigo terá que recuar suas bias. si não quizer que elas sejam aprisionadas. O atacante por sua vez avançará com suas bias. por escalões, começando pelas mais afastadas e assim a seguir recuar-se nos combates de movimento.

— Si o ataque fracassar (superioridade de fogo não conseguida, manobra da defesa mais habil que a do ataque, etc.), a artilharia inimiga poderá com mais liberdade atender a outros objetivos. Mas, ela só pensará na artilharia atacante, dentro do permitido pela sua disponibilidade em munição: — Ela desconhece o dia da repetição do ataque, quando deverá ter intata a sua dotação de munição.

Nesse caso ainda, a artilharia, no seu conjunto não corre perigo sistematico, mas, é preciso aceitar a possibilidade de algumas bias. virem a sofrer. É a característica do revez... e serão evidentemente as bias. não disfarçadas que penalão!

— Si o ataque fracassou e o comando não insiste: — o dispositivo se modifcará rapidamente para um desdobramento defensivo.

— De qualquer modo, as recomendações apresentadas para o caso precedente valem para este. Ajuntemos que a entrada em posição dos materiais deve-se fazer na ordem inversa da facilidade de disfarce: primeiro as bias. por natureza bem disfarçadas, depois as cujo disfarce seja menos apreciavel e por fim, na noite anterior ao ataque, as restantes (vide relatorio da manobra de B. HORIZONTE, 1931 (pag. 141), onde se encontra o escalonamento, durante tres noites na colocação em posição do material, segundo as possibilidades locais de disfarce).

b) — defensiva.

— O tempo nos pertence, em geral; mas, igualmente pertence ao inimigo, senhor de sua decisão.

— Infelizes as bias. da defesa, cuja falta de disfarce ou com *disfarce mal feito*, que tenham sido referidas (assinaladas).

— É preciso aproveitar o tempo disponível para preparar o disfarce com antecedencia, com todo o cuidado e pre-

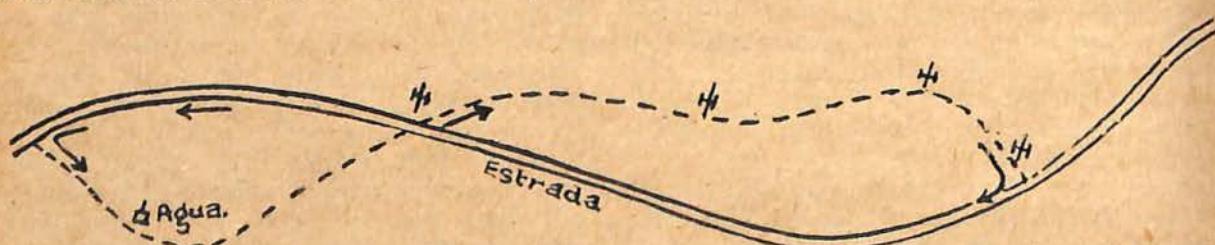
do terreno, dando a maxima atenção ás cobertas e disfarces naturais.

— Si for o caso do disfarce artificial, é preciso ter o cuidado de não *fazer manchas*, para o que se consulta a aviação e se seguem suas indicações.

— O disfarce artificial pode cobrir o conjunto duma bia. ou comportar 4 elementos cobrindo as peças. Todas as vezes que for possivel, preferir a primeira solução pois caso o inimigo venha a perceber uma grande mancha sobre a *foto*, ficará na duvida de se tratar de uma bia., o que não se dará sobre um conjunto de quatro manchas, principalmente quando alinhadas e com intervalos regulares...

— Surge assim, na defensiva, a regra geral e imperiosa, que a simetria na disposição das peças é um indicio importante para facilitar a interpretação das fotos. Abandonar brutalmente a regularidade: — ausencia de alinhamento e de intervalos regulares, aproveitando os detalhes do terreno e escalonando largamente as peças num dispositivo que chamaremos de *tocaia*. Assim a interpretação se tornará mais difícil, e caso seja referida uma bia. assim disposta, a superficie a bater para a neutralisação conduzirá a um consumo de munição inadmissivel.

— Emfim, encontram-se nas fotos detalhes que permitem identificar quasi infalivelmente as bias.: são as *pistas* (pistas novas e pistas alargadas). Deve-se evitar faze-las e para isso o melhor meio é de se colocar ao longo dos caminhos e estradas existentes. Uma severa disciplina impedirá a criação de pistas novas. Ou se limitará lateralmente as pistas já traçadas, ou se as prolongará até unir a outras. Uma pista não deve parar nunca num ponto ocupado, e a circulação deve ser feita em circuitos. Sempre que possivel, utilizar arame liso para guia das pistas afim de evitar o alargamento (um fio em estacas de 1 M. de altura).



cauções aereas desejadas. Deve-se ser intransigente em não mudar o aspeto

— Sabemos que na defensiva a artilharia tem posições para peças seções

ou bias. *nomades* e tambem posições de substituição. Todas essas posições, completadas por falsas bias, fazem ainda parte do disfarce, mas é indispensável tratar do disfarce do conjunto, destinando a deixar o inimigo no desconhecimento do nosso desdobramento, condição primordial, como dissemos, da possibilidade de eficaz apoio de fogos na hora do combate defensivo propriamente dito.

— Ha um outro processo de investigação sobre o qual ainda não falamos: o da *referencia pelo som*, processo que somente a presença de numerosas bias, atirando simultaneamente sobre uma frente prolongada, ou circunstâncias atmosféricas desfavoráveis, podem perturbar seu resultado.

— É por isso principalmente que não devem as bias. atirar de suas posições definitivas sinão por ocasião do combate defensivo.

— Falamos aírás sobre a necessidade de dispor as peças irregularmente sobre o terreno. Isso torna mais difícil a manobra com o feixe: complica o trabalho dos capitães que devem calcular para cada peça, em cada direção e distância, a correção de convergência para acompanhar a p.d. Pode parecer delicado a estabelecer, mas o fato é que o tiro nunca está livre dos erros de cálculos do oficial.

— O processo seguinte permite ao Cap. determinar rapidamente e sem cálculos fastidiosos os quadros de correção de convergência para os chefes de peças. Permite mesmo, prescindir desses quadros, desde que o Cap. envie a cada peça a soma do ângulo de transporte e do ângulo de convergência.

Trata-se de um abaco, de construção fácil, desde que o Cap. tenha na sua sacola um duplo decímetro, um compasso e papel em branco (quadriculado, preferível em milímetros).

Sejam então 2 peças (vide figura): P_1 (guia) e P_2 , em vigilância ambas na direção V, não estando a base P_1P_2 perpendicular à direção V.

Seja O um objetivo situado a uma distância D de P_1 , e 100 P à direita da direção V.

Se P_2 se deslocar 100 P para a direita, será preciso para ter a convergência com P_1 em O fazer uma correção igual ao ângulo P_1OP_2 , cujo valor se quer saber, para todas as peças, em todas as direções e em todas as distâncias.

Dado o valor muito pequeno da relação $\frac{(P_1P_2) \text{ Ms.}}{(D) \text{ Ms.}}$ esta paralaxe é praticamente igual à $\frac{(P_1P_2) \text{ Ms.}}{(D) \text{ Km.}}$

O ponto O apresenta ainda a propriedade de ter esta paralaxe com todos os pontos do segmento capaz desse ângulo.

Construamos o segmento capaz.

Baseado sempre no valor muito fraco da relação $\frac{(P_1P_2) \text{ Ms.}}{(D) \text{ Ms.}}$, a circunferência de diâmetro P_1O diferirá muito pouco da circunferência cujo segmento capaz é um elemento.

Faremos assim um erro sem consequência para nosso tiro, construindo essa circunferência de diâmetro P_1O e admitindo que todos seus pontos do lado do tiro vêm P_1P_2 sob o mesmo ângulo igual à $\frac{(P_1P_2) \text{ Ms.}}{(D) \text{ Km.}}$

Isso implica em considerar P_2 se deslocado para P_1 .

Assim sendo admitido, sobre a perpendicular à P_1P_2 será fácil determinar os centros das circunferências donde se vêm P_1P_2 sob um ângulo qualquer: = 4 milésimos por exemplo.

Seja ainda P_1P_2 igual a 32 Ms., o que dá o diâmetro D da circunferência a construir igual à $32:4 = 8$ Kms.

Se trabalharmos na escala de 1/100.000 por exemplo, o centro procurado estaria à 8:2 de P_1 ou sejam 4 cms.

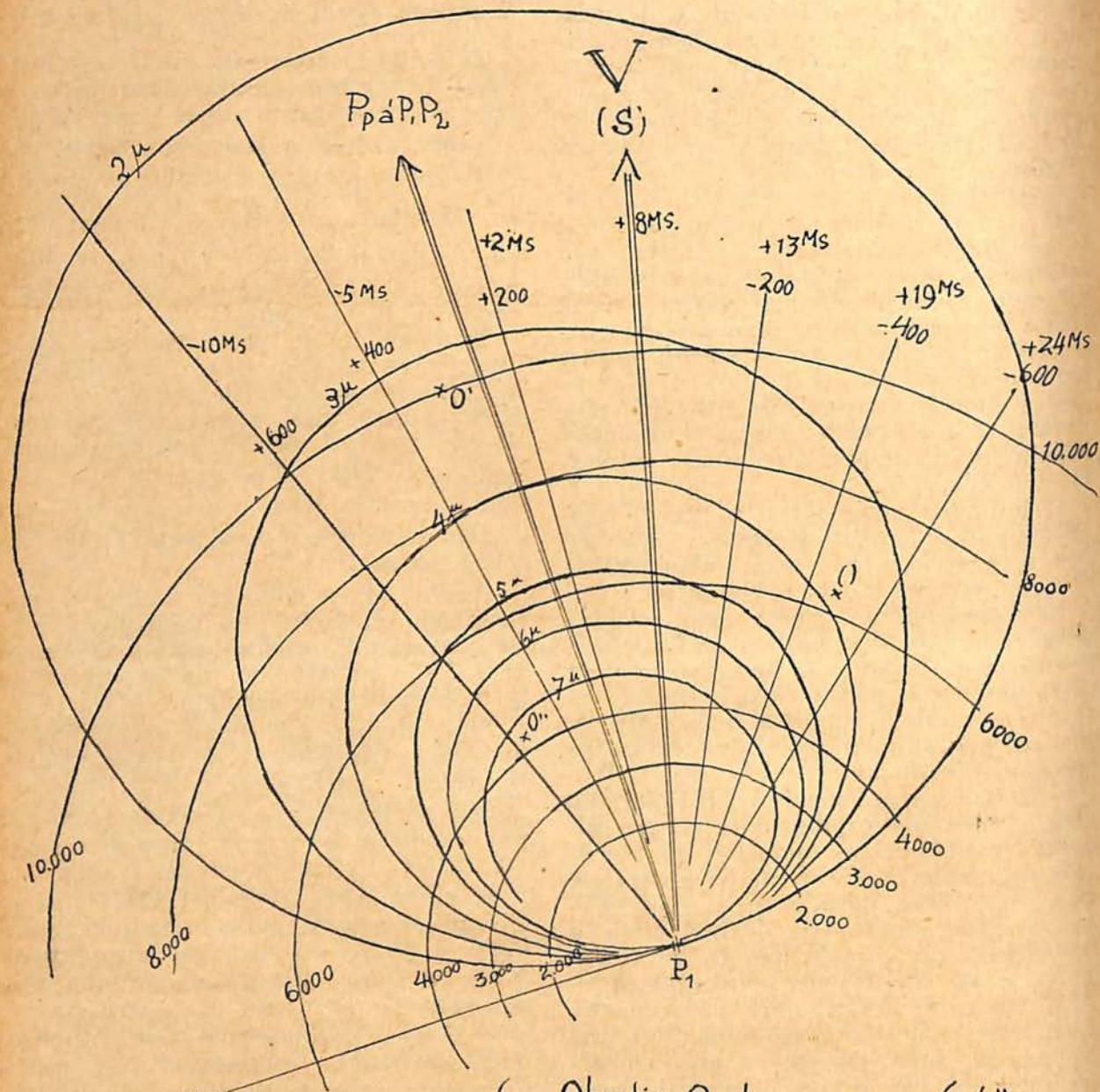
A circunferência de paralaxe igual à 8 milésimos teria também um diâmetro igual à $32:8 = 4$ Kms. e cujo centro seria, na dita escala a 4 cms.: 2 ou seja à 2 cms. de P_1 .

— Donde o processo: — dividir sucessivamente a distância P_1P_2 pelos diferentes números inteiros (de milésimos):

$$\left(\frac{32}{2} = 16; \frac{32}{3} = 10,6; \frac{32}{4} = 8; \frac{32}{5} = 6,4; \frac{32}{6} = 5,6 \text{ etc.} \right)$$

e os cocientes resultantes nos darão os diâmetros que por sua vez divididos por 2, fixarão as posições dos centros das circunferências de iguais paralaxes (2, 3, 4, 5, etc.) esses centros sendo então respectivamente à 8 cms., 5,3 cms., 4 cms., 3,2 cms., 2,8 cms. etc. de P_1 .

Traçam-se esses círculos; inscrevem-se as paralaxes representadas. Em se-



P_2 * Exemplos: $\left\{ \begin{array}{l} \text{- Objetivo } O = \text{Leitura a fazer} \left\{ \begin{array}{l} -4^M \\ +20\text{MS} \end{array} \right. \\ \text{- Objetivo } O' = \text{ " " } \left\{ \begin{array}{l} -3^M \\ -3\text{MS} \end{array} \right. \\ \text{- Objetivo } O'' = \text{ " " } \left\{ \begin{array}{l} -7^M \\ -10\text{MS} \end{array} \right. \end{array} \right.$

guida traçam-se a direção de vigilancia V e as direções $\pm 100, \mu 200, \mu 300 \mu$ etc. Finalmente traçam-se, na escala adotada, as circunferencias de iguais distancias tendo P₁ por centro.

A partir deste momento, uma simples leitura indicará a correção necessaria para assegurar a convergencia de P₂ com P₁, numa direção qualquer e a qualquer distancia.

— Opera-se da mesma forma para P₃ e P₄, seja com dois novos abacos, seja concentrando todos num unico.

Nesse caso convem empregar cores diferentes para as peças afim de facilitar a nitidez e segurança da leitura: um capitão de artilharia deve dispor do que precisar para trabalhar *bem* e rapidamente.

A convergência em direção é assegurada, então facilmente.

Resta assegurar a convergência em alcance, isto é, determinar para cada peça e em cada direção a correção topografica a fazer em relação a P₁, para mais ou para menos, ou sejam P₁O para obter P₂O, P₃O e P₄O.

Para isso, utilizando uma escala comoda, fazer uma serie de medidas sobre as direções já traçadas (V, $\pm 100, 200, 300$ etc. μ) e depois de haver colocado, na escala, P₂ sobre P₁P₂, P₃ sobre P₁P₃ e P₄ sobre P₁P₄.

O emprego duma regua graduada, não indispensavel entretanto, torna a operação particularmente rapida.

Pode-se ainda ganhar tempo, fazendo essas medidas sobre quaisquer direções e as interpolando: e para cada direção inscrever-se-á $\pm N$ ms.

Note-se que, si dispomos de papel milimetrado, poderemos obter uma regua graduada instantaneamente.

Tudo isso é muito facil e muito rapido.

O Capitão pode fazer seu abaco sobre os joelhos no PO.; o tenente lhe comunica por exemplo:

«Referencia da 1.^a sobre a 2.^a peça, tanto! — distancia 24 Ms.!» Basta isso, si o capitão tem na sua bolsa os indispensaveis a todo artilheiro em campanha.

Ajuntemos que, na pratica a *oportunidade* de fazer o abaco corresponde sempre á *possibilidade* de o construir.

II — ORGANISACÃO MATERIAL DAS POSIÇÕES — TRABALHOS.

— Não pretendo aqui enumerar os trabalhos a executar. Todos sabem que são numerosos e diversos; cada um sabe tambem que o pessoal disponivel é pouco numeroso, e como são artilheiros a sua função principal é o tiro.

— Tudo não poderá assim ser empreendido ao mesmo tempo, sendo absolutamente logico concluir a necessidade duma *ordem de urgencia*.

— Qual será a ordem de urgencia desses trabalhos, suposto preliminarmente realizado o disfarce nas condições onde, materialmente é possivel delles se cogitar? Possivelmente nunca será o mesmo duas vezes: — dependerá:

- da missão e do tempo utilisavel antes da abertura do fogo;
- do terreno e da organisação material que ele pode oferecer;
- da situação tatica, ofensiva ou defensiva;
- da atividade do inimigo e da maior ou menor energia de suas reações;
- do tempo medio que é preciso.

— Parece possivel, entretanto, louvando na necessidade de cumprir a missão, orientar os trabalhos a realizar em duas classes de urgencia:

- *as que interessam o combate, e*
- *as que interessam a vida.*

— Ainda, na primeira classe de urgencia distinguiremos:

- os trabalhos que implicam ao combate imediato;
- os trabalhos que implicam ao combate futuro.

— *Trabalhos que interessam o combate imediato.*

- Para desempenhar a missão é preciso poder:
 - comandar;
 - observar;
 - atirar;
 - viver.

— Isto impõe trabalhos nos pontos donde se comanda, donde se observa e donde se atira, ou sejam — PC. — PO. — Ptel, e trincheiras.

— Em que ordem? Depende: — si o capitão pode observar e comandar do mesmo ponto, no inicio da ocupação duma posição, é o PO. que terá precedencia sobre o PC. Esforçar-se-á, des-

de o primeiro instante em cavar um poço ou melhor, dois poços vizinhos, com 1 á 1,2 Ms de profundidade e tão estreitos que permitam num o Capitão e noutro o sgt. de tiro e o telefonista.

— Si não for o caso, si, por exemplo o Capitão deve anteriormente preparar muitos tiros, ser-lhe-á pouco comodo trabalhar num poço estreito, mormente com chuva. Então, tendo assegurado a colocação e vigilancia de sua bia, ele irá para o PC, deixando a observação e a vigilancia a cargo dum oficial ou sgt. (especialista). Nesse caso, a organisação dum PC, pelo menos provisorio tem maior urgencia que o PO.

— A organisação de trincheiras é cuidada desde o primeiro momento: — o comando de «cessar fogo» deve ser praticamente seguido do de «cavar trincheira». As trincheiras serão estreitas, de preferencia e procura-se aprofundalas o mais rapido possível á 1 ou 1,2 M.; não ha necessidade de serem lon-

— O posto telefonico é essencial a proteger — o seu proprio pessoal, logo que possivel cuidará disso.

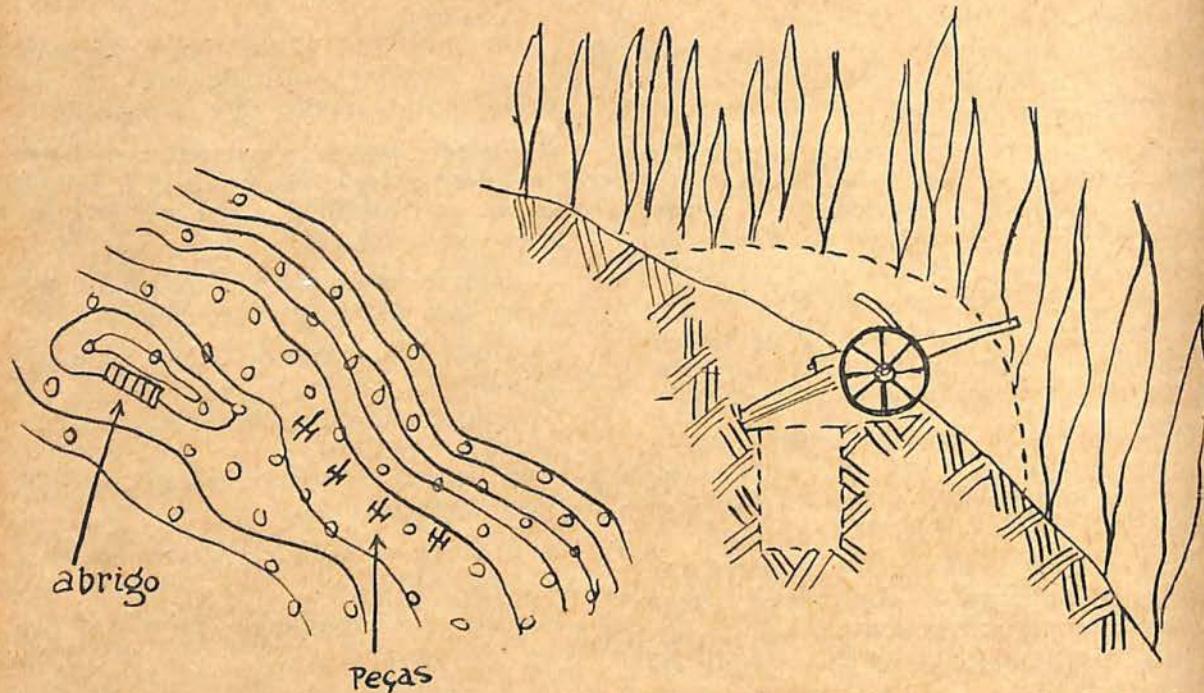
— Emfim, não esqueçamos o PS. no escalão Grupo. A todo instante é mister estar em condições de receber os feridos...

— Recapitulando, teremos, como primeira urgencia: PC. — PO. — PTel. — Trincheiras — PS. —, numa ordem que poderá variar segundo as circunstancias, especialmente quanto ao PC. e PO.

— *Trabalhos relativos ao combate futuro.*

— Incluiremos nesta categoria os trabalhos de melhoramento dos PC. PO., PTel. — PS. — etc.

— Depois a reunião das diversas trincheiras, de modo a permitir uma *comunicação segura duma extremidade à outra da bia.*, de forma ao conjunto não apresentar um traçado regular.



gas, mas de comprimento suficiente para abrigar 4 homens unidos na posição assentada. O que é importante é que elas permitam o pessoal *mergulhar* rapidamente.

— Seu traçado não pode naturalmente prejudicar o conteiramento da peça ás varias direções de tiro.

— A terra retirada será posta em redor da peça formando espaldão para proteger contra os estilhaços razantes que sem isso passariam sob os escudos.

— Emfim, *abrigos de munição*, seja para o caso dos carros não permanecem na posição, seja quando se tratar de munição complementar.

— Esses abrigos comprehendem:

— *abrigos de reserva*, espalhados irregularmente sobre a posição, nos lugares mais favoraveis, tanto para os projéctis como para as cargas;

— *abrigos de segurança*, na proximidade imediata das peças, contendo o

necessario para iniciar qualquer especie de tiro;

— *abrigos de espoletas*, pois esses artificios não podem ficar juntos á projets ou cargas.

— *Trabalhos favoraveis á vida.*

— Nova melhora dos PC., PO. e PTel.

— Abrigos de repouso para o pessoal.

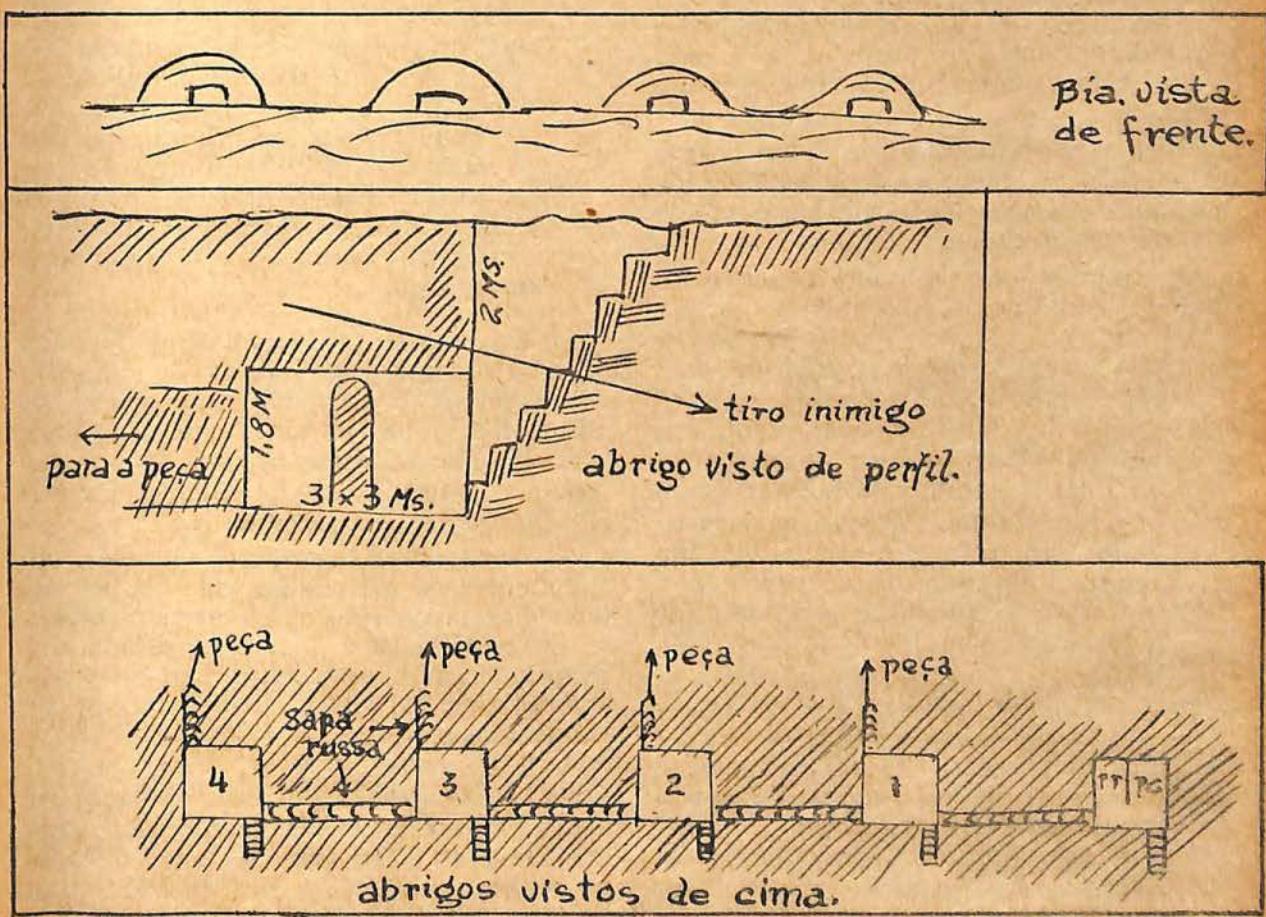
Esses abrigos podem ser construidos junto ás peças ou afastados.

É o terreno que vai impor a sua localização.

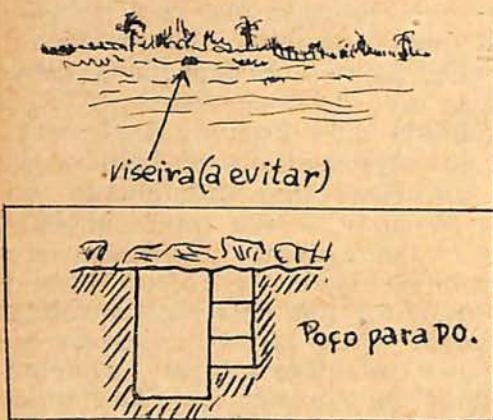
Assim, numa posição ocupada por uma bia, durante o inverno de 1914/15, ao SW. de Berry au Bac, os abrigos foram organisados a 50 M. á esquerda da 4.^a peça, sob uma pequena elevação com seis metros de altura, permanecendo as peças num bosque, e bem na linha de mudança de forte declive face ao inimigo, que mal permitia a existencia de casamatas e trincheiras junto ás mesmas.

— E, no verão de 1915, em Artois, a E. do rio Berthowal, em terreno pla-

rior aos ataques de 9-V-915, organizamos uma verdadeira caserna, alguns metros atraç das peças, sob 2 Ms. de terra. Substituimos ali uma bia, que trabalhou pouco e mal, com segurança precaria porque referida que estava, todos os dias alguns projetis inimigos davam prova. Na frente, uma pequena crista nos cobria das vistas terrestres, mas ela era dominada pelo inimigo desde o alvorecer por observadores em balões, com vistas tão claras que dificilmente poder-se-ia escapar á sua curiosidade... Estavamos á disposição do inimigo para sermos bombardeados e sofrer durante. Meu capitão fez, no entanto, consolidar as casamatas que, vistas da crista em frente pareciam quatro torres, esplendidos pontos de referencia. Terminado esse trabalho de primeira urgencia (missões), meu capitão fez começar a verdadeira organização. Em 5 pontos atraç da linha das peças, abriram-se sapas, e a dois metros de profundidade iniciou-se a abertura de 5 camaras de 3 x 3 x 1,8 Ms., cavadas de dia e transportando durante a noite a terra sobre a linha das



no, mesmo na «terra de ninguem» antepéças para modificar o seu perfil. De-
pois as cinco camaras isoladas foram
ligadas pelo interior; duas estreitas sa-



pas russas permitiam o acesso ás peças, completadas por outras duas depois. Em-
fim, as trincheiras das peças foram reu-
nidias.

Esse enorme trabalho permitiu a mi-
nha bia, não ter nenhuma perda de vida
em 4 meses, apezar de termos tido num
dia um bombardeio durante 12 horas,
por bias. de 150 e 210, absolutamente
regulado. O unico prejuizo foi, o de uma
luneta cuja coluna foi cortada por um
estilhaço...

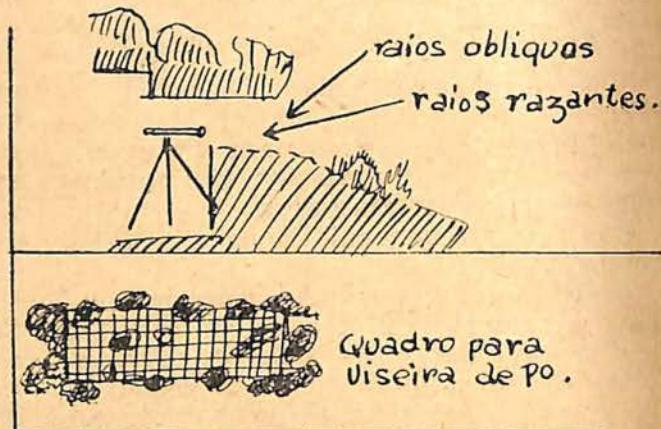
Mas, essa bia, era verdadeiramente
um modelo no genero e meu capitão me
deu uma preciosa lição dorganisação e
vontade realizadora.

— Algumas palavras ainda sobre os
diversos trabalhos a executar:

— *P.C.* — Deve fornecer enfim, um con-
forto relativo ao capitão. É pre-
ciso nele dormir para recuperar,
porque ele é o cerebro essencial
da bia. O capitão deve estar «sem-
pre em forma». Dende a necessi-
dade dum PC. apresentando um
conforto relativo, de acordo com o
trabalho da preparação, conduta e
exploração dos tiros, mesmo com
chuva.

— *PO.* — Não se deve construir *viseira*, tão visivel de longe como um
nariz na cara. O indispensavel é
ter diante de si um quadro guar-
necido duma rede o qual é afas-
tado para permitir a visada ou fa-
zendo a observação atravez as ma-
lhas.

zonte, nas lentes dos instrumentos
de observação, avançando o bordo
superior do abrigo mais que o in-
ferior.



Ter cuidado ainda com o reflexo
dos raios do sol baixo sobre o ori-

*Casamatas das peças — abrigos diver-
sos.* Não fazer coberturas mais pe-
sadas que o permitido pelo tiro.
Seria auxiliar os efeitos do projétil
inimigo que cair sobre o abrigo.

Abrigos de munição — Já disse-
mos que devem ser disseminados so-
bre a posição, utilizando a vegeta-
ção para o respetivo disfarce. Si-
só houver erva ou capim, recobrir
o buraco com um quadro de tela
de arame mascarado de léivas ti-
radas dos arredores, e só retirar
o quadro quando tiver que entrar
no abrigo.

— Mas, tudo o que vai dito, de nada
servirá si não for observada *rigorosa
disciplina de circulação*, tanto junto aos
PC. e PO. como junto ás peças. O Ten.
Cel. Pascal abordou na sua 4.^a confe-
rencia, a qual já citei, dizendo ser *no-
ção muito importante*.

— Acresentarei somente áqueles en-
sinamentos a afirmação que o pessoal
que vive na posição se esquece facilmen-
te desta disciplina cuja necessidade é o
proprio inimigo que impõe: — ele ab-
solutamente dispensa essas razões de
prudencia!...

— É em torno dos PO. que a dis-
ciplina de circulação e acesso deve ser
a mais rigorosa. Nada de fantasia, nada
de bravatas deve ser ai permitido, a
quem quer que seja e sob qualquer pre-
texto. Os observatorios (como os PC.

e todos os trabalhos nas posições de artilharia) fazem parte do desdobramento, e dissemos que esse desdobramento *deve ser desconhecido* pelo inimigo.

— Si quizermos no momento azado cumprir nossa missão e si um elemento qualquer desse desdobramento é neutralizado, todo o conjunto sofre e o rendimento diminui: — a missão não será cumprida com a precisão e o rigor da oportunidade desejada.

— E isso é a propria evidencia. Não insistirei.

— Senhores!

— Não é minha intenção vos apresentar nesta conferencia, nem um curso de disfarce, nem de construção de abrigos, porque, não só ultrapassaria nossa disponibilidade de tempo, como também existem regulamentos especiais tratando a questão com o maior detalhe.

— Já também o Ten. Cel. Pascal, na sua 4.^a conferencia vos forneceu ensinamentos perfeitos e excelentes conselhos. Permite-me a circunstancia de lhe acrescentar aqui, em cada rubrica, o que a experencia me facilitou gravar:

Disfarce — A rête é excelente desde que seja duma cor que case bem com os arredores: (já vos acen-tuei que a aviação trabalha por comparação das fotos) o aspetto da região não deve mudar.

Para isso deve-se guarnecer a rête de vegetação tomada nos arredores e irregularmente, de forma a evitar as manchas. A rête não

Indices revelando a presença de uma bia.

Visibilidade do material e dos trabalhos.

Posição em terreno deserto.

Sopro das peças.

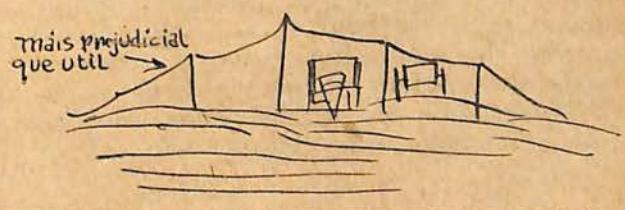
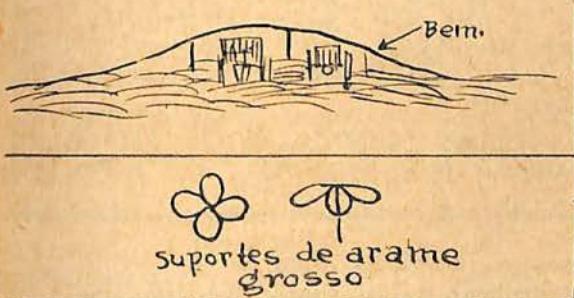
Visibilidade das comunicações.

Nada a acrescentar

Clarões e fumaças — Os saquétis anti-clarão são utilizados com projéts não encartuchados ou descartucháveis. Para os demais, de noite, em caso de tiro relativamente lento, é suficiente engraxar a alma da peça em cada tiro. Si esse engraxamento é bem feito, o clarão é suprimido. Mas, é um processo perigoso si a guarnição não tiver disciplina rigorosa. O atirador deve ser o mesmo que engraxa, pois do contrario, poder-se-ia ter alguém sem mão, acidente grave, ou mesmo com a cabeça arrancada pelo tiro, o que é mais grave ainda. Emfim, é preciso entre dois tiros colocar o escovão num logar apropriado para que esteja sempre isento de terra que poderá provocar na alma, um arrebentamento prematuro.

— Senhores!

— Concluamos: — os disfarces e as organizações são *indispensaveis*. O disfarce principalmente, porque como dissemos, é vantagem não receber tiros que recebe-los mesmo sob uma grossa ca-



deve ficar com um perfil elevado, o que obriga a utilisa-la o mais baixo possível e de forma a mais arredondada, para evitar as sombras e linhas quebradas. São aconselhados os suportes de arame em forma de guarda chuva, os quais se amoldam á vontade.

mada protetora, cuja proteção nem sempre se verifica...

— A ordem na qual se efetuam esses trabalhos não é imutável: — evolue em torno dum tipo medio cujos desiderata já tambem falamos.

— Algumas vezes somos conduzidos a trabalhos consideraveis; não seria admissivel conduzi-los ás cegas, donde a necessidade dum *plano de trabalho* (ver conferencia do Ten. Cel. Pascal).

A lei de organização geral do exercito

A Lei organica do Exercito é uma das leis fundamentais que nos fiasiam falta e cuja ausencia tem prejudicado o desenvolvimento normal de nossas instituições militares. O arcabouço de nossa organização, seu papel e destino, não estavam de um modo bastante definidos e precisados.

Passavamos das desposições constitucionais muito largas, e não raro imprecisas, ás chamadas leis de organização do Exercito, muito pormenorizadas e cheias de *particularidades* concernentes a época em que eram elaboradas.

De outro lado, as questões relativas ao Exercito em tempo de guerra não assentavam em *fundaamentos legais* explícitos e as relações de dependencia entre o *Exercito mobilizado* e o *Exercito do tempo de paz* não estavam fixados, salvo no consenso de alguns profissionais estudiosos e esclarecidos.

O proprio *processo da mobilização*, a *ídea dela em si mesma*, nada mais era, para a maioria dos cidadãos que deviam *executa-las* ou nela tomar parte, que uma *noção vaga*, quando tinham disso noticia.

As *noções fundamentais*, os principios que condicionam a organização do Exercito, desde o *Comando* aos orgãos dos serviços, e desde a naturesa e composição de suas unidades até a organização especial é o aparelhamento da instenção, eram somente *aceitos* pelo espirito de certos regulamentos e pela *mentalidade instruida de alguns*. Não abrigavam porem, de modo impositivo a todos e, portanto, podiam variar com as *personalidades* que exerciam certas funções. Sua existencia era oficiosa, não porem, oficial.

— Emfim, muitas vezes é penoso exigir do homem, cançado pelos trabalhos proprios dartilharia, que ele se transforme em sapador, carpinteiro ou sapateiro.

— Entretanto, é preciso. *É preciso ter energia de lhe impor o trabalho do qual dependerá sua vida*. Assim, no inicio de uma campanha haverá dificuldades e reações dos homens, mas, depois de um ou dois bombardeios, suas

A *nova lei*, essencialmente organica, impõe universalmente a *mesma concepção do mecanismo militar e de seus destinos*, e imprime, por isso, a todos uma *direção geral de trabalho*, num quadro firme, embora definido em linhas largas e amplas.

É uma lei destinada a durar e, assim, a dar *estabilidade e uniformidade a mentalidade militar* e ao trato das questões de ordem profissional.

Dentro desse *quadro de organização* traçado pela nova lei, as *diversas peças* de que se constitue o Exercito, podem variar em sua forma e desenvolvimento, conforme as imposições circunstanciais de cada momento, desde que se respeitem os laços que ligam umas as outras e sem que as mudanças de carater pormenorizado que se introduzem na composição dos diversos elementos, exijam uma *reforma* do conjunto, dando a todos a *impressão de instabilidade* nas concepções dos derigentes.

Torna-se mais facil transformar a *organização particular* das diversas armas e suas unidades, introduzindo elementos novos, suprimindo elementos peremidos ou modificando o arranjo das diversas peças, sem que o conjunto sofra, em consequencia dos progressos sempre crescentes das industrias belicas, sem que tais modificações acarretem a *ídea de uma revolução* nas cousas militares.

Terão agora, os orgãos de comando e de execução, deante de si a *direção geral* em que devem trabalhar e não podem divergir em virtude de seus modos pessoais de ver certas questões fundamentais.

Cumpre, portanto, a todos *estudar, meditando profundamente*, os despositivos

pás e picaretas lhes serão preciosas e o trabalho não mais lhes aborrece.

— De qualquer maneira, em identicas condições, as unidades que trabalham têm menores perdas que as outras. E os comandantes que, abandonando esse dever imposto pela experientia, não fizerem executar trabalhos de sapa, serão considerados verdadeiros criminosos perante si proprios, seus homens, seus chefes e seu país.

da nova lei, para bem assimila-los e poder agir no sentido conveniente.

Da nova lei resulta *nitida*, não só dos diseres do texto, como até da ordem em que estes diseres são ali dispostos a *idéa precisa e inconfundivel* de que o Exercito *existe para a guerra*.

Este deve ser, portanto, o pensamento dominante e *justificativo* de sua atividade na paz e da existencia dos diversos elementos que o constituem. Tudo nele deve vir orientado para uma aplicação de guerra, desde o nascedouro.

Essa *idéa mesma o prepara* para exercer uma *influencia benefica* na vida da nação um tempo de paz, por isso que ele tem *necessidade de ordem, de disciplina*, de elevado espirito e sentimento nacionais.

Esse carater profundamente naciona- lista do Exercito ressalta inconfundivel do Artigo 3.º do Capítulo II em que se definem as «Bases da Organisação militar do País».

Ponto importante a fazer salientar da nova lei organica do Exercito é o *espirito de objetividade* que ela impõe á mentalidade militar, a qual deve condicionar de modo absoluto toda atividade do Exercito em tempo de paz.

Não será por esse principio o Exercito uma pura abstração, nem um lugar proprio a dissertações teoricas ou locubrações intelectuais. Nele predomina a *idéa de aplicação imediata*, só esta tem valor.

Ao dar-se na caserna cultura fisica ou *cultura civica*, como a instrução militar propriamente dita, a primeira causa a determinar será assim precisar bem a *noção de suas aplicações*, definir com nitidez a razão de ser desse trabalho.

Recordar tais cousas parece iminente- mente oportuno no momento atual, em que a *idéa de Patria periclitante entre nós, solapada por uma propaganda bolshevista dissolvente*, e por um espirito *re- gionalista obsecado*, ao mesmo tempo a desamparam ingenuos teoristas de uma democracia já falida.

**

Convém reter bem de memoria este dispositivo da nova lei:

4.—A *organização do Exercito em tempo de paz* tem por fim:

— garantir, com as demais forças nacionaes, a segurança interna;

— assegurar a formação de nucleos instruidos e aparelhados de onde emane o exercito em pé de guerra.

Portanto, deve:

- a)— prover a instrução militar dos cidadãos;
- b)— prever e preparar a mobilização do pessoal, fornecendo-lhe o necessário enquadramento;
- c)— prever e preparar o aprovisionamento das forças consignadas nos planos de operações;
- d)— garantir a cobertura da mobilização e da concentração das forças.

Garantir com as demais forças nacionais a segurança interna, quer dizer manter a ordem nacional em colaboração com a Marinha e com tudo que é força material ou moral corrente com a idéia da Patria. É o elemento essencial e de base para que possa assegurar a formação de nucleos instruidos donde emane o Exercito do pé de guerra.

«O Ministerio da Guerra é, portanto, de alguma sorte, uma vasta oficina onde se forjam e afiam as armas da Nação, isto é, os meios de defesa de seus direitos politicos e de sua honra nacional.»

Von Moltke, o velho.

LIVROS Á VENDA

ASSUNTOS	AUTORES	PREÇO	Pelo correio mais
<i>Manobras da Circunscrição Militar</i> (Setembro 1931) sob a direção do gen. Klinger	4\$000	
<i>Noções de topografia de campanha</i>	General Paes de Andrade...	7\$000	7\$00
<i>Adestramento para o combate</i>	" " " "	3\$000	\$500
<i>Ensinaimentos táticos sobre a D.I. na ofensiva</i> (Ensinaimentos da M.M.E.). Ed. 1931..	Tenente-Coronel Gentil Falcão	3\$000	\$500
<i>Assuntos Militares</i> (Gen. Gamelin). Trad. do <i>A Defesa Nacional</i> (Propaganda e regulamento do Serviço Militar). Ed. 1923	10\$000	1\$000
<i>Operações de uma D. I. durante a Grande Guerra</i> . Gen. Gamelin e Cmt. Petibon. Tradução do	" " " "	5\$000	\$700
<i>O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia</i> (Coronel Triguier). Trad. do <i>Telemetros</i>	" " " "	12\$000	1\$000
<i>Orientação em campanha</i>	Coronel Francisco José Pinto .	4\$500	\$600
<i>O que é preciso saber da Infantaria</i> (Coronel Abadie). Tradução do	Ten. Cel. Dermeval	3\$000	\$500
<i>Impressões do estágio no Exército francês</i> ...	" "	3\$000	\$500
<i>Notas á margem dos exercícios táticos</i>	" "	5\$000	\$800
<i>Infantaria—Notas de estudos sobre os novos regulamentos</i>	Ten. Cel. J. B. Magalhães ..	2\$000	\$500
<i>Aspectos Geográficos Sul-Americanos</i>	Major Travassos	6\$000	\$700
<i>Manual de licenças</i>	" "	5\$000	\$600
<i>Brasil-Alemanha</i>	Major Mario Travassos	5\$000	1\$000
<i>Curso de educação física</i> (1.º vol.)	Capitão Silva Barros	7\$000	1\$000
<i>Notas sobre o comando do batalhão no terreno</i> (Tradução)	Capitão Salgado dos Santos ..	6\$000	1\$000
<i>Règlement du Genie</i> (1.º p., 1.º vol.)	Tenente O. Rangel Sobrinho	7\$000	\$700
<i>Combate e serviço em campanha</i>	Comandante Audet	3\$000	\$700
<i>Escola do Pelotão</i>	6\$000	1\$000
<i>O Tiro de Artilharia de Costa</i> (Tradução) ..	Major Tristão Araripe	10\$000	1\$000
<i>Notas sobre o emprego da Artilharia</i>	" "	10\$000	1\$500
<i>Defesa de Costa e o Tiro Costeiro</i>	4\$000	\$800
<i>Manual do Sapador Mineiro</i>	Major J. Verissimo	10\$000	1\$000
<i>Combate de Infantaria</i>	1.º Ten. Joaquim J. Gomes da Silva	8\$000	\$700
<i>O Telefone de Campanha</i>	Cap. Benjamin Galhardo (no prelo)		
<i>As linhas telefónicas de Campanha</i>	Major A. Soares dos Santos ..	6\$000	\$700
<i>Quadros Comutadores</i>	Cap. Lima Figueiredo	1\$500	\$500
<i>Mémoires</i>	" "	2\$000	\$500
<i>Mémoires</i>	" "	1\$500	\$500
<i>Manual do granadeiro</i>	Marechal Foch	72\$500	
<i>O Livro do Soldado</i>	Marechal Joffre	87\$400	
<i>Formulario do Contador</i>	Major José Faustino	3\$000	\$500
<i>Indicador Alfabetico</i>	Major Tristão Araripe	3\$000	\$500
<i>A técnica do Tiro de Costa</i>	Ten. José Sales	4\$000	\$500
	Sgt. Ajt. Odon Braga	3\$500	\$500
	Cap. Ari Silveira	30\$000	1\$000

A Gerencia de "A DEFESA NACIONAL" incumbe-se da venda de livros militares, mediante condições a combinar com os autores interessados.

Facilitaremos aos nossos assinantes a obtenção de livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, mediante a taxa de 1\$500 ou 2\$000 para o registro e expediente. A quantia correspondente deverá ser remetida adiantadamente, em vale postal.

A Gerencia não se responsabiliza pelos extravios no Correio.

Dirigir os pedidos ao Bibliotecario d"A DEFESA NACIONAL", Caixa Postal 1602, Rio. Sede provisória da Gerencia: QUARTEL GENERAL DO EXERCITO, FACE DOS FUNDOS.